

A Representação Mediática do Conflito Israelo- Palestiniano no Jornal da Noite da SIC

Ana Catarina da Conceição Freire de Andrade

**Relatório de Estágio de
Mestrado em Jornalismo**

Julho, 2025

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a orientação científica do
Professor Doutor Pedro Manuel Rouxinol Samina Coelho

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao professor Pedro Coelho pelo acompanhamento atento ao longo deste período.

A toda a equipa da SIC, com quem aprendi muito nos três meses que lá passei e aos amigos que fiz nessa jornada.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e motivaram a seguir os meus sonhos.

Ao meu avô, que já não estando cá, olha por mim noutro universo.

Ao Leo por todo o amor e palavras de carinho que me ajudam a manter o equilíbrio.

Às minhas amigas que me deram força e alegria nos momentos mais exigentes.

O mais sincero e sentido obrigada a todos.

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

A Representação Mediática do Conflito Israelo-Palestiniano no Jornal da Noite da SIC

ANA CATARINA DA CONCEIÇÃO FREIRE DE ANDRADE

RESUMO

O conflito israelo-palestiniano registou uma nova escalada de violência a partir do dia 7 de outubro de 2023, quando o Hamas lançou um ataque, sem precedentes, sobre Israel. Desde aí, a Faixa de Gaza tem vindo a ser alvo de repetidos bombardeamentos, que, até à data, já provocaram a morte de mais de 55 mil palestinianos. O presente relatório analisa, assim, a cobertura do conflito no *Jornal da Noite* da SIC. Para tal, foi conduzida uma análise quantitativa das peças exibidas em três períodos distintos: na primeira semana de conflito; na semana em que se completaram seis meses e na semana do primeiro aniversário. Posteriormente, foi realizada uma análise qualitativa das reportagens elaboradas pelo correspondente da SIC em Israel, Henrique Cymerman, a quem foi, também, feita uma entrevista.

Os resultados da investigação evidenciam uma tendência de diminuição do interesse mediático à medida que o conflito se vai prolongando no tempo, bem como a predominância de temas e fontes associadas à perspetiva israelita. A notícia destaca-se como o principal género jornalístico das peças analisadas. Quanto às reportagens, verificou-se que as vítimas israelitas têm uma representação mais humanizada do que as palestinianas e que o exército israelita é retratado de forma mais positiva, destacando-se os seus sucessos. O Hamas, por outro lado, é apresentado como um grupo ligado ao terrorismo, enfatizando-se as suas ações violentas. Estes dados sugerem que a cobertura da SIC se aproxima dos restantes meios ocidentais, cuja representação apresenta uma tendência pró-israelita do conflito.

O relatório resulta, assim, de um estágio de três meses na redação da SIC, durante os quais foi possível acompanhar as rotinas produtivas, recolher os dados para a análise e estruturar metodologicamente o trabalho.

Palavras chave: Gaza, Palestina, Israel, Hamas, Jornal da Noite, SIC, Representação Mediática, Jornalismo de Guerra

Media Representation of the Israeli-Palestinian Conflict on SIC's Jornal da Noite

ABSTRACT

The Israeli-Palestinian conflict escalated into violence on October 7, 2023, when Hamas launched an unprecedented attack on Israel. Since then, the Gaza Strip has been the target of repeated bombardments, which have so far led to the death of more than 54,000 Palestinians. This report analyzes the coverage of the conflict on *SIC's Jornal da Noite*. To this purpose, a quantitative analysis of the pieces shown in three different periods was carried out: the first week of the conflict, the week six months after and the week of the first anniversary. Subsequently, a qualitative analysis of the news reports was carried out. These reports were made by *SIC's* correspondent in Israel, Henrique Cymerman, who was also interviewed.

The results of this research show a tendency for media interest to decrease as the conflict continues, as well as the predominance of topics and sources associated with the Israeli perspective. News stands out as the main journalistic genre in the pieces analyzed. As for the reports, Israeli victims are more humanized than the Palestinian ones and the Israeli army is portrayed in a positive way, highlighting its successes. Hamas, on the other hand, is presented as a group linked to terrorism, with an emphasis on its violent actions. This data suggests that *SIC's* coverage is closer to that of other Western media, whose coverage shows a pro-Israeli bias in the conflict.

The report is the result of a three-month internship in the *SIC* newsroom, during which it was possible to follow production routines, collect data for analysis and structure the work methodologically.

Keywords: Gaza, Palestine, Israel, Hamas, Jornal da Noite, SIC, Media Representation, War Journalism

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: O Estágio na SIC	2
I. 1. Grupo Imprensa e SIC	2
I. 2. Descrição do Estágio.....	4
I. 2.1 SIC Notícias	4
I. 2.2 Primeiro Jornal	5
I. 3. Reflexões de uma estagiária	8
Capítulo II: Enquadramento Teórico	8
II. 1. As origens do Conflito Israelo-Palestiniano	8
II. 2. O Jornalismo de Guerra.....	15
II. 2.1 Uma breve história sobre o Jornalismo de Guerra	16
II. 2.2 A Hegemonia Ocidental e o surgimento da Al-Jazeera.....	20
II. 2.3 O Repórter de Guerra	23
II. 3. A Objetividade e a Subjetividade Jornalística	25
II. 3.1 A Objetividade e Subjetividade Jornalística na cobertura de conflitos	28
II. 4. A Representação Mediática.....	32
II. 4.1 A Representação Mediática do Conflito: Como foram representados os israelitas e os palestinianos?	33
II. 4.2 A Representação mediática do conflito israelo-palestiniano em Portugal.....	44
Capítulo III: Opções Metodológicas	46
III. 1. Pergunta de partida e objetivos de investigação.....	46
III. 2. Desenho de pesquisa, Métodos e Técnicas.....	47
III. 2.1 Análise de Conteúdo	47
III. 2.2 Entrevista semiestruturada	49

Capítulo IV: Análise e Discussão de Resultados.....	50
IV. 1. O conflito israelo-palestiniano no Jornal da Noite da SIC: espaço e tempo concedidos ao assunto	50
IV. 2 Os temas e as vozes da guerra no Jornal da Noite	54
IV. 3 As reportagens no terreno: Como foram representados os israelitas e os palestinos	63
Conclusão.....	78
Referências Bibliográficas	82
Lista de Tabelas	101
Lista de Gráficos	101
Apêndice A: Transcrição da entrevista a Henrique Cymerman.....	i
Apêndice B: Tabelas da análise qualitativa de cada reportagem analisada	v

LISTA DE ABREVIATURAS

AP – Autoridade Palestiniana

IDF – Forças de Defesa Israelitas

NATO- Organização do Tratado do Atlântico Norte

OLP – Organização para a Libertação da Palestina

ONG- Organização não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

UNRWA - Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Médio Oriente

INTRODUÇÃO

O conflito israelo-palestiniano é um dos mais complexos e duradouros da história contemporânea. Marcado por décadas de tensão e violência, o conflito permanece uma questão central da agenda internacional, sobretudo após o ataque do Hamas em Israel, no dia 7 de outubro de 2023, que desencadeou uma guerra que já matou mais de 55 mil palestinianos (Anadolu Ajansı, 2025). Apesar da crise humanitária e dos apelos reiterados da comunidade internacional por um cessar-fogo, o exército israelita continua sem dar tréguas aos cerca de dois milhões de habitantes da Faixa de Gaza. Várias organizações e líderes internacionais apelidaram a situação de genocídio, mas este conflito, que se prolonga há mais de um ano e meio, continua sem sinais de resolução (Chance, 2025).

Dada a sua relevância, a guerra tem recebido uma ampla cobertura jornalística, que evidencia o papel crucial dos meios de comunicação na apresentação e entendimento dos factos pelo público (Minges, 2023). No entanto, os meios ocidentais têm vindo a ser alvo de duras críticas pela sua postura pró-israelita que obedece, maioritariamente, às narrativas do Estado judaico (Hanif, 2024; Krishnan, 2024; King & Jegić, 2024).

Neste sentido, o presente relatório incide num estudo de caso que analisa a cobertura mediática do conflito em Portugal, usando como pano de fundo o *Jornal da Noite* da SIC, estação onde foi realizado o estágio curricular, no âmbito da componente não letiva do Mestrado em Jornalismo. De forma a orientar a investigação, definiu-se a seguinte pergunta de partida: *Como foi representado o conflito israelo-palestiniano, no Jornal da Noite da SIC?*

Para ajudar a dar resposta a esta questão definiram-se três objetivos de investigação: 1) *Caracterizar o espaço dado ao conflito israelo-palestiniano no Jornal da Noite*; 2) *Compreender como foram representados os israelitas e os palestinianos durante a cobertura do conflito*; 3) *Comparar a representação mediática do conflito entre Israel e Gaza em três períodos: na primeira semana de conflito, de 7 a 14 de outubro de 2023; na semana de 7 a 14 de abril de 2024, quando se completaram seis meses; e na semana de 7 a 14 de outubro de 2024, durante o primeiro aniversário.*

Para isso, foi realizada uma análise quantitativa de conteúdo às peças emitidas no *Jornal da Noite* durante o período de investigação, bem como uma análise qualitativa das

reportagens realizadas a partir do Médio Oriente. Tudo isto foi complementado pela entrevista ao correspondente da *SIC* em Israel, Henrique Cymerman, que desenvolveu essas mesmas reportagens.

O relatório segue uma estrutura que começa com a caracterização do estágio, no Capítulo I, onde se descreve a entidade de acolhimento, bem como as experiências e os conhecimentos adquiridos ao longo dos três meses na redação da *SIC*. Em seguida, o Capítulo II apresenta o enquadramento teórico e a revisão da literatura, que sustentam a investigação. Este está organizado em quatro subcapítulos: o primeiro faz uma breve contextualização do conflito e das suas origens; o segundo explora o conceito de jornalismo de guerra e caracteriza os repórteres que trabalham nas zonas de conflito; o terceiro aprofunda um dos principais dilemas éticos da profissão - a objetividade jornalística -, particularmente desafiante em tempos de guerra; e, por último, o quarto subcapítulo reúne diversos estudos que caracterizam a cobertura mediática da guerra, servindo de base comparativa para a análise que se segue.

O Capítulo III descreve os métodos e técnicas utilizados durante a investigação, que culmina com o Capítulo IV, onde são apresentados os resultados da análise quantitativa (no primeiro e segundo subcapítulos) e da análise qualitativa (no terceiro subcapítulo). As respostas dadas por Henrique Cymerman, durante a entrevista, são utilizadas neste último para complementar os resultados e abrir caminho para a discussão dos mesmos, onde existe uma ligação e comparação destes com os dados de outras investigações. Desta forma, o grande propósito do relatório é fornecer uma análise que ajude a explicar a forma como o conflito e os seus intervenientes foram representados no *Jornal da Noite* da *SIC*.

CAPÍTULO I – O ESTÁGIO NA SIC

1. Grupo Impresa e SIC

A história do Grupo Impresa começa em 1972, quando o jornalista e empresário Francisco Pinto Balsemão cria a *Sojornal*, embrião do que viria a tornar-se o Grupo Impresa. Um ano mais tarde, em 1973, nasce o jornal *Expresso*, que desde os primeiros dias se “afirma como uma das referências da sociedade portuguesa”, num período ainda marcado pela censura do Estado Novo (Impresa, s.d, para. 11).

Nos anos seguintes surgem novos projetos, como o *Blitz*, jornal dedicado exclusivamente à música, e a *Exame*, a primeira revista de negócios em Portugal. Porém, foi só em 1992, no dia 6 de outubro, que a grande inovação do grupo começou a dar os primeiros passos. “Boa tarde. Estudantes de luto contra as propinas. Esta é uma semana de intensa contestação ao Ministro Couto dos Santos.” É assim que começa a primeira emissão da *SIC - Sociedade Independente de Comunicação*. O novo canal de televisão foi para o ar às 16h30, com a jornalista Alberta Marques Fernandes a apresentar o primeiro noticiário emitido pela estação.

Um ano antes, a *SIC* e a *TVI* tinham ganho um concurso nacional para a exploração de canais televisivos privados em Portugal. É desta forma que nasce a *SIC*, multiplicando as opções do telespectador. Se, até aí, a *RTP* era o único canal de televisão no país, a criação de canais privados pôs termo ao “monopólio do Estado na televisão, com mais de 30 anos” (RTP Arquivos, 1992).

Depois de três anos no ar, a *SIC* tornou-se líder de audiências graças a “uma forte aposta em programas de informação, entretenimento, documentários e programas de ficção falados em português” (Impresa, s.d, para. 2). Nessa altura, a estação também começa a alargar os seus públicos, criando a *SIC Internacional*, em 1997, dedicada aos portugueses no estrangeiro e aos falantes da língua; e a *SIC Notícias*, que nasce em 2001, como o primeiro canal português de informação com conteúdos 24 horas por dia.

Nos anos seguintes, a *SIC* foi-se expandido e atualmente conta com outros 5 canais: *SIC Radical* (2001); *SIC Mulher* (2003); *SIC K* (2009); *SIC Caras* (2013); e *SIC Novelas* (2024). Para além destes canais de televisão, do *Expresso* e da *Blitz*, o Grupo Impresa é ainda detentor de marcas como o roteiro *Boa cama Boa mesa*; o site desportivo *Tribuna*; a plataforma de streaming *OPTO*; a associação de solidariedade *SIC Esperança*; a empresa tecnológica *Info Portugal*; o *Atelier Impresa*; a agência de talentos *ÓBVIO*; e a prestadora de serviços técnicos televisivos *GMTS*.

Ao nível da informação, a redação da *SIC* está sediada na Rua Calvet Magalhães, nº 242, em Paço de Arcos, depois de em 2019 ter mudado os seus estúdios, até então sediados em Carnaxide. No que diz respeito às editorias, a redação está dividida por Sociedade, Internacional, Política, Desporto, Cultura e Economia. A *SIC* generalista transmite dois noticiários por dia – o *Primeiro Jornal*, à hora de almoço e o *Jornal da Noite*, às 20h. Por

outro lado, durante a semana, a *SIC Notícias* transmite oito blocos informativos: a *Edição da Manhã*; o *SIC Notícias Manhã*; o *Jornal SIC Notícias*; o *SIC Notícias Direto*; o *Jornal do Dia*; a *Grande Edição*; a *Edição da Noite*; e o *Jornal da Meia-Noite*. Para além disso, ainda transmite noticiários temáticos como o *Mercado Aberto*, dedicado ao desporto ou o programa *Negócios da Semana*, sobre economia.

O diretor de informação da *SIC* é Bernardo Ferrão, depois de Ricardo Costa ter saído desse cargo para passar a administrador do grupo Impresa, no início de 2025. José Gomes Ferreira e Marta Brito dos Reis são diretores-adjuntos de informação. Como subdiretores de informação estão Martim Silva e Patrícia Moreira.

2. Descrição do Estágio

O meu estágio curricular teve início no dia 21 de outubro de 2024. Apesar de nervosa, estava bastante entusiasmada para iniciar uma nova etapa do meu percurso académico e profissional. Quando cheguei, sentei-me no sofá da entrada, onde se juntaram as minhas colegas de turma que também iam começar o estágio. Inicialmente fomos recebidas pelo Tiago Cardoso, dos recursos humanos, que nos “passou” à Ana Marisa Silva, gestora da redação.

Foi-nos apresentado o edifício onde iríamos passar os próximos três meses e a redação, que se transformaria numa segunda casa. Depois das primeiras introduções, fomos dar uma vista de olhos aos estúdios, onde a jornalista Marta Atalaya conduzia a edição. De volta ao piso de cima, reunimos para discutir os horários e os calendários de cada uma. Nesse dia ficou estabelecido que o meu estágio seria dividido em dois períodos – inicialmente ficaria na *SIC Notícias* e depois passaria para o *Primeiro Jornal*.

2.1 SIC Notícias

Durante o primeiro mês integrei a equipa da *SIC Notícias*, fazendo o horário das 13h às 20h. Nos primeiros dias, dediquei-me a observar as dinâmicas da redação e a familiarizar-me com os programas utilizados. Sentava-me ao lado de alguns elementos da equipa e ia apontando tudo o que me explicavam. Depois de aprender a trabalhar com o

Hive, programa que usamos para a edição de vídeo, e com *ENPS*, onde escrevemos as notícias, chegou o momento de pôr em prática tudo aquilo que tinha estado a aprender nos dias anteriores.

Na *SIC Notícias* tive, pela primeira vez, contacto direto com a informação que chega das agências, como a *Lusa*, a *Reuters* ou a *Associated Press*. Foi, também, lá que aprendi a transformar essa informação em *offs* e a construir *ths*. Durante o primeiro mês fiz alguns *offs* sobre os mais variados temas, na sua maioria de âmbito internacional, incluindo sobre ataques israelitas que ocorreram no Líbano e em Gaza – temas que já me interessavam previamente e que na redação ganharam uma nova dimensão, reforçando o meu desejo de analisar e investigar, com maior profundidade, a representação mediática do conflito. Para além disso, ainda construí alguns blocos de imagens sobre a tempestade que assolou Valência; a visita da ministra da saúde às instalações do INEM e até sobre Elon Musk.

Nesse período também cortei alguns *ths*, ou *talking heads*, isto é, pequenos excertos de entrevistas ou conferências de imprensa. Mas como nem todas as experiências correm bem, aqui fica uma que serviu de aprendizagem: Quando fui incumbida de fazer um *th* do presidente do governo espanhol, Pedro Sánchez, pensei que tinha tudo para correr bem. A verdade é que não correu exatamente como esperado.... Como não sabia que tinha de enviar o *th* para a legendagem, ele acabou por ir para o ar sem legendas. Claro que fiquei desanimada por deixar ficar mal a equipa, mas a coordenadora Liliana Carvalho disse-me algo que não esqueci: “É a errar, que se aprende”. E é mesmo, porque a partir daí não voltei a cometer o mesmo erro.

2.2 Primeiro Jornal

Depois de ter passado um mês na *SIC Notícias*, no dia 18 de novembro entrei no *Primeiro Jornal* e foi aí que aprendi e comecei a fazer as minhas primeiras peças. Mas antes de passar à escrita, acompanhei várias jornalistas em reportagem para aprender e visualizar todo o processo de uma saída da redação. Fui com a jornalista Ana Paula Félix à inauguração de uma ala hospitalar... visitei, com a jornalista Marta Tuna, um centro de explicações... estive numa conferência de imprensa da Ministra do Trabalho, com a jornalista Carolina Piedade... e acompanhei a jornalista Teresa Ribeiro a uma reunião do

INEM com a Liga dos Bombeiros. Já na redação, sentei-me junto delas para poder ver a elaboração e a montagem da peça.

A partir da segunda semana, o coordenador Luís Manso deixou-me “meter as mãos na massa” e confiou-me a minha primeira peça, sobre a queda de um avião na Lituânia. Uma mistura de entusiasmo e nervosismo apoderaram-se de mim, pois, apesar de ter acompanhado várias jornalistas na semana anterior, percebi que há uma grande diferença quando somos nós a assumir o trabalho.

Como não estava habituada e nunca tinha feito nada do género, demorei o que pareceram “séculos” a escrever o texto. Para além disso e uma vez que os estagiários não podem sonorizar as próprias peças, também foi difícil e demorado o processo de encontrar algum jornalista disposto a dar voz e a rever-me o texto. Vários foram os dias em que o meu trabalho demorou mais tempo por não encontrar alguém disponível para tal. A verdade é que a maior parte dos jornalistas estão a trabalhar nas suas próprias peças e não têm tempo para corrigir as dos estagiários e, nesse sentido, às vezes senti-me um pouco desamparada.

De volta à primeira peça, depois de vários minutos de ansiedade, ela foi finalmente para o ar e consegui respirar de alívio. A partir daí, na mesma semana, sucederam-se outras sobre temas internacionais: apoios monetários a Valência; proibição do uso das redes sociais a menores de 16 anos na Austrália; e as reações de Jair Bolsonaro aos crimes de que é acusado.

Durante a terceira e quarta semanas de estágio no *Primeiro Jornal* continuei a acompanhar jornalistas nos seus serviços e fiz algumas peças já inseridas na quadra natalícia, que se aproximava. Também fiz o meu primeiro serviço sozinha com o repórter de imagem Humberto Candeias, que me ajudou, desde logo, a lidar com o nervosismo. Um jornalista de Faro precisava de *vox-pops* e, como tal, fui a Algés entrevistar alguns idosos para ele poder usar os “vivos”, ou seja, os testemunhos, na sua reportagem. Os *vox-pops* são entrevistas de curta duração realizadas espontaneamente na rua.

Foi na quinta semana que propus o meu primeiro trabalho: tomei conhecimento de uns assaltos que tinham vindo a acontecer em algumas escolas do concelho de Loures e falei disso ao coordenador André Antunes, que, prontamente, me deixou fazer uma peça

sobre o assunto. Contactei as direções das escolas, uma associação de pais e a PSP e, a partir daí, construí a minha primeira reportagem, que foi para o ar no dia 19 de dezembro.

Foi também nessa semana que realizei, pela primeira vez, uma peça sobre um serviço a que tinha ido no próprio dia. Isto é, fui à Baixa falar com alguns comerciantes de rua para fazer uma pequena peça para o *Primeiro Jornal* desse mesmo dia. A experiência foi um pouco stressante, uma vez que cheguei já tarde à redação e não tive, eventualmente, o tempo que gostaria para escrever algo melhor. No entanto, foi uma ótima oportunidade para perceber como funciona o trabalho diário de um jornalista.

Por esta altura já se comemorava uma das datas mais especiais do ano – o Natal – e em 2024 celebrei-o de uma forma bastante diferente: em vez de em casa com a família, passei a consoada junto dos meus colegas na *SIC Notícias*. Foi uma experiência inesquecível e que, para minha surpresa, acabei por gostar muito.

De volta à rotina normal de *Primeiro Jornal*, na sétima semana, fizeram-se as habituais notícias sobre o fim do ano. No dia 31 fiz uma peça sobre os desejos para 2025 e no dia 1 de janeiro fiz uma sobre o primeiro banho do ano na praia da Barra, na Gafanha da Nazaré. A jornalista que estava no local enviou-me o material e, a partir da redação de Paço de Arcos, escrevi a peça. Foi também nessa semana que fiz a minha primeira peça sobre meteorologia, que é já considerada a “praxe” de todos os estagiários.

Na oitava semana já começava a ver os ponteiros do relógio a andar mais depressa, sinal de que o estágio estava quase a terminar. No dia 7 de janeiro fiz não um, mas dois serviços: comecei o dia às 7h da manhã com o secretário-geral do PCP, em Mem Martins. De volta à redação, cortei dois *ths* para a *SIC Notícias* e depois fui “a correr” para a apresentação da nova grelha da *SIC*, para o ano de 2025. Entrevistei, nada mais nada menos, que Daniel Oliveira, Bernardo Ferrão, César Mourão e a atriz Patrícia Tavares. Quando cheguei à redação cortei os “vivos” e montei a peça para o Jornal.

A reta final do meu estágio ficou marcada pelas últimas duas peças que fiz que, contrariamente a todas as outras, puderam ser sonorizadas por mim. Foi um grande marco conseguir ouvir a minha voz na televisão, depois de várias semanas a treinar na sala de áudio com a ajuda de grandes jornalistas da casa, como a Teresa Canto Noronha, a Fernanda de Oliveira Ribeiro e a Ana Paula Félix.

3. Reflexões de uma estagiária

Durante estes três meses, tive a oportunidade de passar por dois espaços dentro da redação da *SIC* que me permitiram ter, pela primeira vez, um contacto direto com a profissão de jornalista. Apesar de me ter licenciado em Ciências da Comunicação e de, atualmente, estar a fazer um mestrado em Jornalismo, nunca tinha entrado e trabalhado numa redação. Nesse sentido, a *SIC* foi uma escola onde pude aprender um pouco mais sobre a profissão.

Em três meses fiz *offs*, *ths*, blocos de imagens e cerca de 20 peças... saí algumas vezes da redação para fazer entrevistas... acompanhei jornalistas em reportagem... e ainda consegui “dar voz” a pequenos trabalhos que fiz. Para além disso, conheci amigos que ficarão para a vida e experienciei momentos que não vou esquecer.

No entanto, não posso dizer que todos os dias foram bons. Houve momentos em que estava mais motivada do que outros e dias em que não fiz nada porque o trabalho não chegava para todos os estagiários. No início do estágio, tanto o Tiago Cardoso como a Ana Marisa Silva nos disseram que tínhamos de ser “chatos” com os coordenadores e pedir trabalho. Mas a verdade é que, mesmo perguntando se havia alguma coisa que pudesse fazer, às vezes, simplesmente, não havia trabalho para todos.

Apesar desses dias menos positivos, o estágio foi uma experiência muito enriquecedora, por tudo o que aprendi e pelas pessoas que conheci. Dentro da redação cresci e aprendi a lidar melhor com algumas das minhas ansiedades e inseguranças, apesar de outras ainda permanecerem. Por tudo isso, considero que a Catarina que entrou em outubro na *SIC*, não é a mesma que saiu em janeiro.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. As Origens do Conflito Israelo-Palestiniano

O ataque do Hamas na manhã de 7 de outubro de 2023 desencadeou uma guerra no Médio Oriente que já ceifou a vida de dezenas de milhares de pessoas. Mas o conflito israelo-palestiniano tem raízes muito mais profundas. De acordo com Kriesberg (2001), a tensão entre judeus e palestinos pode recuar ao final do século XIX com o

crescimento da imigração judaica para a região da Palestina. Porém, foi com a criação do Estado de Israel, em 1948, que os confrontos tomaram outras proporções.

Para compreender a formação deste Estado é necessário entender o conceito de sionismo. Idealizado no final do século XIX, o sionismo tem como principal precursor, o escritor e jornalista austro-húngaro Theodor Herzl (Scott-Baumann, 2023). Segundo Elmalı (2023), o termo é utilizado para descrever a ideologia que defende a criação de um Estado judaico no território palestino. No entanto, a Palestina não foi o único território a ser considerado pelos sionistas para estabelecer esse estado - também o Uganda e a Argentina foram países cogitados (Reich, 2010). Todavia, os judeus possuíam laços históricos e religiosos profundos com o Médio Oriente.

Este povo teria vivido no território, que hoje corresponde a Israel e à Palestina, desde os anos 1500 a.C. (Scott-Baumann, 2023). Mais tarde, essa mesma região foi ocupada pelo Império Romano, dando origem a “inúmeras e violentíssimas batalhas e massacres contra os Judeus”, que se viram obrigados a fugir e dispersar por várias partes do mundo (Andrade, 2020, p. 10). Muitos refugiaram-se na Europa, onde, durante séculos, também sofreram inúmeras perseguições. Como consequência desses violentos ataques e do antissemitismo crescente, vários judeus emigraram para a Palestina no final do século XIX, num fenómeno que ficou conhecido como a primeira *Alyah*, isto é, a primeira onda migratória judaica para a Palestina, considerada, pela tradição judaica, a Terra Prometida por Deus aos descendentes de Abraão (Sokatch, 2021).

A Palestina, ao contrário do que o escritor Israel Zangwill escreveu sobre ser “uma terra sem povo”, já era habitada, maioritariamente, por povos árabes muçulmanos e controlada pelo Império Otomano, desde o século XVI (Andrade, 2020). No entanto, a partir do século XIX, o Império começou a apresentar sinais de declínio, que coincidiram com o início do êxodo judaico. Por essa altura, a Palestina era uma região pobre e subdesenvolvida, onde a população vivia, essencialmente, da agricultura (Sokatch, 2021). Nesse contexto, as adversidades rapidamente escalaram quando os judeus começaram a comprar terras e a substituir os trabalhadores árabes (Scott-Baumann, 2023).

O colapso do Império chegou em 1918, com o final da Primeira Guerra Mundial. No seguimento, alguns territórios do Médio Oriente foram entregues às grandes potências europeias, Reino Unido e França, sob a supervisão da Liga das Nações, com o objetivo

de promover a independência dos mesmos. Assim, em 1920, iniciou-se o Mandato Britânico na Palestina, que viria a ter um papel fulcral na rutura entre árabes e judeus (Reich, 2010).

Ainda antes do estabelecimento do mandato, em 1917, o Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Arthur Balfour, endereçou uma carta ao Lorde Rothschild, um influente judeu britânico, na qual expressava o seu apoio à criação de um Estado judaico na Palestina. Essa carta viria a ser eternizada como a Declaração de Balfour:

“O Governo de sua majestade vê como favorável a criação, na Palestina, de uma pátria nacional para o povo judaico. O Governo envidará todos os esforços para ajudar a concretizá-la. Existe um entendimento claro de que nada será feito para prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas existentes na Palestina, ou os direitos e estatuto político que os judeus gozam em qualquer outro país” (Balfour, 1917, citado por Scott-Baumann, 2023, p. 26).

De acordo com Khalidi (1997), os árabes foram excluídos da Declaração, embora representassem cerca de 90% da população que habitava o território. Sendo apenas tratados como “não judeus”, o autor defende que esta foi uma atitude pró-sionista que vê os judeus como mais merecedores de autodeterminação.

Em 1945, com o final da Segunda Guerra, a Europa encontrava-se destruída. Seis milhões de judeus foram mortos no Holocausto e a promessa de independência, uma vez feita pelos britânicos aos palestinianos, nunca chegaria a ver a luz do dia. Durante as perseguições, muitos judeus emigraram para a Palestina e vários outros sobreviventes fizeram o mesmo com o final do conflito (Khalidi, 1997). Tudo isto culminou com a saída da Grã-Bretanha da Palestina, que deixou nas mãos da recém-criada Organização das Nações Unidas o futuro do território (Beinin & Hajjar, 2014). No dia 29 de novembro de 1947, a ONU aprovou a resolução 181, que repartiu o território palestiniano em três partes: um Estado Judeu, um Estado Árabe e uma zona internacional, referente às cidades de Jerusalém e Belém, que ficaria a cargo das Nações Unidas (Scott-Baumann, 2023).

A repartição não agradou aos palestinianos, que viram nesta ação uma traição ao seu povo, já que o Estado Judeu ficaria com mais território, ainda que tivessem uma menor densidade populacional. Assim, os conflitos entre árabes e judeus acentuaram-se logo após a resolução (Beinin & Hajjar, 2014).

No dia 14 de maio de 1948, o líder sionista David Ben-Gurion anunciou a independência do Estado de Israel. No seguimento, cinco países árabes vizinhos – Egito, Síria, Jordânia, Iraque e Líbano - declararam guerra ao recém-criado Estado. Depois de um ano de conflito, em 1949, foi assinado um armistício e estabeleceu-se uma fronteira temporária (Silva & Philippini, 2017). A Jordânia ocupou Jerusalém Oriental e a Cisjordânia, enquanto o Egito tomou o controlo da Faixa de Gaza. Israel ganhou mais terreno, ficando com 77% do território. Como consequência, estima-se que cerca de 700 mil palestinianos se tenham tornado refugiados. O mesmo acontecimento ficou, assim, marcado para os dois povos de formas distintas: enquanto os israelitas olham para este período como a Guerra da Independência, os palestinianos consideram-no *Nakba*, palavra árabe que significa catástrofe (Beinin & Hajjar, 2014).

Em 1967, um novo conflito tomou o Médio Oriente. A Guerra dos Seis Dias, como ficou conhecida, integrou os mesmos protagonistas e culminou com a conquista de mais território para o lado israelita. Para além da ocupação da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, Israel conseguiu ainda a Península do Sinai, pertencente ao Egito, e os Montes Golã na Síria (Silva & Philippini, 2017). O governo israelita ainda anexou Jerusalém Oriental, ato que foi duramente condenado pela ONU. Muitos moradores palestinianos foram expulsos e as suas habitações destruídas, para dar lugar a um bairro judaico. Nos territórios ocupados, foi também incentivada a construção de colonatos, isto é, bairros onde vivem cidadãos israelitas (Scott-Baumann, 2023). A maioria dos países considera estes assentamentos ilegais, ainda assim, estima-se que atualmente mais de 529 mil israelitas residam em colonatos judeus na Cisjordânia (Bard, 2025). E esse número vai aumentar, uma vez que, no final do mês de maio de 2025, em plena guerra, o governo israelita anunciou a construção de mais 22 colonatos, invocando um direito histórico sobre o território (Chitty, 2025).

Apenas seis anos mais tarde, em 1973, um novo conflito espoletou. No dia 6 de outubro, *Yom Kippur*, dia sagrado no calendário judaico, o Egito e a Síria invadiram os territórios ocupados da Península do Sinai e dos Montes Golã. No final dos anos 70, Israel e o Egito assinaram os Acordos de Camp David, que resultaram na retirada do Estado judaico da Península do Sinai (Sokatch, 2021).

Em 1982, Israel invade o Líbano, pela primeira vez, e consegue chegar à capital, Beirute. O principal objetivo era derrubar a Organização para a Libertação da Palestina

(OLP), fundada em 1964 com o intuito de “liderar a luta para a reconquista” do território palestino (Scott-Baumann, 2023, p. 248). À data, a OLP atuava no Líbano, depois de, em 1970, ter sido expulsa da Jordânia. Durante a invasão, morreram mais de 20 mil pessoas e Yasser Arafat, líder da OLP, viu-se obrigado a mudar “o seu quartel-general para a Tunísia” (p. 141).

É durante esse período conturbado que o Hezbollah começa a ganhar força. Criado há 43 anos, durante a Guerra Civil Libanesa (1975-1990), o Hezbollah, ou Partido de Deus, em português, é um grupo fundamentalista islâmico de cariz político e militar. Nasceu e cresceu com o objetivo de combater a limitada representação xiita e rapidamente se tornou “parte integrante da estrutura política libanesa” (Almeida, 2023, p.32). Durante a invasão, serviu como “organização de libertação contra a ocupação israelita” (p.33), sendo fortemente apoiado pelo Irão (Sokatch, 2021).

Em 1987, quatro palestinos foram mortos num campo de refugiados, por um veículo do exército israelita (Scott-Baumann, 2023). Os funerais transformaram-se em manifestações que rapidamente deram início à primeira Intifada, movimento de revolta contra a ocupação israelita na Faixa de Gaza e na Cisjordânia (Elmal, 2023). Mas os anos 90 pareciam trazer uma esperança de paz. Yitzhak Rabin, primeiro-ministro israelita, e Yasser Arafat, líder da OLP, reuniram-se naqueles que ficaram conhecidos como os Acordos de Oslo. Sob mediação do Presidente norte-americano, Bill Clinton, Arafat reconheceu a existência de Israel e o seu direito à segurança, enquanto Rabin reconheceu a OLP como representante soberana dos palestinos (Reich, 2010).

Pela primeira vez na história, assistiam-se a negociações de paz que pareciam poder pôr termo a um conflito que já durava há décadas. Mas isto viria a ser sol de pouca dura. Em 1987, ano em que se iniciou a primeira Intifada, surgiu um novo grupo palestino, o Hamas ou Movimento de Resistência Islâmica, que, ao contrário da OLP, não aceitava os Acordos de Oslo. Sendo considerado por grande parte do mundo ocidental como terrorista, o grupo vê na guerra religiosa (*jihad*), a única forma de libertar a Palestina da invasão sionista (Santos, 2008).

Vários membros conservadores do partido israelita *Likud*, cujo atual presidente é Benjamin Netanyahu, também não ficaram contentes com as perspetivas de paz. Inúmeras manifestações fizeram-se ecoar em Israel, muitas delas violentas. Em 1995, durante um

comício de apoio aos Acordos de Oslo, um militante de extrema-direita assassinou o primeiro-ministro, Yitzhak Rabin (Sokatch, 2021). Pouco tempo depois, chegaria ao poder “Bibi” Netanyahu. O atual primeiro-ministro foi chefe de governo até 1999 e dez anos mais tarde retomou o cargo, que é seu até aos dias de hoje¹.

Assim, ao contrário do que se podia prever com os Acordos, a hostilidade não parou. No início dos anos 2000, a visita polémica de Ariel Sharon, candidato israelita a primeiro-ministro, à Esplanada das Mesquitas (para os muçulmanos) ou Monte do Templo (para os judeus), em Jerusalém, resultou em confrontos que deram início à segunda Intifada, mais violenta e mortífera que a primeira (Beinin and Hajjar, 2014).

Em setembro de 2005, depois de 38 anos de ocupação, Israel retirou os seus soldados e civis da Faixa de Gaza. Mas a comunidade internacional continua a considerar o local território ocupado, uma vez que Israel continua a controlar e restringir o acesso a água, combustível e eletricidade em Gaza, bem como a controlar o seu espaço aéreo e fronteira (Scott-Baumann, 2023).

O clima de instabilidade agravou-se quando, um ano mais tarde, as eleições para o Conselho Legislativo Palestino deram vitória ao Hamas, que derrotou, expressivamente, a Fatah, maior facção da OLP (Scott-Baumann, 2023). Depois de uma luta interna, o Hamas tomou o poder sob a Faixa de Gaza, dividindo politicamente os dois territórios palestinos – a Cisjordânia governada pela Fatah e a Faixa de Gaza liderada, agora, pelo Hamas (Beinin & Hajjar, 2014).

Os anos seguintes foram marcados por vários conflitos que provocaram morte e destruição de ambos os lados. Em 2008, depois do Hamas ter disparado rockets contra a cidade de Sderot, as forças israelitas lançaram uma ofensiva militar, que resultou na morte de cerca de 1400 palestinos e 13 israelitas. Em 2014, o rapto e a morte de três jovens israelitas pelo Hamas causaram uma guerra que durou 7 semanas e matou mais de 2100 palestinos e 73 israelitas. Sete anos mais tarde, em 2021, novos confrontos tiveram lugar na mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém. Durante o mês do Ramadão, o Supremo Tribunal Israelita ordenou a retirada de dezenas de palestinos do bairro de Sheikh

¹ É de notar que, entre junho de 2021 e dezembro de 2022, Israel teve outros dois primeiros-ministros - Naftali Bennett e Yair Lapid.

Jarrah, gerando uma escalada de violência que provocou a morte de 250 palestinos e 13 israelitas, em apenas 11 dias (Reuters, 2023).

Em 2023, o conflito ascendeu a “uma escala sem precedentes na história recente” (Human Rights Watch, 2024, para. 1). No dia 7 de outubro de 2023, o Hamas lançou milhares de mísseis contra o sul de Israel, numa campanha que também resultou numa operação terrestre. Através da fronteira com Gaza, vários homens armados entraram em território israelita, matando mais de 1 200 pessoas e fazendo reféns outras 253 (SIC Notícias, 2024). Em resposta, o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, iniciou uma campanha militar de ataques aéreos, terrestres e marítimos contra a Faixa de Gaza, impondo, ainda, um cerco que cortou o “fornecimento de alimentos, água, combustível e medicamentos” (Scott-Baumann, 2023, p. 224).

Em junho de 2025, já se contabilizavam mais de 55 mil vítimas mortais do lado palestino (Anadolu Ajansı, 2025). A UNRWA - Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Médio Oriente (2024) estima que cerca de 90% da população da Faixa de Gaza esteja deslocada internamente. No território vive-se aquilo que muitas organizações humanitárias já apelidaram de “genocídio” (Al Jazeera, 2024b).

Entretanto, ao mesmo tempo que os ataques continuavam em Gaza, a guerra atravessou fronteiras e o Líbano juntou-se ao conflito. Desde o dia 8 de outubro de 2023, que o Hezbollah tem vindo a atacar o norte de Israel, como declaração de apoio à Palestina. Em resposta, o Estado judaico intensificou, também, os ataques no território libanês (CNN Brasil, 2024). Mas o conflito atingiu novos contornos quando Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, foi morto num ataque israelita, em Beirute. Assim, no 1º dia de Outubro de 2024, Israel lançou uma série de ataques, invadindo o Líbano pela quarta vez na sua história (Reuters, 2024).

A paz chegou no final de novembro, com a assinatura de um cessar-fogo, entre Israel e o Hezbollah, mediado pelos Estados Unidos e a França. No Líbano morreram mais de 3 800 pessoas, a maioria desde setembro de 2024. Os dados ainda apontam que mais de 1 milhão de pessoas se tenham tornado deslocadas devido ao conflito (O Globo, 2024).

Além do Líbano, ainda a Síria, o Iêmen e o Irão participaram ativamente neste conflito, que deixou de ser apenas israelo-palestino para se transformar num conflito regional que envolve o Médio Oriente (Al Jazeera, 2024a). Em junho de 2025, a tensão aumentou significativamente depois de Israel atacar o Irão, reabrindo novamente uma frente de guerra, que matou centenas de pessoas só nos primeiros dias. Na Palestina, para além da Faixa de Gaza, também, os territórios ocupados da Cisjordânia e Jerusalém Oriental foram alvos de ataques israelitas que provocaram, até junho de 2025, a morte de mais de 940 palestinianos (Agudo, 2025).

Por enquanto, a guerra em Gaza parece não ter fim. Depois de um interregno de dois meses, no início de 2025, com a assinatura de um cessar-fogo, mediado pelos Estados Unidos, Qatar e Egito, Israel voltou a bombardear a Faixa de Gaza, dando por terminado um acordo que resultou na libertação de mais de 30 reféns e cerca de 2000 prisioneiros palestinianos (SIC Notícias, 2025). Desde a quebra do acordo, morreram mais de 4 800 pessoas em Gaza, até ao final do mês de junho (Anadolu Ajansı, 2025).

2. O Jornalismo de Guerra

O jornalismo tem uma grande influência na sociedade, já que é através das notícias, veiculadas pelos media, que os seres humanos têm acesso a informação verificada e credível, num contexto marcado pela proliferação de conteúdos provenientes de outras fontes (Waisbord, 2018). Mas um acontecimento não se torna automaticamente numa notícia, já que é necessário cumprir certos critérios de noticiabilidade, que definem aquilo que é suficientemente significativo para ser noticiado (Wolf, 2016).

No seu estudo, Galtung e Ruge (1965) discutem o que é necessário para um evento se tornar notícia. Algumas das suas conclusões referem que os acontecimentos negativos e que envolvem pessoas de elite são mais propícios de serem noticiados. Estes critérios, também designados por valores-notícia, funcionam como linhas orientadoras que ajudam o jornalista a seleccionar os eventos e as histórias mais importantes a serem noticiadas (Bednarek & Caple, 2014).

Shoemaker e Reese (1996) identificaram outros seis valores-notícias utilizados pelos media: a proeminência, o interesse humano, o inusitado, a atualidade, a proximidade e,

claro, o conflito. De acordo com os autores, as guerras e as mortes despertam mais interesse no ser humano do que as notícias positivas. Uma vez que a normalidade está associada à harmonia e tranquilidade, quando algo negativo acontece, o público quer saber. Van der Meer e Brosius (2024) concluem até que as audiências percebem as notícias negativas como mais impactantes e relevantes do que as notícias positivas.

Com base em estudos anteriores, Harcup e O'Neill (2016) também definiram um conjunto de 15 valores-notícia. Entre eles estão a “negatividade”, envolvendo histórias com mortes e feridos; e o “conflito”, referindo-se a notícias sobre guerras ou controvérsias. Neste sentido, é fácil entender que os meios de comunicação valorizam acontecimentos negativos, priorizando situações que envolvem mortos, catástrofes ou guerras (Galtung, 1986).

A guerra pode ser definida como uma “hostilidade expressa pelo recurso ao conflito armado, por corpos mais ou menos organizados de combatentes” (Tumber & Webster, 2006, p. 11). É um conceito que está presente desde o início da humanidade e compreende um “um ato de violência com a intenção de compelir o inimigo a fazer a nossa vontade” (Clausewitz, 1832, p. 90). Tendo isto em conta, e uma vez que o jornalismo existe para dar a conhecer ao público o que se passa no mundo, o jornalismo de guerra serve como uma categoria distinta, que pretende representar mediaticamente os vários conflitos armados, incluindo o israelo-palestiniano (Allan & Zelizer, 2004).

2.1 Uma breve história sobre o Jornalismo de Guerra

O primeiro correspondente de guerra, que se conhece, é William Howard Russell, um jornalista do *The Times*, enviado para cobrir a Guerra da Crimeia, em 1854. Antes disso, eram os próprios soldados da frente de batalha que transmitiam as informações às redações (Moretti, 2004).

Mas foi só alguns anos mais tarde, na Guerra Civil Americana, que os correspondentes de guerra começaram a proliferar (Smith & Higgins, 2012). A partir dessa altura e com os avanços tecnológicos introduzidos pelo telégrafo de larga escala, o público passou a ter acesso a informações do dia anterior, a milhares de quilómetros de distância (Moretti, 2004). No entanto, o jornalismo da época era caracterizado pelo

sensacionalismo. O objetivo era vender e, para isso, os jornalistas não se importavam de inventar e exagerar os factos - uma prática que se manteve por muitos anos (Moretti, 2004).

No século XX, os meios de comunicação alargaram o seu poder e alcançaram um papel fulcral durante a Primeira Guerra Mundial. Muitos jornais funcionavam como instrumentos de propaganda dos regimes e os jornalistas eram fortemente censurados (Mercier, 2005). De acordo com Smith e Higgins (2012), cinco repórteres de jornais londrinos, pagos diretamente pelo Ministério de Guerra do Reino Unido, “foram oficialmente creditados pelas forças aliadas” para fazerem reportagem no campo de batalha, com o propósito de enaltecer os aliados e criticar o inimigo (p. 133).

Os jornalistas eram proibidos de escrever notícias que desmoralizassem o povo e os militares, o que fez com que nunca se tivessem escrito “tantas mentiras deliberadas quanto na Primeira Guerra Mundial” (Moretti, 2004, p. 95). E o mesmo se verificou na Segunda Guerra. Os media eram controlados pelos governos e “todos, incluindo os editores de jornais, estavam proibidos de obter, registrar, comunicar ou publicar informações que pudessem ser usadas pelo inimigo” (p.100). O objetivo era um: apelar ao patriotismo e, para isso, era necessário usar a censura.

A esmagadora maioria dos programas de rádio não emitiam em direto, uma vez que os guiões tinham de passar pelos mecanismos de censura e as informações eram transmitidas aos repórteres ingleses por um oficial chamado “testemunha ocular”, que apenas divulgava o que interessava ao exército e ao governo (Moretti, 2004). Apesar disso, os avanços tecnológicos permitiram que a população acompanhasse a guerra através de um novo meio, a já mencionada rádio (McLaughlin, 2016).

Alguns anos mais tarde, eclodiu a Guerra do Vietname e a disseminação dos aparelhos televisivos permitiu que as audiências, a partir de casa, acompanhassem imagens com movimento. Os equipamentos tornaram-se mais leves e o desenvolvimento de novas técnicas de gravação permitiram que os repórteres se movimentassem com facilidade e rapidez (Braman, 2003). Este foi o primeiro conflito a ser “verdadeiramente televisionado” (Carvalho, 2013, p.17).

Mas a novidade da imagem televisiva rapidamente se tornou num pesadelo para o governo norte-americano. As imagens mostravam a violência que se vivia no Vietname, incluindo os vários bombardeamentos, os feridos e os mortos, e, por isso, grande parte da população começou a opor-se à guerra, facto que não agradou ao Pentágono. Como resultado “foi decidido que, no futuro, os jornalistas não seriam mais autorizados a entrar no campo, pelo menos numa fase inicial do conflito”, o que veio a verificar-se em 1983, quando os EUA invadiram Granada (Mercier, 2005, p. 657).

No início dos anos 90, os novos avanços tecnológicos permitiram cobrir a Guerra do Golfo através de diretos e noticiários da *CNN*, transmitidos 24 horas por dia (Carvalho, 2013). Pela primeira vez, foi possível mostrar na hora “informação que era demasiado importante para esperar pela edição” (p.19), conferindo estatuto e credibilidade à estação (McLaughlin, 2016). A ideia de uma cobertura ininterrupta revolucionou o mundo do jornalismo, mas também trouxe consequências nefastas para a qualidade do produto. Allan e Zelizer (2004) afirmam que os meios de comunicação têm o “impulso” de querer ser os primeiros a dar a notícia, o que muitas vezes acaba por sacrificar a precisão e o cuidado, especialmente quando se fala de jornalismo de guerra.

Foi também durante a Guerra do Golfo que se introduziu o chamado sistema “Pool”, para responder às críticas anteriores feitas à imprensa norte-americana. Semelhante ao sistema que vigorou durante a Primeira Guerra Mundial, neste “os jornalistas eram formados em pequenos grupos que tinham acesso à frente de batalha” (Mercier, 2005, p. 657). Os repórteres eram acompanhados o tempo todo por escoltas militares e tinham acesso limitado às tropas (Allan & Zelizer, 2004). Depois disso, as informações que recolhiam eram partilhadas com os restantes jornalistas, que não tinham tido a mesma oportunidade.

Esta foi uma estratégia que serviu para controlar o acesso dos media à frente de batalha, ainda que usada com o pretexto de “garantir a segurança dos jornalistas” (Mercier, 2005, p. 657). Para este autor, o resultado foi uma cobertura mediática que não representou os danos materiais e mortes gerados pelo conflito, uma vez que as imagens usadas eram quase todas do campo de batalha. Neste sentido, o público recebeu a mensagem errada de que não havia derramamento de sangue nas ruas, comprometendo a independência jornalística em detrimento das exigências militares.

Alguns anos mais tarde, o mesmo voltou a acontecer durante a invasão norte-americana do Iraque, em 2003. Cerca de mil jornalistas foram “credenciados e incorporados (*embebeed*) em unidades de combate”, um pouco à semelhança do que já tinha acontecido no Golfo (Mercier, 2005, p. 657). Foi-lhes fornecido alojamento, alimentação e cuidados médicos dentro da unidade militar. O único problema eram as cinquenta condições contratuais, que incluíam uma “longa lista de coisas sobre as quais não podiam relatar”, incluindo mortes (Allan & Zelizer, 2004, p. 31).

Tal como na Guerra do Golfo, os jornalistas não mostraram a realidade que se vivia no Iraque, revelando apenas o lado militar norte-americano. De acordo com Mercier (2005), os jornalistas passaram a compartilhar o ponto de vista dos seus anfitriões, estabelecendo-se uma relação de dependência, já que os repórteres necessitavam dos militares para sobreviverem. Por isso mesmo, muitas vezes a invasão do Iraque foi apelidada pelos media de “guerra limpa” ou “guerra humanitária”, uma vez que não era mostrada a verdadeira realidade da população iraquiana (Allan & Zelizer, 2004, p. 53).

No Iraque, foi aplicada uma forma de censura em que o trabalho dos jornalistas tinha de ser analisado pelos militares (Allan & Zelizer, 2004). Como afirmou Mercier (2005), “se as forças armadas aceitam a presença de jornalistas, é para que os primeiros possam supervisionar melhor as atividades dos últimos” (p. 656). O autor ainda refere que este controlo foi uma forma de evitar que os media árabes fornecessem imagens aos repórteres ocidentais, imagens essas que não eram verificadas e autorizadas pelos militares norte-americanos.

O jornalista Luís Castro, da *RTP*, escreve algumas passagens sobre os jornalistas *embedded* no seu livro “Repórter de Guerra”, onde documentou as suas experiências a cobrir conflitos internacionais:

“Polícia e o exército impedem a passagem a todos os jornalistas que não estejam autorizados pelos americanos. Só passam os chamados *embedded* que vão seguir na linha da frente, uma vez que assinaram um documento com dezenas de limitações à normal cobertura de qualquer guerra ou situação de conflito. Algumas até são compreensíveis, tal como a proibição de fazerem referência ao local onde se encontram. Outras, como a de só poderem dizer o que os americanos deixarem, já são mais difíceis de engolir. (...) Desta vez, Bush percebeu como amaciar os grandes canais de televisão americanos, britânicos e as agências de informação. Dá-lhes

aquilo que querem, ou seja as imagens da guerra, e em troca eles acabam por esquecer ou relativizar as outras histórias.” (Castro, 2007, p. 261)

Apesar da cobertura ficar, muitas vezes, comprometida pelos motivos já apresentados, é de notar que a Guerra no Iraque foi, à época, o conflito mais mediatizado de sempre (Carvalho, 2013). Contrariamente ao que aconteceu na Guerra do Golfo, “em que a *CNN* era a única estação global”, no Iraque havia “mais de uma dezena de cadeias com redes de satélite” a cobrir para o mundo inteiro (Fino, 2003, p. 186). Uma dessas estações de televisão foi a *RTP*, que ficou para a história como a “primeira a transmitir em direto o início dos bombardeamentos sobre Bagdade” (Gonçalves, 2005b, p. 2). Carlos Fino foi o repórter da estação e descreveu o momento no seu livro “A Guerra em Direto”:

“O hotel treme, as sirenes lançam um primeiro grito angustiado e nós precipitamo-nos para a varanda para restabelecer o contacto com Lisboa. A facilidade de transmissão de imagens assegurada pelo videofone (...) permite-nos (quem diria?) passar à frente de todas as outras estações, incluindo as grandes redes mundiais de televisão americanas e inglesas – *CNN*, *BBC* e *Sky News*.” (Fino, 2003, p. 185-186).

2.2 A Hegemonia Ocidental e o surgimento da Al-Jazeera

Até à guerra do Iraque, os canais ocidentais dominavam o cenário mediático mundial, no que diz respeito ao jornalismo televisivo. Carlos Fino demonstra essa liderança na seguinte passagem, aquando do início da Guerra no Afeganistão:

“Todos paramos religiosamente no átrio do hotel para assistir, entre conversas entrecortadas e um copo ocasional, ao que têm a dizer, sobre a guerra que se avizinha, a *CNN* e a *BBC*. São elas que servem de padrão e assim formatam, por si e através de nós, a opinião mundial.” (Fino, 2003, p. 37-38).

Contudo, e apesar das tentativas fracassadas do governo norte-americano de controlar a informação que saía do Iraque, um novo canal árabe que emergira ainda nos anos 90, conseguiu ultrapassar as diversas barreiras. A *Al-Jazeera* nasceu em Doha, no Qatar, e foi o primeiro canal de notícias independente do mundo árabe (Al-Jazeera, s.d), surgindo como “alternativa viável às organizações de notícias ocidentais” (Seib, 2005, p. 604), passando, também, a ser uma referência na cobertura de conflitos no Médio Oriente (Allan & Zelizer, 2004).

Carvalho (2013) destaca que, desde o início da invasão, a *Al-Jazeera* apostou em “imagens fortes ignoradas pela maioria dos media ocidentais” (p. 40). Como muitos desses jornalistas estavam incorporados, só podiam mostrar o que lhes era autorizado. Neste sentido, canais como a *Al-Jazeera* ou a *Abu Dhabi TV*, que possuíam uma maior liberdade de ação no terreno, passaram a exibir imagens de “soldados americanos mortos e vítimas civis dos bombardeamentos sobre Bagdade” (Gonçalves, 2005b, p.4). A partir daí, os media norte-americanos e britânicos começaram a perder a credibilidade que tinham conquistado anteriormente, uma vez que o público percebeu que lhe estavam a ser escondidas informações, de forma deliberada (Carvalho, 2013). É neste cenário que a *Al-Jazeera* e outros meios não ocidentais começam a crescer. Mas Carlos Fino esclarece:

“Não que essas cadeias de televisão sejam «puras» e totalmente isentas, também têm as suas preferências e os seus preconceitos, os seus interesses. Mas ao fornecerem uma outra perspetiva sobre o mesmo acontecimento, contribuem para complementar o quadro geral” (Fino, 2003, p. 227).

Desta forma, o crescimento de estações não-ocidentais, como a *Al-Jazeera*, permitiu a entrada de novas perspetivas no mercado, desafiando a hegemonia dos media norte-americanos e europeus. No entanto, outras lacunas se revelam, como a falta de representatividade que certas regiões continuam a ter nos meios de comunicação ocidentais. De acordo com Van der Hoeven e Kester (2022), as proximidades geográfica e cultural são fatores que influenciam diretamente a quantidade de notícias que são produzidas sobre um determinado país.

O mesmo se aplica no caso de conflitos armados. Uma guerra que aconteça geograficamente perto tem uma grande probabilidade de ser extensivamente noticiada. Hayden (2024) ainda acrescenta que, caso essas envolvam atores de significância política, a probabilidade acresce ainda mais. Tomemos como exemplo a guerra entre a Ucrânia e a Rússia. Para além de acontecer em território europeu, é um conflito que abrange dois países de relevância estratégica, com um grande impacto económico global (Campo et al., 2023). Por esse motivo, esta guerra continua a receber uma extensiva cobertura mediática do ocidente, ao passo que outras, muitas vezes mais mortíferas, continuam a ser ignoradas (Brenner & Han, 2022).

Um desses exemplos é o conflito que se vive há décadas no Sudão, e que se agravou em 2023, provocando uma das maiores crises de deslocados de que há memória

(Ochieng & Chibelushi, 2024). Hayden (2024) sustenta que a pequena cobertura que o Sudão teve, rapidamente se desvaneceu “quando a atenção internacional se voltou para a guerra entre Israel e o Hamas”, dada a sua importância histórica e geoestratégica, uma vez que Israel é um dos maiores aliados dos Estados Unidos (para. 2).

Hawkins (2011) ressalta que a fraca representação mediática de alguns conflitos pode contribuir para a falta de uma resposta política. O facto de não existir cobertura faz com que os conflitos pareçam não existir e se, à vista do público não existem, então não é preciso acabar com eles. Este aspeto está diretamente relacionado com a teoria do *Agenda-Setting* de McCombs e Shaw.

De acordo com os autores, os meios de comunicação têm uma grande influência no público, uma vez que são eles que ditam o que é que as pessoas devem pensar e como pensar (McCombs et al., 2000). Neste sentido, quanto maior for a representação mediática de um assunto nos media, mais importância lhe será atribuída por quem vê as notícias (McQuail, 2003). Desta forma, conflitos como o da Ucrânia ou o de Gaza, que recebem uma ampla cobertura, são percecionados pelo público como muito relevantes (Diez-Garcia, 2024). Um estudo do Pew Research Center (2024) revela que 59% do público norte-americano considera, pessoalmente, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia importante. Esse número sobe para 65%, quando questionados sobre o conflito entre Israel e o Hamas.

Associado ao *Agenda-Setting* está o conceito de *Framing*. Robert Entman (1993), um dos principais estudiosos do tema, define-o como um processo em que são selecionados “alguns aspetos de uma realidade percebida” de forma a torná-los “mais salientes” (p. 52). Por outras palavras, o autor entende que os meios de comunicação utilizam determinados *frames* ou enquadramentos para “tornar uma informação mais perceptível, significativa ou memorável para o público” (p. 53).

De acordo com McQuail (2003), os *frames* são utilizados por dois motivos: para ajudar os jornalistas na organização da informação e auxiliar na comunicação com as audiências, já que o público necessita que a informação seja apresentada de uma forma lógica, de forma a poder “atribuir sentido à sua experiência” (Rothberg, 2014, p. 410).

Assim, ao destacarem determinado aspeto, os enquadramentos podem influenciar as audiências, que adotam “os quadros de referência oferecidos pelos jornalistas”,

passando a ter uma visão do mundo padronizada (McQuail, 2003, p. 501). Entman (1991) acredita que existem diversas formas de tornar uma mensagem mais memorável aos olhos das audiências: através da repetição e da posição de certos elementos no texto, de palavras-chave, metáforas, símbolos e imagens visuais. Tudo isto permite que o jornalista evidencie certos aspetos da realidade, tornando outros invisíveis. Por esse motivo, o *framing* é entendido por vários teóricos como um conceito evolutivo do *Agenda-Setting* (Gonçalves, 2005a).

2.3 O Repórter de Guerra

Os meios de comunicação, como se tem vindo a observar, desempenham um papel crucial na forma como o público compreende os conflitos. Por esse motivo, é fundamental caracterizar e descrever os profissionais que estão na linha da frente a cobri-los: os repórteres de guerra.

Desde os ataques de 11 de setembro, que os perigos têm vindo a intensificar-se para estes correspondentes (Williams, 2020). O jornalista tornou-se um alvo fácil, muitas vezes visto como um “inimigo” que é preciso abater, como conta Fino (2003), durante a sua experiência a cobrir o conflito israelo-palestiniano:

“... esperar que eles vejam as letras que pregámos com fita branca nos coletes – *TV PRESS*. Palavras que não são, em guerra nenhuma, sabemos-lo bem, garantia de nada. Por vezes, há mesmo quem pareça ter um prazer sádico em liquidar os jornalistas, justamente porque estão indefesos, altamente vulneráveis.” (p. 116-117)

De acordo com o Comité para a Proteção de Jornalistas (2024) morreram mais de 1650 jornalistas, entre 1992 e 2024. O último ano foi o mais mortífero, com 103 mortes confirmadas, a maioria no Médio Oriente, essencialmente em Israel e nos Territórios Palestinos Ocupados.

São inúmeros os casos de violência contra os media: na Jugoslávia, as forças sérvias bombardearam, repetidamente, o edifício de um jornal bósnio; no Iraque, as forças norte-americanas atacaram propositadamente o hotel onde grande parte dos jornalistas internacionais se hospedavam (Williams, 2020); mais recentemente, em 2024, um ataque israelita provocou a morte a cinco jornalistas palestinos (Lusa, 2024). E nem os

jornalistas portugueses conseguem escapar às estatísticas. Em agosto de 2024, a equipa de enviados da *RTP* foi um dos alvos do exército israelita, enquanto fazia uma reportagem num campo de refugiados na Cisjordânia (Rodrigues, 2024a). Os jornalistas conseguiram sobreviver para contar a história, mas muitos não têm a mesma sorte.

Desta forma, o repórter de guerra tem consciência dos perigos e da possibilidade de não regressar com vida à redação. Esse sentimento inquietante de saber que a morte é uma possibilidade constante é abordada por Carlos Fino, no seu livro:

“Entrar numa zona de guerra, implica sempre, como é óbvio, um elevado grau de perigo. Os jornalistas que vêm para estes cenários sabem-no bem e aceitam, em princípio, correr o risco, obedecendo a uma espécie de imperativo categórico da profissão – se está a acontecer, temos de lá estar” (Fino, 2003, p. 110).

E é esse imperativo que faz com que muitos jornalistas ainda permaneçam no ativo a cobrir conflitos, nos lugares mais inóspitos do planeta. Muitos procuram esse sentido de missão e querem marcar presença nos momentos que ficarão para história da humanidade (Tumber & Webster, 2006). Castro (2007) descreve essa emoção, enquanto cobria a guerra do Afeganistão:

“Estou arrepiado, não só pela imponência da máquina americana que acaba de invadir a capital dos talibãs, mas, principalmente, porque neste momento, está a acontecer História e serão as imagens destas duas câmaras da *RTP* que irão mostrar ao mundo o acontecimento.” (p. 239).

Apesar dessa vocação, são diversos os riscos. Todavia, é importante mencionar que nem todos os jornalistas enfrentam as mesmas ameaças. Os repórteres locais correm mais perigos do que os repórteres estrangeiros, que, à partida, têm uma maior rede de proteção (Tumber & Webster, 2006). No entanto, muitas redações preferem não mandar os seus jornalistas para o campo de batalha, ficando dependentes de grandes agências internacionais como a *Reuters*, ou de jornalistas *freelancers* (Williams, 2020). De acordo com o mesmo autor, os *freelancers* não têm a mesma “segurança financeira, proteção pessoal e, muitas vezes, treino e preparação”. Mas, como ir para zonas de conflito fica muito caro às direções dos órgãos de comunicação, alguns optam por “terceirizar a mão de obra”, recorrendo a estes trabalhadores (p. 180).

Diante dos vários perigos, é essencial que cada jornalista desenvolva estratégias para lidar com os desafios impostos pela profissão. Fino (2003) afirma que é impossível prever como reagirá o jornalista a determinada situação, mas existem fatores que influenciam essa resposta, como a “idade, a experiência de vida, a situação psicológica do momento”, ou o nível de educação e formação (p. 211). Neste contexto, vários órgãos de comunicação têm vindo a apostar no desenvolvimento de cursos para preparar os jovens repórteres (Tumber & Webster, 2006).

A preparação física e psicológica é essencial para ajudar os jornalistas a enfrentarem os horrores da guerra (Williams, 2020). Feinstein (2006) descobriu que quase 30% dos repórteres de guerra ocidentais sofriam de transtorno de stress pós-traumático, percentagem semelhante à dos veteranos de guerra. Este tipo de trauma pode ter consequências graves a longo termo, tanto na vida profissional, como pessoal (McLaughlin, 2016). A realidade é que durante a estadia na zona de conflito, os jornalistas são obrigados a assistir a cenários extremamente difíceis de assimilar e aceitar, como descreve Luís Castro:

“Os pedaços de corpos espalhados pela estrada mostram claramente mulheres, crianças e alguns homens. Os carros estão totalmente crivados de balas ou literalmente destruídos pelos tiros dos tanques. Um cenário que jamais esquecerei. Há pés, mãos, intestinos, cabeças e pedaços não identificados de corpos por todo o lado.” (Castro, 2007, p. 288)

3. A Objetividade e Subjetividade Jornalística

O jornalismo de guerra, não só expõe os repórteres a perigos eminentes, como também os coloca frente a frente com dilemas éticos e profissionais. Um deles é o da objetividade. Gerando diversos debates, alguns nomes preferem distanciar-se dessa noção, enquanto outros criticam aqueles que o fazem, defendendo precisamente esse modelo de objetividade jornalística (McLaughlin, 2016).

Segundo Kovach e Rosenstiel (2007), a objetividade surgiu no campo do jornalismo nos anos 20, do século passado. De forma a que os preconceitos pessoais e culturais não influenciassem o seu trabalho, os jornalistas foram chamados a adotar a dita objetividade, que estes definem como um “método consistente de testar informações” (p.

81). De acordo com os autores, a objetividade não visa obrigar os jornalistas a serem neutrais. Ambos reconhecem que o repórter, tal como qualquer outro ser humano, possui opiniões e, por sua vez, preconceitos e enviesamentos (“*bias*”), que não precisam de ser necessariamente de cariz político ou ideológico, podendo “abranger todos os julgamentos, decisões e crenças” do profissional (p. 102).

O conceito de “media bias” explica esse enviesamento que os jornalistas e os órgãos de comunicação utilizam na seleção de eventos e na forma como os comunicam (Sucháček et al., 2016). Um dos seus principais percursores foi Robert Entman (2007), que enumerou três tipos de enviesamentos na mensagem dos media: o enviesamento por distorção (*distortion bias*), que ocorre quando as notícias transmitem informações falsas ou alteradas, de forma propositada; o enviesamento no conteúdo (*content bias*), que se dá quando o jornalista favorece um lado em detrimento do outro; e o enviesamento na tomada de decisão (*decision-making bias*), que acontece quando o jornalista se deixa influenciar pelo seu sistema de crenças e opiniões.

Rosenstiel (2025) ainda enuncia outros enviesamentos recorrentes no mundo do jornalismo, nomeadamente em relação às fontes ou, até mesmo, em relação aos assuntos, uma vez que há tópicos ou grupos sociais que, naturalmente, recebem uma maior cobertura mediática do que outros, como aliás já se observou no subcapítulo anterior.

Por esse motivo, Kovach e Rosenstiel (2007) entendem que é “impossível comunicar sem envolver alguns desses preconceitos” (p. 102), pelo que os jornalistas devem reconhecer que estes existem e estão presentes nas escolhas que fazem. Em suma, os autores veem a objetividade como um método que é utilizado pelo jornalista para chegar à verdade dos factos, e não como algo que o profissional deve aspirar ser, já que a neutralidade, como se viu, é impossível. Mas são várias as interpretações deste conceito.

Tuchman (1972) entende a objetividade como um “ritual estratégico”, isto é, uma ferramenta utilizada para proteger o jornalista de diversas pressões e críticas, garantindo-lhe credibilidade. Desta forma, a objetividade não funciona como um princípio que deve ser seguido pelos profissionais, mas sim como uma estratégia que os ajuda na sua reputação.

A autora aponta cinco ações que os jornalistas, muitas vezes, empregam no seu trabalho para tentar transparecer essa objetividade: a apresentação do outro lado da história, de modo a não favorecer nenhum deles; a exibição de evidências que suportam toda a informação dita; o uso de aspas, que mostram que o que está ser dito foi proferido por outra pessoa, e não pelo próprio jornalista; a estruturação da informação, onde o que é mais importante surge primeiro; e a separação dos factos das opiniões.

Apesar de tudo isto ser visto como uma tentativa de alcançar a objetividade, Tuchman (1972) acredita que estes procedimentos possuem várias falhas. O uso de aspas, por exemplo, pode servir para que outros digam aquilo que o jornalista pensa, deixando transparecer a sua opinião no texto jornalístico. Também a própria estrutura da notícia é baseada numa seleção, que nada tem de neutral, uma vez que a estrutura editorial do órgão de comunicação pode revelar um “critério prévio sobre a forma como o meio (...) pretende enquadrar tematicamente a narrativa global do mundo para os seus públicos” (Gonçalves, 2005b, p. 6).

Assim, como se viu anteriormente, ao longo do seu trabalho, o jornalista vai tomando diversas decisões, selecionando aquilo que considera mais importante. Por esse motivo, McQuail (2003) entende que “é quase inevitável” que, ao adotar certos enquadramentos nas suas mensagens, os jornalistas “deixem a pura objetividade e introduzam algumas tendências (mesmo que não intencionais)” (p. 348). De certa forma, até a escolha das palavras pode ser um desafio, já que elas “acarretam sempre uma posição, um ponto de vista, por vezes óbvio, outras vezes não tão evidente, mas não menos poderoso” (Teixeira, 2023 p. 493).

Schudson (2001), noutra perspetiva, acredita que a objetividade nasceu como um crítica ao jornalismo partidário, no qual os órgãos de comunicação se aliavam às agendas dos partidos políticos. Assim, os jornalistas passaram a seguir esta “norma moral” que os ajuda “a separar os factos dos valores”, sem comentar ou moldar a informação (p. 150).

Muitos jornalistas desejavam distanciar-se de outras profissões, como as Relações Públicas ou a Publicidade e, por esse motivo, a objetividade tornou-se “um ideal ocupacional” (p. 163). De acordo com o autor “mais do que um conjunto de regras de ofício para afastar processos por difamação, ou um conjunto de restrições para ajudar os

editores a manterem os seus subordinados sob controlo, a objetividade era finalmente um código moral”, que distinguia o jornalismo de outras ocupações (p. 163).

Wallace (2019) ainda acrescenta que a objetividade entrou no mercado jornalístico, numa altura em que o fascínio pela verificação dos factos e pelo método científico começou a desabrochar. De acordo com esta norma, o jornalista deveria parar de ser desleixado e os editores deveriam deixar de aceitar subornos. A profissão teria de seguir métodos científicos objetivos, de forma a que a informação fosse verificada e não moldada aos desejos do jornalista ou de outrem.

Apesar da objetividade ter surgido pelas razões certas, apresentando-se como uma aspiração profissional, o autor aponta, contudo, que rapidamente se transformou “numa arma para regular quem pode contar as histórias” (p. 63). Wallace (2019) acrescenta que, mais do que numa arma, a objetividade tornou-se num portão (“gate”), em que apenas alguns são permitidos, sendo os que não se consideram objetivos afastados (“gatekeeping”). De acordo com Wallace, o objetivo “não é aspirar à justiça, verdade e imparcialidade”, mas sim não ser apanhado a ter opiniões, especialmente se essas forem diferentes da maioria (p. 64). Para o autor, a objetividade é definida por quem está no poder, cuja finalidade é manter o *status-quo*.

Parenti (1993) acrescenta que a objetividade é “a aceitação de uma realidade social moldada pelas forças dominantes” (p. 52). Neste sentido, as críticas à objetividade tornam-se particularmente relevantes no contexto da cobertura jornalística de conflitos, como o israelo-palestiniano, em que determinadas perspetivas, contrárias às dominantes no ocidente, podem ser silenciadas, como veremos no decorrer do trabalho.

3.1 A Objetividade e Subjetividade Jornalística na cobertura de conflitos

“ A nossa missão é dar a conhecer, mas não somos (...) inteiramente neutros, nem podemos ser, pela própria natureza das coisas, verdadeiramente objetivos. Para reportar, temos de nos envolver e nesse envolvimento jogamos sempre a nossa própria sensibilidade, a nossa subjetividade. No máximo, o que podemos – e no meu entender, devemos – é assegurar o equilíbrio” (Fino, 2003, p. 117).

“Somos jornalistas, é certo, mas também somos seres humanos e, como tal, sensíveis ao drama destes pobres desgraçados, que, mesmo escondidos, com as casas pilhadas e queimadas, com pais e irmãos, desaparecidos ou mortos, teimam em não baixar os braços” (Castro, 2007, p. 189).

No que diz respeito à cobertura de conflitos armados, Carlos Fino e Luís Castro evidenciam a complexidade de construir uma mensagem que seja inteiramente neutral e objetiva, quando se trabalha com uma temática que envolve dor e morte. Como ficar indiferente ao sofrimento daqueles que são afetados pela guerra? É a principal questão que se levanta.

Recuando algumas décadas, foi durante o conflito no Vietname, que o debate sobre a objetividade no Jornalismo de Guerra começou a ganhar força. Wallace (2019) argumenta que a cobertura mediática foi vista simultaneamente como uma vitória e como uma derrota para a objetividade. Para os liberais, a abordagem foi corajosa, uma vez que fez frente à propaganda norte-americana, mostrando o que se passava realmente no terreno e desafiando a censura imposta por quem estava no poder. Por outro lado, para os mais conservadores, esta guerra representou o fim da objetividade, pela cobertura antiguerra “que contribuiu para mudar a opinião pública” (p. 69).

Diante guerras, massacres e genocídios, como o do Vietname ou o que se vive atualmente na Palestina, muitos jornalistas reconhecem o enorme desafio que é permanecer neutral e objetivo. Por esse motivo, muitos acabam por defender uma mudança de paradigma, em que o conceito de objetividade já não encaixa (Harris & Williams, 2019).

Um desses repórteres foi Martin Bell. Na antiga Jugoslávia, o jornalista da *BBC* criticou as amarras da neutralidade jornalística, afirmando que não poderia permanecer imparcial perante as atrocidades a que assistia diariamente. No seguimento disto, fez nascer o conceito de “Journalism of Attachment” ou “Jornalismo de Apego”, que nada mais é que uma abordagem mais moral de relatar as guerras nos meios de comunicação. De acordo com o autor, os jornalistas não devem ser neutrais e não devem assumir que são meros espectadores. Uma vez que são participantes ativos na narrativa, têm a responsabilidade de contar a verdade, mesmo que isso envolva ir para além da imparcialidade (McLaughlin, 2016). Luís Castro (2007) corrobora, afirmando não ser

adepto de “um jornalismo asséptico, que a pretexto da objetividade e da neutralidade, lava as mãos das suas responsabilidades” (p. 38).

A jornalista da *CNN*, Christiane Amanpour, ainda critica os media pelo seu esforço “em fazer um balanço quando não há equilíbrio”, isto é, sob o nome da neutralidade, os jornalistas tratam vítimas e agressores de forma igual, como aconteceu nos meios franceses e ingleses, que insistiram em representar bósnios e sérvios em pé de igualdade, durante a Guerra nos Balcãs (McLaughlin, 2016, p. 47). Dado o poder e responsabilidade que os meios de comunicação têm, é possível que esse tratamento tenha causado “inação internacional e perdas desnecessárias de vidas” (p. 47).

No entanto, nem todos os jornalistas são favoráveis à ideia de um “Jornalismo de Apego”. Hume (1997), por exemplo, descreve-o como uma “ameaça ao bom jornalismo”, que negligência o contexto do conflito, preferindo oferecer uma “linha moralmente correta” que impõe a opinião do jornalista ao público (p. 4). Neste sentido, a referência da objetividade não deve ser abandonada, uma vez que funciona como um princípio orientador da profissão – o tal “ritual” que Tuchman (1972) descreve para garantir a legitimidade do jornalista.

Desta forma, persiste o dilema profissional que é “mostrar a face humana da guerra”, uma vez que muitos acreditam não ser compatível com os valores do jornalismo (Harris & Williams, 2019, p. 73). Aqueles que fazem reportagens menos sentimentais e mais desapegadas são criticados pela sua frieza; e os que as fazem são reprovados pela sua postura moralizante e por abrirem portas “a relatos equivocados do conflito” (Allan & Zeller, 2004, p. 201).

Apesar das opiniões divergentes no que toca ao papel da objetividade, Lynch e McGoldrick (2005) enumeram outros três enviesamentos, para além dos já acima mencionados, desta vez alusivos à cobertura de conflitos armados: a favor de fontes oficiais; a favor do evento em vez do processo; e a favor do dualismo.

Sobre o primeiro, McGoldrick (2006) afirma que os meios de comunicação tendem a privilegiar fontes do governo e outras autoridades, ignorando, muitas vezes, a voz de pessoas comuns. No segundo existe um maior foco no acontecimento e na violência gerada pelo conflito, descurando-se as origens e o porquê da guerra. De acordo

com McGoldrick (2006), neste tipo de cobertura “as guerras permanecem opacas, uma vez que não nos são dados meios para ver os problemas subjacentes, por detrás da violência,” (p.4). Por fim, sobre o terceiro enviesamento, a mesma autora entende que os meios de comunicação, muitas vezes focados em contrapor os dois lados do conflito, apenas se importam em estabelecer um vencedor e um perdedor.

Estes três enviesamentos são característicos do que alguns autores definem como “Jornalismo de Guerra”, em oposição ao Jornalismo orientado para a Paz. De acordo com Galtung (2003), o Jornalismo de Guerra olha para o mundo como uma arena, onde as duas partes do conflito lutam para ver quem ganha e quem perde, quem é o bom e quem é o mau. Neste tipo de jornalismo há uma oposição entre o “nós” e os “outros”, existindo uma desumanização do adversário que é visto como o problema da sociedade.

Contrariamente, o Jornalismo de Paz foca-se na humanização de ambas as partes e na exploração das causas, com transparência e sem favorecer nenhum dos lados (Galtung, 2003). De acordo com Lynch e McGoldrick (2005), o Jornalismo de Paz ocorre quando os profissionais dos media “criam oportunidades para a sociedade considerar e valorizar respostas não violentas para os conflitos” (p.5). Assim, ao contrário do Jornalismo de Guerra, que apela ao ódio e à violência, o Jornalismo de Paz tenta demonstrar que há soluções, ouvindo todas as partes envolvidas, sem priorizar a voz de elites (Galtung, 2003).

O Jornalismo de Paz não exige que se deixe de falar da guerra e dos seus pontos negativos (Cabral & Salhani, 2017). Giró (2012) entende que os horrores provocados pelos conflitos armados devem ser mostrados, devendo existir, contudo, um equilíbrio que também dá a conhecer caminhos para a paz. Isto é, para além de mostrarem mortes e danos materiais, os media devem fazer um esforço para dar a conhecer possíveis soluções para o conflito (Galtung, 2003).

Neste sentido, tanto o Jornalismo de Paz como o Jornalismo de Apego surgem como críticos da ideia tradicional de objetividade. Tanto um como o outro expressam o seu desagrado para com a neutralidade: enquanto o primeiro foca a sua cobertura na resolução dos conflitos, o segundo defende uma maior humanização e responsabilidade moral do jornalista.

4. A Representação Mediática

Antes de analisar como foi representado mediaticamente o conflito israelo-palestiniano, é essencial compreender a abordagem da representação de Stuart Hall (1997). De acordo com o autor, a representação é um conceito que une o significado e a linguagem à cultura. Por outras palavras, é através da representação que “os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (p. 15), usando para isso os signos - “palavras, sons ou imagens que carregam sentido” (p. 18). Quando esses signos são organizados dão origem às linguagens.

Tendo isso em conta, Hall apresenta três abordagens dentro da teoria da representação: a) a abordagem reflexiva, onde a “linguagem funciona como um espelho que reflete o verdadeiro significado das coisas”, isto é, o significado é inerente ao objeto, às pessoas ou às ideias (p. 24); b) a abordagem intencional, em que o significado, em vez de ser intrínseco ao objeto, é atribuído pela pessoa que vincula a mensagem; c) e a abordagem construcionista, que refere que as coisas não têm significado por si só, nem que esse é construído pela pessoa que profere a mensagem. De acordo com esta abordagem, o significado é uma construção social, que varia de cultura para cultura.

O autor discorda das duas primeiras abordagens, reconhecendo que é o Homem que constrói o significado a partir dos sistemas de representação. Um exemplo disso são os semáforos: enquanto membros de uma cultura, os seres humanos deram significado às cores verde, vermelho e amarelo, que por si só não têm qualquer significado. Ainda sobre os sistemas de representação, o autor sustenta que quando pensamos num copo, não estamos realmente a ver o copo, mas sim uma representação imaginária desse objeto. Da mesma forma que quando tiramos uma fotografia, essa não representa a realidade, mas sim uma versão modificada da mesma. Neste sentido, a representação não é uma cópia do real, mas uma construção que ajuda o ser humano a perceber o mundo em que está inserido (Hall, 1997).

A representação mediática funciona da mesma forma. Silveirinha (2021) explica que os meios de comunicação dão significado aos acontecimentos através dos vários signos que introduzem nas notícias, como é o caso das imagens na televisão, ou do texto na imprensa. Neste sentido, uma vez que as representações dos media são a combinação de várias decisões e seleções feitas previamente pelo jornalista, não podem ser entendidas

como um retrato real do que nos rodeia (Hall, 1997; Krijnen & Van Bauwel, 2015). Fürsich (2010) ressalva, ainda, que as representações “além de espelharem (...), criam a realidade e normalizam visões ou ideologias” (p. 115).

Walter Lippman, há mais de 100 anos, na sua obra “Public Opinion” já argumentara que a imprensa produz uma versão filtrada da realidade, a que chamou “pseudo-ambiente”. Esse conceito descreve uma realidade mediática que, através de estereótipos, influencia a opinião pública:

“Imaginamos a maior parte das coisas antes de as experimentarmos. E estas pré-concepções, a menos que a educação nos tenha tornado mais agudamente conscientes, governam profundamente todo o processo de percepção” (Lippman, 2010, p. 91).

Essas pré-concepções são os estereótipos, que nos ajudam a simplificar a realidade e a dar significado às coisas, mesmo antes de as experimentarmos, como profere Lippman. Também Hall (1997), os descreve como “parte da manutenção da ordem social e simbólica”, que reduz uma pessoa ou grupo a uma determinada característica (p. 258).

Segundo o mesmo autor, a estereotipagem é uma ação que pressupõe uma divisão, uma vez que “expulsa tudo o que não se encaixa, o que é diferente”, criando uma dicotomia “nós vs. eles” (p. 258). No caso dos meios de comunicação, estes tendem a assumir a posição dominante “nós”, acabando por marginalizar o “eles”. Fürsich (2010) expõe que as pessoas não-brancas e que não pertencem às elites são estereotipadas nas notícias e no entretenimento, “excluindo-as da cobertura ou oferecendo uma gama limitada de representações” (p. 116). Neste sentido, qualquer minoria tende a ser altamente estereotipada pelos órgãos de comunicação (van Djick, 1991).

4.1 A Representação Mediática do Conflito: Como foram representados os israelitas e os palestinianos?

A cobertura jornalística do conflito israelo-palestiniano tem vindo a ser alvo de duras críticas por parte de vários profissionais dos media e académicos. De acordo com King e Jegić (2024), os meios de comunicação ocidentais traduzem de forma errada a luta palestiniana, fazendo com que as narrativas israelitas continuem a justificar “o contínuo

apagamento genocida da Palestina indígena” (p. 4). Krishnan (2024) vai mais longe e designa esta cobertura como um “caso clássico de jornalismo colonizador”, que ajuda Israel a justificar a ocupação e violência contra o povo palestino (para. 1).

A cobertura do conflito está, por isso, assente em vários preconceitos e estereótipos (Francaviglia, 2024; The New Humanitarian, 2023). A representação dos palestinos, em particular, tem vindo a refletir uma “prevalência do orientalismo”, conceito elaborado por Edward Said (King & Jegić, 2024, p. 4). No livro com o mesmo nome, o autor analisa como o Ocidente construiu uma imagem estereotipada do Oriente, baseada numa suposta superioridade moral. O Ocidente é entendido como moderno e civilizado, enquanto o Oriente é visto como bárbaro e retrógrado (Said, 1996). A par disso, a islamofobia associada ao povo palestino pode complicar a representação ocidental, que tende a olhar para os muçulmanos como uma ameaça física e cultural (Ciftci, 2012)

Neste sentido, os órgãos de comunicação europeus e norte-americanos têm perpetuado uma “cobertura unilateral e tendenciosa desta crise”, que, frequentemente, prioriza as narrativas israelitas e sub-representa as palestinas (Khamis & Dogbatse, 2024, p. 295). Vários jornalistas de grandes órgãos de comunicação, como a *BBC* ou a *CNN*, já vieram a público denunciar a censura e abordagem pró-israelita dos meios onde trabalham (Rodrigues, 2024a). De acordo com Youmans (2024), um jornalismo democrático deve mostrar compromisso com o equilíbrio e a proporcionalidade, algo que não se tem vindo a revelar na cobertura do conflito israelo-palestino.

Uma das razões por detrás das lacunas na representação é o “acesso limitado de jornalistas internacionais à guerra em Gaza, devido a restrições políticas do lado israelita” (Khamis & Dogbatse, 2024, p. 295). A entrada é permitida, esporadicamente, a repórteres que vão incorporados com as tropas israelitas (Satloff, 2024). Como consequência, os meios de comunicação ficam dependentes de “fontes em segunda mão”, como as agências internacionais ou os jornalistas palestinos (Francaviglia, 2024, para. 9).

Ao longo de várias décadas, a guerra israelo-palestina tem vindo a ser foco dos meios de comunicação, embora a cobertura varie consoante a proporção de violência (Siddiqui & Zaheer, 2018), que, por sua vez, atingiu um novo pico a 7 de outubro de 2023. No entanto, Krishnan (2024) afirma que a cobertura do conflito foi várias vezes “moldada pela ideologia e não pela rigorosa verificação dos factos” (para. 8).

Enquanto a política norte-americana se mostra visivelmente pró-Israel, também os seus meios de comunicação tendem a perpetuar essa narrativa (Bhowmik e Fisher, 2023), criando um fosso em que os israelitas são vistos como bons e pacíficos - o tal “nós” -, enquanto os palestinianos são os “outros”, diferentes, que não possuem uma cultura semelhante (Elmasry, 2015).

Numa análise aos principais jornais norte-americanos, durante 50 anos, Siddiqui e Zaheer (2018) concluíram que a crescente ocupação israelita da Palestina, nas últimas décadas, não foi refletida nos media. Desta forma, as histórias que envolvem israelitas são significativamente mais positivas do que as que cobrem os palestinianos, que grande parte das vezes são sub-representados ou negativamente retratados. O mesmo acontece no Reino Unido. Numa análise realizada à *BBC*, referente ao conflito em 2021, Shahzad et al. (2023) encontraram uma linha editorial pró-israelita, que os caracteriza como vítimas e os palestinianos como agressores.

Depois do ataque de 7 de outubro, o mesmo se verificou na cobertura da guerra que se desencadeou em Gaza. Chaudhry e Riaz (2024) afirmam que a maioria dos artigos do *The New York Times* foram classificados como sendo “altamente” ou “moderadamente” contra a causa palestiniana, abraçando as narrativas israelitas. Nystedt (2024), ao analisar o mesmo jornal, também concluiu que a violência israelita foi frequentemente justificada pelo direito à autodefesa, para além desta não ser descrita com o mesmo nível de brutalidade que aquela executada pelo Hamas. A representação dos ataques em Gaza era mais focada “nos locais dos ataques, em vez de na violência” (p. 34).

No entanto, se analisarmos outros meios de comunicação, como a *Al-Jazeera*, a situação altera-se, já que esta é uma rede pró-árabe, que sempre foi uma voz ativa pela causa palestiniana (Amaireh, 2024). Hamioud et al. (2024) afirmam que esta estação tende a representar positivamente o grupo que considera “interno”, no caso a Palestina, e negativamente o grupo “externo”, ou seja Israel. Neste sentido, os palestinianos são retratados como “pessoas oprimidas sob uma ocupação ilegítima”, enquanto os israelitas são pintados como “vitimizadores que ocupam a terra do povo palestiniano” (p. 177). Para além disso, os autores ainda revelam que o canal representa alguns atores internacionais, como os EUA, a França e a Alemanha, de forma negativa, criticando os seus duplos padrões e apoio a Israel.

Também El Damanhoury et al. (2025), ao compararem a cobertura realizada pela *BBC* e a *Al-Jazeera*, perceberam que a primeira se preocupou mais em cobrir o ataque de 7 de outubro, enquanto a última destacou os ataques subsequentes em Gaza. Schoones (2024), que também comparou a representação da *Al-Jazeera* e da *CNN*, concluiu que a primeira quase nunca enquadró os ataques israelitas como um ato de autodefesa, ao contrário da *CNN* que referiu, várias vezes, esse direito. Em 2009, Aguiar (2009) já descobrira que a inclinação da *CNN* e da *Al-Jazeera* eram evidentes no título e enquadramentos utilizados: enquanto a estação norte-americana preferiu usar a expressão “Crise no Médio Oriente”, a *Al-Jazeera* não teve problemas em usar o título “Guerra em Gaza” (p. 13).

Ahmad et al. (2023) também constataram um apoio à Palestina nos principais jornais *online* da Jordânia. De forma semelhante, Jamaluddin e Ali (2023) concluíram que os dois principais jornais paquistaneses, em língua inglesa, enfatizaram os bombardeamentos israelitas, culpando-os pela subsequente crise humanitária em Gaza. Na Malásia, Hoon (2024), ao analisar os artigos *online* do jornal *The Star*, também percebeu que os enquadramentos utilizados foram mais favoráveis à causa palestina. As notícias destacaram a ajuda humanitária dada a Gaza, transmitindo “a posição do governo da Malásia e dos seus líderes”, que pediam um cessar-fogo (p. 218). Vale ressaltar que tanto o Paquistão, como a Malásia são dois dos 28 Estados-membros da ONU que não reconhecem o Estado de Israel (BBC News Brasil, 2023).

Tendo tudo isto em mente, é possível identificar, nos meios ocidentais, algumas tendências na representação mediática do conflito israelo-palestino, que comprovam um apoio à narrativa israelita, nomeadamente ao nível do contexto, da linguagem, das fontes, das informações falsas e da cobertura das mortes que se verificaram em cada um dos lados.

- **Falta de Contextualização**

A retórica a favor de Israel tem início na falta de contextualização generalizada dos meios de comunicação (Alzyoud, 2022; Bhowmik & Fisher, 2023). Segundo Kirat e Slamane (2024), os media ocidentais têm demonstrado pouca preocupação em apresentar

os contornos do conflito, preferindo enquadrá-lo “dentro de uma estrutura político-ideológica que se alinha com a agenda (...) da instituição mediática” (p. 5859)

Do ponto de vista israelita, os ataques de 7 de outubro marcaram o início da guerra. No entanto, para os palestinos, este foi só o incidente mais recente de uma guerra que se arrasta há décadas. Por esse motivo, Hanif (2024) argumenta que não é ético ignorar o contexto para favorecer a narrativa israelita. Embora nada justifique o terrorismo, o autor defende que os meios de comunicação devem assegurar que “o público tenha uma compreensão mais completa” das circunstâncias do ataque (p. 34).

Tamini e Vargas (2024) entendem que essa omissão do contexto leva à demonização dos palestinos, que acabam por ser vistos como agressores. Por outro lado, a ausência de informação sobre a ocupação e bloqueios israelitas faz perpetuar uma “imagem de eterna vítima”, que permite a Israel continuar a “cometer atrocidades em massa”, sob a justificativa do direito à autodefesa (p. 3-4). Neste sentido, os meios ajudam a incentivar a visão de que as mortes palestinas “são um preço a pagar pela segurança e prosperidade de Israel” (Tweissi, 2023, p. 6).

A carência de contexto e explicações pode ter consequências danosas na forma como o público descodifica o conflito. Em 2011, o Glasgow Media Group concluiu que, durante a cobertura da guerra, muitos telespectadores ficaram confusos sobre quem estava a ocupar as terras, levando alguns a acreditar, erroneamente, que os palestinos eram os ocupantes. De acordo com Shihadah e Weir (2018), a omissão da ocupação israelita nas notícias só prejudica o público, deixando-os “ignorantes sobre um dos aspetos mais significativos do conflito” (para. 37).

Durante a cobertura de 2014, Alkalliny (2017) constatou que tanto a *FOX News* como a *CNN* enquadraram o conflito como sendo étnico-religioso, ignorando a guerra pelo controlo da terra, que dura há mais de 70 anos. As duas estações norte-americanas representaram o conflito opondo muçulmanos e judeus, podendo gerar interpretações distorcidas da realidade.

A omissão deliberada do desequilíbrio que existe entre o exército israelita, considerado um dos melhores do mundo, e o Hamas também contribui para essa falta de contexto, fazendo com que o público considere que existe uma força militar igualizada

entre as duas partes (Kirat & Slamane, 2024). Para além disso, há vários meios de comunicação que continuam a dar palco a comentadores que, em alguns casos, não possuem conhecimentos históricos e políticos para analisar o desenvolvimento do conflito histórico na Palestina, podendo isso prejudicar o entendimento do público (Sánchez, 2023).

Há, contudo, algumas exceções. Bevilaqua (2023) concluiu que o *Jornal Nacional* da *Rede Globo*, no dia 7 de outubro, teve em atenção a contextualização histórica da guerra, de forma a inserir o público no cenário político. Também Mercado (2021) constatou que os principais jornais espanhóis, entre 2000 e 2019, tentaram inserir alguma contextualização nas notícias sobre o conflito. A *Al-Jazeera*, como seria de esperar, em vez de isolar o ataque de 7 de outubro, também apostou na explicação do contexto sobre a ocupação israelita (El Damanhoury et al., 2025).

- **Linguagem**

Também a linguagem utilizada pelos jornalistas pode favorecer um dos lados do conflito. Segundo Peteet (2016), esta é uma parte muito importante na cobertura de guerras e crises humanitárias, como a que acontece na Palestina. E o uso incorreto de certos termos pode ter graves consequências na forma como o público perceciona as partes envolvidas. Como afirma Farhi (2023), “uma palavra mal escolhida (...) pode provocar denúncias rápidas de leitores, ouvintes e espectadores” (para. 6). Por esse motivo, vários órgãos de comunicação criaram livros/guias de estilo adaptados à cobertura do conflito em Gaza.

O livro de estilo da *Associated Press*, por exemplo, desaconselha o uso da palavra “terrorista” para se referir a integrantes do Hamas, por ser demasiado politizada, e também prefere não utilizar a palavra “ocupação”, já que, em teoria, Israel abandonou a Faixa de Gaza em 2005 (Farhi, 2023). O jornal *The New York Times* também preferiu abolir da sua cobertura expressões como “genocídio”, “limpeza étnica” ou “território ocupado” (Scahill & Grim, 2024).

Ainda assim, vários estudos revelaram uma tendência pró-israelita através do uso de linguagem emotiva. Johnson e Ali (2024) concluíram que alguns dos principais jornais

norte-americanos utilizaram palavras como “horrível” ou “massacre” para descrever o assassinato de cidadãos israelitas, coisa que raramente aconteceu com os palestinos. Nos principais canais de televisão britânicos, Hanif (2024) também descobriu que dois em cada três termos emotivos foram utilizados para relatar as vítimas israelitas do ataque de 7 de outubro. Nos jornais *online* o mesmo se verifica – o uso de expressões como “atrocidade”, “bárbaro” ou “massacre” são quatro vezes mais prováveis de surgirem em artigos que falam da violência do Hamas. De acordo com o autor, estas escolhas linguísticas ajudam a intensificar o sofrimento do povo judeu, mas podem ter o efeito contrário para os palestinos, que veem a sua dor minimizada.

No *website* da BBC, Najjar e Lietava (2023) observaram que, nos primeiros dois meses de guerra, o termo “assassinado” foi utilizado apenas uma vez para se referir a um indivíduo palestino. Isto é, enquanto os israelitas são “assassinados”, os palestinos apenas “morrem”. Tamini e Vargas (2024) também constataram que o termo “ataque” é usado com mais frequência para descrever eventos com vítimas israelitas. Os palestinos, por sua vez, estão mais associados a “explosões” ou “bombardeamentos”.

Ao investigar as publicações nas redes sociais de seis jornais australianos, Carland (2023) ainda verificou o uso de frases que pareceram suavizar, de certa forma, os ataques perpetrados por Israel. Por exemplo, num *post* do *The Daily Telegraph*, referente a um bombardeamento em Gaza, é mencionado que “bombas caíram a menos de 100 metros de distância”. De acordo com a autora, o verbo sugere que as “bombas caíram espontaneamente do céu sem qualquer intervenção humana, como se fossem um fenómeno natural como a neve” (p.14). Da mesma forma, o *The Australian* descreveu um dos ataques israelitas em Gaza com a frase: “Luzes laranja iluminaram o céu noturno”, que Carland (2023) critica por parecer desvalorizar a culpa de Israel e embelezar o ataque (p. 15).

Durante os primeiros três meses de conflito, Youmans (2024) analisou os *talk-shows* noticiosos de quatro canais norte-americanos – NCS, CBS, ABC e FOX. Os resultados mostram que, em 51 programas analisados, a palavra “refém” foi utilizada mais de 500 vezes, ao passo que a palavra “ocupação” foi mencionada apenas 35 e os “prisioneiros palestinos”, somente 17 vezes. Sobre estes últimos, Rodrigues (2024a) afirma que, ao contrário dos reféns israelitas, os meios têm ocultado as suas histórias e testemunhos, ignorando as torturas a que, também, são submetidos.

A linguagem permite, assim, que a cobertura do conflito continue a beneficiar Israel, promovendo uma imagem de "único reduto da democracia de tipo ocidental na região, assolado por Estados empenhados na sua destruição" (Rodrigues, 2024a, p.16). Alkalliny (2017) já descobrira, durante a cobertura do conflito em 2014, que a *CNN* e a *FOX News* retrataram as forças israelitas como forças democráticas, enquanto os palestinos foram descritos, maioritariamente, como atacantes ou terroristas.

Ali et al. (2024) obtiveram resultados idênticos ao analisar a cobertura do primeiro mês de conflito na *BBC*, *France24* e *Voice of America (VOA)*. Os investigadores concluíram que as atividades israelitas foram enquadradas como “operações de segurança” ou “esforços antiterroristas”, perpetuando a narrativa de autodefesa. Por outro lado, termos como “militar islâmico” ou “jihadista islâmico” foram frequentemente usados em histórias palestinas (p. 1218).

A *Al-Jazeera*, por outro lado, na cobertura do conflito em 2021, comparou os ataques israelitas ao *Apartheid* da África do Sul, usando frequentemente termos como “ocupação”, “colonatos” e “limpeza étnica”, divergindo em larga escala da cobertura ocidental (Amaireh, 2024, p. 30). Para além disso, em 2023, em vez de terroristas, retrataram os palestinos como “lutadores”, utilizando termos como “resistência” (Ali et al., 2024, p. 1218).

- **Fontes e Voz**

A diferença de tratamento entre israelitas e palestinos também é revelada na voz que é dada a cada um dos grupos. Bevilaqua (2023) concluiu uma “discrepância considerável no número de fontes palestinas e israelitas” (p. 52), sendo estas últimas creditadas como mais confiáveis que as primeiras (Hanif, 2024).

O estudo de Hanif (2024) dá conta que os meios de comunicação ocidentais tendem a não confiar nas fontes ligadas ao Hamas. Frequentemente, foi utilizada a ressalva “Ministério da Saúde administrado pelo Hamas”, para reportar o número de mortos em Gaza (p. 108), o que, de acordo com o autor, serve para desvalorizar a credibilidade do ministério e dos números, apesar destes serem validados pela ONU e pelas principais agências humanitárias.

Pesquisas anteriores já apontavam um padrão de sobrevalorização de fontes israelitas. Alkalliny (2017) identificou que mais de 68% das fontes utilizadas em duas das principais estações de televisão norte-americanas eram israelitas. Em 2021, Amer (2022) também concluiu existir uma priorização de fontes israelitas na *BBC* e no *The New York Times*, com destaque para os porta-vozes do exército, cujo papel é “fornecer interpretações dos eventos e justificar as ações militares israelitas” (p. 13). Em contraste, os palestinos foram usados para relatar eventos, sem espaço para contra-argumentar a ofensiva israelita. A grande maioria das vezes, as suas declarações surgiam depois das fontes israelitas, sugerindo uma hierarquia em que as últimas têm mais valor.

No entanto, a partir de 2023, a falta de voz dos palestinos foi agravada pela proibição da entrada de jornalistas estrangeiros na Faixa de Gaza (Sánchez, 2023). Khamis e Dogbatse (2024) entendem que isso faz com que os meios acabem por depender de declarações governamentais oficiais, limitando “a diversidade de perspectivas” (p. 295). Neste sentido, os autores garantem que a cobertura acaba por ser “moldada por aqueles que estão no poder” (p. 296).

Ao longo dos anos, a predominância de fontes oficiais tem sido evidente (Esperanza & Humanes, 2017). Bhowmik e Fisher (2023), analisando a cobertura da *CNN* sobre o conflito em 2021, observaram um uso expressivo de entrevistas a Benjamin Netanyahu e outros funcionários do governo israelita, embora não tenha sido dado o mesmo espaço ao governo palestino. Em 2023, uma análise à *CNN*, *MSNBC* e *FOX News*, também revelou que as declarações do porta-voz das forças de defesa israelitas (IDF) foram transmitidas ao vivo 19 vezes, em apenas 30 dias. Em várias ocasiões, o porta-voz fez afirmações sem provas, contudo sem a resistência do jornalista, que não contrapôs a informação dada (The Column, 2023).

As diferenças no uso de fontes também se refletem na comparação entre os meios ocidentais e a *Al-Jazeera*. El Damanhoury et al. (2025), ao analisarem a cobertura da *BBC*, perceberam que esta tende a priorizar fontes ocidentais, ao invés de fontes palestinas ou, até mesmo, israelitas, apesar de ser clara a tendência a favor destas. Por outro lado, a *Al-Jazeera* oferece uma “cobertura diferenciada dos eventos, explorando fontes locais e próximas”, para além de amplificar a fraca voz que é dada aos palestinos no ocidente (p. 11). Amairh (2024) já obtivera resultados semelhantes, durante a cobertura de 2021.

Alguns estudos também demonstram que os media ocidentais tendem a humanizar mais os civis israelitas. A análise de Carland (2023) concluiu que os jornais australianos eram muito mais propícios a “conceder” um nome, mostrar uma cara, ou dar a conhecer a história de uma vítima israelita, do que uma palestina. Nas redes sociais do *The Australian*, por exemplo, apesar de existirem dois *posts* focados nos palestinos, nenhum deles continha elementos humanizantes, uma vez que estes eram descritos como uma “multidão indistinguível, sem nomes e sem relatos da sua própria experiência” (p. 20). O *The ABC*, por outro lado, foi o único meio de comunicação analisado que providenciou um número total de publicações “humanizantes” tanto para israelitas como para palestinos. Najjar e Lietava (2023) ainda acrescentam que o grau de parentesco das vítimas, como pai, mãe, filho ou neto, foi mencionado com maior frequência em notícias sobre israelitas. A única exceção foi o grau “esposa”, que surgiu mais vezes em referência aos palestinos.

Ainda ao nível da voz concedida a cada um dos lados, a agência de notícias *The New Humanitarian* (2023) denuncia a dualidade de comportamentos em vários canais televisivos norte-americanos e britânicos. Enquanto os entrevistados palestinos são, muitas vezes, obrigados a condenar as ações do Hamas, como “bilhete de entrada para a conversa”, aos entrevistados israelitas não lhes é solicitado que desaprovem as ações e crimes cometidos pelo seu governo (para. 10). Um exemplo disso foi a entrevista que o chefe da Missão Palestina no Reino Unido, Husam Zomlot, deu à *BBC*.

Hanif (2024) também refere que, nos canais ingleses, as vozes pró-palestinas que tentam dar um contexto sobre a guerra, em entrevistas, “são silenciadas ou acusadas de apoiar o Hamas e o ataque de 7 de outubro” (p. 105). Rodrigues (2024a) vai mais longe e acrescenta que o apoio à população palestina é, muitas vezes, marginalizado e “entendido como suspeito de promover o antissemitismo” (p. 18).

- **Notícias Falsas**

A cobertura da guerra em Gaza tem vindo a resultar em desinformação e muitas notícias falsas. Várias imagens foram alteradas e tiradas do contexto, para obedecer a certas narrativas (Briceño & Swann, 2024). Hanif (2024) revela que os meios de comunicação britânicos partilharam retóricas israelitas, sem qualquer tipo de verificação,

aceitando-as como reais quando, na verdade, não o eram. Desta forma, o autor indica que a representação mediática ocidental amplificou a propaganda israelita, descurando o escrutínio jornalístico de verificação dos factos.

Nos Estados Unidos, o canal *ABC* transmitiu imagens da destruição causada pelos ataques aéreos israelitas em Gaza, apresentando-as como uma agressão por parte da resistência palestina contra Israel (Kirat & Slamane, 2024). Em 2014, o canal *FOX News* já tinha mostrado imagens de prédios destruídos em Gaza, como sendo em Israel (Alkalliny, 2017).

Em 2023, pouco tempo depois do ataque de 7 de outubro, a jornalista da *CNN*, Sara Sidner, espalhou a notícia falsa de decapitações de bebés israelitas por parte do Hamas (Sánchez, 2023). Kirat e Slamane (2024) afirmam que este tipo de cobertura enganosa pode levar à criação de uma opinião pública negativa sobre os palestinianos. De acordo com o *The New Humanitarian* (2023), a falsa decapitação de bebés faz com que, para o público, o assassinato em massa de palestinianos se torne mais aceitável.

Para além dessas alegações, outras como as que dão conta que um dos combatentes do Hamas cortou o útero a uma mulher grávida, arrancando-lhe o feto, foram várias vezes disseminadas nos meios de comunicação britânicos (Hanif, 2024). Apesar de não existir nenhuma evidência que verifique o ocorrido, jornais como o *The Sun* fizeram manchete das alegações. Também o canal britânico *LBC* noticiou que o Hamas “assou bebés nos fornos” (Rodrigues, 2024a, p. 19). Tudo isto se inseriu na estratégia propagandística de Israel, que visa desumanizar o “inimigo para justificar a implacável retaliação” (p. 19).

- **Vítimas israelitas vs. vítimas palestinianas**

Por fim, a cobertura pró-israelita dos meios ocidentais revelou-se, mais uma vez, ao ser atribuída uma atenção desproporcionada às mortes israelitas, quando comparadas com as palestinianas. Chaudhry e Riaz (2024) concluíram que, durante os primeiros seis meses de guerra, o *The New York Times* noticiou mais vezes as vítimas israelitas, ainda que o número de baixas palestinianas fosse muito superior. Jackson (2023) também verificou que, na primeira semana de guerra, as mortes israelitas foram mais vezes documentadas,

existindo uma inversão desses resultados a partir do dia 17 de outubro, momento em que as mortes palestianas já começaram a surgir mais vezes.

Nos primeiros dias de conflito, Jones (2023) também descobriu que as capas do jornal *Daily Mail* não contiveram uma única menção à morte de palestinos, ao contrário das vítimas israelitas que surgiram seis vezes. Em 2018, um estudo da organização *If Americans Knew* também já havia relatado que a *Associated Press* noticiou quatro vezes mais, as mortes de cidadãos israelitas, apesar de terem morrido mais palestinos (Shihadah & Weir, 2018).

Durante o primeiro mês de guerra, em 2023, na *CNN* e na *FOX News*, os aproximadamente 230 reféns que permaneciam em Gaza, ao momento, também receberam mais cobertura mediática do que as vítimas mortais palestinas. A morte de cerca de 30 crianças israelitas no ataque de 7 de outubro também foi mais vezes mencionada do que a morte de crianças palestinas. (The Column, 2023).

4.2 A Representação mediática do conflito israelo-palestino em Portugal

Em Portugal, são poucos os estudos que dão conta da representação mediática dos palestinos e israelitas nos meios de comunicação nacionais. Cardoso (2012) e Ferreira (2011) analisaram a cobertura jornalística portuguesa do ataque israelita à “Flotilha da Liberdade”, embarcação que levava ativistas pró-Palestina e toneladas de ajuda humanitária para Gaza, em 2010.

A primeira autora, investigando os jornais *Público* e *Diário de Notícias*, concluiu aquilo que outros estudos já haviam revelado – existe uma tendência para ampliar as fontes israelitas e tratar a situação palestina com “superficialidade e generalizações que não contemplam a complexidade do quadro político” (p. 80). Cardoso (2012) verificou que Benjamin Netanyahu, o ministro da defesa israelita e algumas autoridades norte-americanas foram citadas mais vezes, refletindo o quadro de sobrevalorização de fontes oficiais. Em contraste, nenhum civil palestino foi ouvido, resultando na ausência de um “depoimento ou relato pessoal sobre como o embargo estaria a afetar” o quotidiano em Gaza (p. 82). O estudo ainda revelou que, a partir da segunda semana de

cobertura, o evento perdeu destaque, deixando de ser um assunto de capa ou abertura dos jornais.

A dissertação de Ferreira (2011), ainda que sobre o mesmo tema, teve outro foco – comparar a representação do ataque na imprensa tradicional (*Correio da Manhã* e *Público*) e na imprensa *online* (*Diário Digital* e *Portugal Diário*). As conclusões revelam que a primeira oferece uma cobertura mais detalhada e contextualizada, focada na tensão diplomática e no apuramento de culpas, contrariamente aos meios *online*, cuja cobertura é mais imediata, destacando o número de mortos e feridos.

Calheiras (2022) também analisou a cobertura *online* de seis jornais portugueses - *Público*, *Expresso*, *Correio da Manhã*, *Observador*, *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias* -, durante a crise de 2021. O estudo revelou que as fontes israelitas eram maioritariamente militares e autoridades políticas, em oposição às palestinianas que eram, muitas vezes, civis e ativistas. Mas, contrariamente a outros artigos, este refere que “os atributos comoventes (...) de israelitas são maioritariamente omitidos ou neutralizados, enquanto os dos palestinianos são evidenciados” (p. 37). Para além disso, existe ainda uma contextualização do conflito, com a utilização de expressões como “territórios ocupados”, “colonatos” e “movimento de resistência palestiniana”.

Sobre o conflito atual, Rodrigues (2024b) investigou a cobertura da *SIC Notícias* e da *CNN* no primeiro aniversário do conflito, em 2024. Ao longo da emissão foram ouvidos diversos comentadores que, de acordo com o autor, evitaram usar expressões como “genocídio”, “limpeza étnica” ou “ocupação”. Também, a palavra “massacre” foi mais vezes utilizada em referência aos ataques do Hamas. Porém, é de notar que alguns comentadores assinalaram o contexto dos ataques de 7 de outubro, reforçando que esses não justificam a morte de milhares de palestinianos. Foi o caso de Marcos Faria Ferreira, que na *SIC Notícias* salientou a “brutal desumanização a que foram sujeitos os palestinianos” (p. 9). Também o jornalista Rui Cardoso focou o seu comentário na ausência de repórteres estrangeiros na Faixa de Gaza, que descreve como um “massacre à porta fechada” (p.9).

Em contrapartida, o jornalista Henrique Cymerman optou por destacar a ameaça que o Hamas representa para Israel e todo o mundo ocidental. Em entrevista à *SIC Notícias*, também Rafael Rozenszajn, porta-voz das IDF, culpou o Irão pelo atual conflito.

Na *CNN*, Helena Ferro Gouveia lembrou “o maior atentado terrorista dos últimos 50 anos” e o direito à defesa israelita (p.9).

Ferreira e Trevisan (2024) analisaram a cobertura da *RTP* e *RTP3*, durante o mesmo período. À semelhança de outros estudos, verificou-se uma elevada utilização de fontes oficiais políticas e militares israelitas, acabando os civis palestinianos e, até mesmo os israelitas, por ficarem marginalizados. Por outro lado, a cobertura foi enriquecida pelo envio de jornalistas para Israel, Cisjordânia e Líbano, lembrando que “nada substitui a reportagem informada no terreno”. Os autores ainda referem que o comentário “abordou mais ângulos de análise e ouviu vozes mais plurais”, com destaque para os médicos especializados em situações de conflito e trabalhadores humanitários, que, entre outras coisas, deram conta “dos horrores vividos no terreno” (p.12).

Ao nível da imprensa, Baptista (2024) destaca os artigos do *Público* e do *Diário de Notícias*, também no aniversário do conflito, apesar da cobertura do último ser mais “desequilibrada, porque não existem histórias palestinianas” (p. 14). Quanto ao *Correio da Manhã* e o *Jornal de Notícias*, a investigadora sustenta que estes foram os órgãos que menos investiram na representação do assunto, por serem mais orientados para atualidade nacional. Apesar disso, ainda realça uma reportagem do *Correio da Manhã* realizada por dois enviados a Israel. Por fim, sublinha o carácter “conservador” das opções editoriais do *Expresso*, que dá espaço a comentários de especialistas internacionais e nos textos informativos não inclui o lado palestiniano.

CAPÍTULO III - OPÇÕES METODOLÓGICAS

1. Pergunta de partida e objetivos de investigação

A formulação da pergunta de partida constitui uma etapa fundamental no processo de investigação, uma vez que permite delimitar o objeto de estudo (Neuman, 2014). De acordo com Bhattacharjee (2012) esta visa encontrar uma resposta para um determinado “comportamento, evento ou fenómeno de interesse” (p. 21). Neste sentido, o presente relatório foi orientado pela seguinte questão: *Como foi representado o conflito israelo-palestiniano, no Jornal da Noite da SIC?*

De forma a dar-lhe resposta, foram definidos os seguintes objetivos:

- 1) Caracterizar o espaço dado ao conflito israelo-palestiniano no *Jornal da Noite*;
- 2) Compreender como foram representados os israelitas e os palestinianos durante a cobertura do conflito;
- 3) Comparar a representação mediática do conflito entre Israel e Gaza em 3 períodos distintos:
 - Na primeira semana de conflito em 2023 (7 a 14 de outubro);
 - Na semana em que se completaram seis meses (7 a 14 de abril de 2024);
 - Na semana do primeiro aniversário (7 a 14 de outubro de 2024).

2. Desenho de Pesquisa, Métodos e Técnicas

O desenho de pesquisa adotado nesta investigação assenta num Estudo de Caso, que consiste na exploração de uma realidade específica, seja ela “um local, uma comunidade ou organização” (Bryman, 2012, p. 67). Neste contexto, o *Jornal da Noite* da SIC é utilizado como caso de análise para examinar a cobertura mediática do conflito israelo-palestiniano.

De acordo com Bryman (2012), este tipo de investigações tende a usar métodos qualitativos, já que “são vistos como particularmente úteis na geração de um exame intensivo e detalhado de um caso” (p. 68). Este relatório utiliza uma abordagem mista, que integra tanto métodos quantitativos como qualitativos, proporcionando uma melhor compreensão do problema. Mais concretamente, optou-se pelo método sequencial explicativo, no qual é conduzida, primeiramente, uma pesquisa quantitativa que é, em seguida, explicada com mais detalhe por uma qualitativa (Creswell & Creswell, 2018). Neste sentido, as técnicas utilizadas foram a análise de conteúdo (quantitativa e qualitativa) e a entrevista semiestruturada.

2.1 Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo é uma técnica utilizada no campo das Ciências Sociais que permite examinar “as informações e os símbolos contidos em documentos escritos ou

outros meios de comunicação” (Neuman, 2014, p. 49). Esta é uma técnica particularmente vantajosa, já que permite analisar uma grande quantidade de material de forma transparente, utilizando categorias que podem ser facilmente replicáveis noutras investigações (Bryman, 2012).

Na abordagem quantitativa, a análise de conteúdo é essencialmente orientada pela estatística, permitindo organizar e interpretar os dados através de gráficos e tabelas. De acordo com Creswell e Creswell (2018), este método centra-se na medição de um conjunto de variáveis que ajudam a responder às questões previamente levantadas.

O *corpus* desta análise quantitativa é composto por todas as peças jornalísticas referentes ao conflito no Médio Oriente, transmitidas no *Jornal da Noite* da SIC, durante três períodos estratégicos e relevantes. De acordo com Neuman (2014), os Estudos de Caso podem concentrar-se num determinado período de tempo, ou em múltiplos. Seguindo esta segunda abordagem, foram analisadas as seguintes semanas:

Data	Nº de peças analisadas
7- 14 Outubro 2023	81 peças
7- 14 Abril 2024	24 peças
7-14 Outubro 2024	24 peças
Total	129 peças

*Tabela 1 - Total de peças analisadas
(Elaboração própria)*

A escolha destes períodos temporais foi feita de forma a verificar eventuais alterações na cobertura, ao longo do primeiro ano de guerra, proporcionando uma visão longitudinal da narrativa mediática. Para tal, foram escolhidas três semanas emblemáticas: a semana inaugural, a semana em que se assinalaram seis meses e a semana do primeiro aniversário. Feita a seleção, as 129 peças foram analisadas com base em cinco variáveis:

- Alinhamento das peças, de forma a determinar a sua importância editorial;
- Duração, para aferir o tempo de antena dedicado ao conflito;
- Formato, de maneira a classificar o género jornalístico da peça;
- Temas abordados, ou seja, a categorização dos assuntos centrais, podendo existir mais do que um por peça;
- Fontes utilizadas, contabilizando-se as vozes ativas presentes nos “vivos” das peças.

Complementarmente, foi conduzida uma análise qualitativa de conteúdo, com um maior foco interpretativo, às reportagens feitas a partir do Médio Oriente pelo único correspondente internacional da *SIC* no local, Henrique Cymerman. De acordo com Roller e Lavrakas (2015), este tipo de análise tem um “maior ênfase nas interpretações subjetivas dos significados (...) de forma a identificar temas e padrões relevantes (p. 231-232). Esta diferencia-se da análise quantitativa por não depender de números e dados estatísticos, mas do olhar analítico do investigador (Bryman, 2012).

O corpus da análise qualitativa é composto pelas oito reportagens elaboradas por Henrique Cymerman, transmitidas nas mesmas três semanas em estudo, como se pode observar na Tabela 2. Para isso, analisaram-se oito dimensões, que permitiram avaliar os enquadramentos adotados pelo jornalista para cada um dos lados do conflito:

- a) Espaço geográfico em que o repórter se encontra;
- b) Uso de linguagem emocional;
- c) Representação da população israelita;
- d) Representação do governo e exército israelitas;
- e) Representação da população palestina;
- f) Representação do Hamas;
- g) Representação da Autoridade Palestina;
- h) Representação de outros intervenientes no conflito, como o Hezbollah e o Irão.

Data	Nº de reportagens analisadas
7-14 Outubro 2023	4 reportagens
7-14 Abril 2024	3 reportagens
7-14 Outubro 2024	1 reportagem
Total	8 reportagens

*Tabela 2 - Total de reportagens analisadas
(Elaboração própria)*

2.2 Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada é uma técnica que combina um conjunto de perguntas pré-definidas, na qual o investigador tem uma maior flexibilidade, já que pode ir acrescentando ou retirando questões ao guião em função do rumo da conversa. Esta

abordagem permite ao entrevistador ajustar a ordem das perguntas com base nas respostas do entrevistado, tornando a conversa mais fluída (Bryman, 2012).

Neste contexto, foi realizada uma entrevista ao correspondente Henrique Cymerman, no dia 25 de maio de 2024, com o objetivo de complementar a análise qualitativa das suas reportagens. A entrevista foi conduzida remotamente, através da rede social *WhatsApp*.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

1. O conflito israelo-palestiniano no *Jornal da Noite da SIC*: espaço e tempo concedidos ao assunto

O conflito israelo-palestiniano é um tópico de enorme relevância global, como já se enunciou anteriormente no relatório. No entanto, tem vindo a ser notória a diminuição de tempo disponibilizado ao mesmo pelos órgãos de comunicação, como se pode observar no gráfico abaixo. No *Jornal da Noite da SIC*, durante a primeira semana de guerra foram emitidas 81 peças jornalísticas, refletindo a urgência e novidade do acontecimento.

Mas, como seria de esperar, o nível de atenção mediática não se manteve e em abril de 2024, na semana em que se completaram seis meses do ataque de 7 de outubro, o número de peças caiu drasticamente para 24. E o padrão manteve-se na semana do primeiro aniversário: também 24 peças foram exibidas no Jornal, evidenciando, uma vez mais, a tendência de diminuição do interesse mediático, apesar da efeméride.

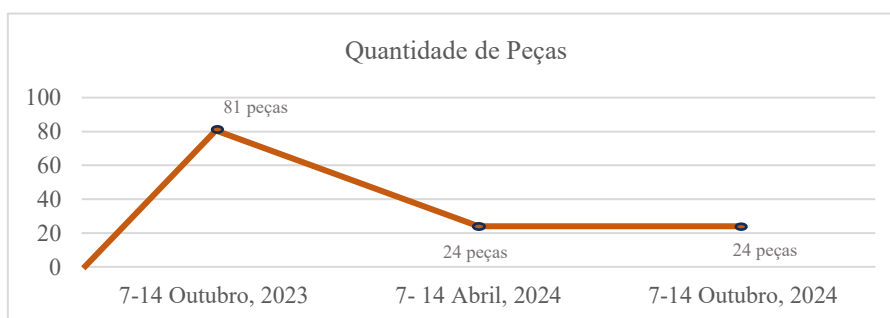


Gráfico 1 - Quantidade de peças analisadas por semana
(Elaboração própria)

Para além da quantidade de peças, também a sua posição no alinhamento do Jornal contribui para compreender e comparar o grau de relevância atribuído ao tema nos diferentes momentos temporais (Gráfico 2). A hierarquização dos assuntos dentro de um noticiário revela as prioridades editoriais do órgão, isto é, aquilo que considera mais importante. Por esse motivo, a notícia de abertura deve mostrar-se como aquela que tem maior peso informativo, já que anuncia o que de mais relevante acontece no país e no mundo (Lopes et. al., 2009).

Dos 24 dias analisados, concluiu-se que o conflito no Médio Oriente foi tema de abertura do *Jornal da Noite* oito vezes, ou seja, um terço dos dias. Dessas oito, seis foram na primeira semana de guerra, em outubro de 2023, evidenciando, uma vez mais, a urgência e importância da temática. Beazley (2023) afirma que, nos primeiros dias de conflito, foram inúmeros os jornais e meios de todo o mundo a encher as primeiras páginas de imagens dos ataques em Israel. No *Jornal da Noite*, os dias 10 e 11 foram os únicos em que a guerra não foi tema de abertura, sendo a posição ocupada por temas nacionais, como a apresentação do Orçamento de Estado ou a publicação de um relatório sobre o novo aeroporto de Lisboa.

Na semana de 7 a 14 de abril, o conflito abriu o Jornal apenas uma vez. Nos restantes dias, foi tema de abertura do bloco internacional três vezes e nos outros quatro não abriu nem um nem o outro, indicando, novamente, o declínio da sua relevância mediática. No dia 9 de abril, por exemplo, a Guerra no Médio Oriente só surgiu na sétima posição do bloco internacional. No dia seguinte, o tema voltou a aparecer somente na sexta posição.

Os blocos temáticos são organizados de forma a garantir coerência entre as notícias. Geralmente, podem encontrar-se nos jornais televisivos blocos de política, sociedade, economia, cultura, desporto e internacional (Cruz, 2014). Embora a sua importância seja bastante mais reduzida, ser tema de abertura de um destes blocos ainda revela uma posição de destaque na hierarquia editorial. Nesse sentido, é possível observar que, na semana do primeiro aniversário, o tema voltou a ganhar destaque, abrindo este bloco seis dos oito dias analisados, além de ter sido tema de abertura uma vez. Só no dia 10 é que o tema surgiu mais tarde, ocupando o quinto lugar do bloco internacional.

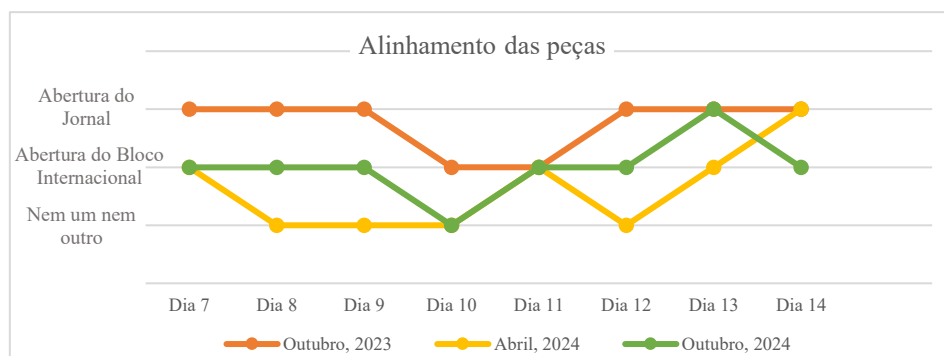


Gráfico 2 - Alinhamento das peças por semana
(Elaboração própria)

Também a duração da peça serve de medida para avaliar o espaço concedido ao conflito no *Jornal da Noite* (Gráfico 3). Na primeira semana de conflito, a esmagadora maioria das peças tinham entre 1 e 2 min 59 (43,2%) e entre 3 e 4 min 59 (39,5%). Para além disso, ainda se contabilizaram oito peças com mais de 5 minutos, que correspondem a quase 10% do total.

Todavia, nota-se uma significativa diferença quando se analisam os dados da semana de abril de 2024. A grande maioria das peças (75%) duram entre 1 e 2 min 59, havendo muito menos (apenas 12,5%) com uma duração entre os 3 e os 4 min 59. Isto revela uma redução da atenção dedicada ao tema, que passou a ter uma abordagem mais breve. Ainda que o gráfico indique que as peças com mais de 5 minutos correspondem a cerca de 8,4% do total, importa sublinhar que essa percentagem representa, na realidade, apenas duas peças, o que relativiza o seu peso, ajudando a mostrar, mais uma vez, a tendência referida.

Na semana de outubro de 2024, os dados parecem alterar-se, novamente. A maioria das peças (cerca de 58%) continua a ter uma duração entre 1 e 2 min 59. Contudo, a coluna das peças de 3 a 4 min 59 voltou a subir, estando agora nos 25%. Para além disso, ainda foram emitidas quatro peças com mais de 5 minutos, correspondendo a quase 17% do total.

Assim, à semelhança do que se concluiu ao analisar a quantidade de peças e o alinhamento, consegue delinear-se uma trajetória em que a atenção dada ao tema, que é bastante intensa e aprofundada na primeira semana, se desvanece significativamente na semana analisada de abril, voltando a recuperar um pouco da atenção em outubro de 2024,

com peças mais longas e com melhores posições no alinhamento do Jornal, ainda que em número limitado.

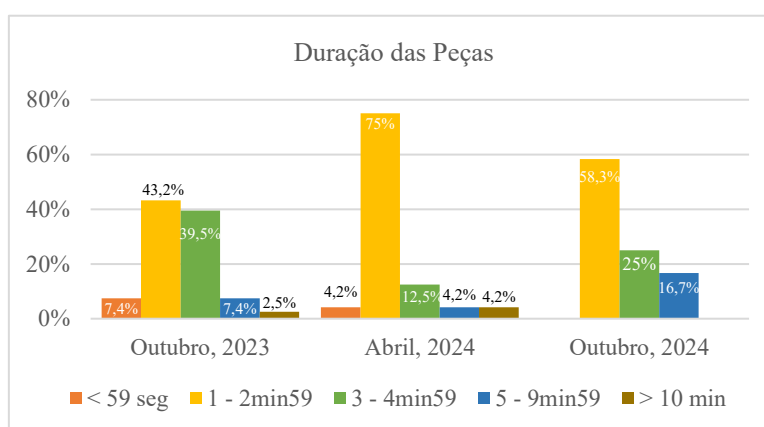


Gráfico 3 - Duração das peças por semana
(Elaboração própria)

Mas essa tendência não é exclusiva do cenário mediático português. A *Rádio França Internacional* - *RFI* já havia noticiado resultados semelhantes nos media franceses (Bernas, 2024). Um artigo da *Arrêt sur Images*, por exemplo, mostrou que, num período de 10 dias, em fevereiro de 2024, os blocos informativos dos canais *TF1* e *France2* dedicaram apenas cinco minutos da sua emissão à situação em Gaza. Em entrevista à *RFI*, o sociólogo Jean-Marie Charon diz existir uma espécie de “esgotamento” nos media, que costuma acontecer “em situações de guerra ou crise”, depois de uma cobertura intensa e prolongada (Bernas, 2024, para. 5).

Tumber e Webster (2006) argumentam que os conflitos armados tendem a perder espaço na agenda mediática com o passar do tempo. Se num primeiro momento, os meios se aglomeram no local para reportar os primeiros ataques, à medida que o conflito se arrasta, este rapidamente deixa de ser uma novidade, mesmo que as mortes persistam ou até se intensifiquem. Este é um fenómeno conhecido como “fadiga mediática” e manifesta-se, de forma evidente, na cobertura atual da guerra israelo-palestiniana, da mesma forma que se manifestou em conflitos anteriores (Graça, 2023). Kasińska-Metryka e Pałka-Suchojad (2023) concluíram, por exemplo, que passado um ano, a guerra na Ucrânia perdeu o seu destaque nos meios de comunicação polacos.

Voltando à questão de Gaza, Jean-Marie Charon também reflete sobre a forma como o conflito, pela sua longa duração, vai desaparecendo da atenção pública e

mediática. Segundo o sociólogo, a guerra no Médio Oriente já não desperta a mesma atenção e preocupação, uma vez que parece não ter solução ou fim à vista (Bernas, 2024). A plataforma Resumen Latinoamericano (2025) reforça esta ideia, observando que, ao fim de algum tempo, as histórias vividas no terreno vão perdendo o seu impacto, uma vez que são já entendidas como normais, repetindo-se todos os dias. Este processo é frequentemente descrito como “fadiga de compaixão”.

Este é um termo que reflete a ideia de que o telespectador, depois de ser confrontado todos os dias com diversas imagens de mortes e destruição, se torna distante e indiferente à guerra que se passa do outro lado do mundo e que, por isso, não afeta a sua vida diretamente (Moeller, 1999). Em entrevista ao jornal *O Globo*, o investigador Stephen Duncombe afirma que, nestas situações, as audiências adotam uma postura passiva, assumindo que não podem fazer nada para alterar a situação, o que leva a uma gradual perda de interesse. Assim, a forte comoção do público que se verifica num primeiro momento, rapidamente se dissipa (Graça, 2023). E como consequência, os meios de comunicação, impulsionados pelos cliques e visualizações, também se vão afastando do tema, formando-se um ciclo vicioso em que os media influenciam o público e o público influencia os media (Hoskins, 2020).

2. Os temas e as vozes da guerra no *Jornal da Noite*

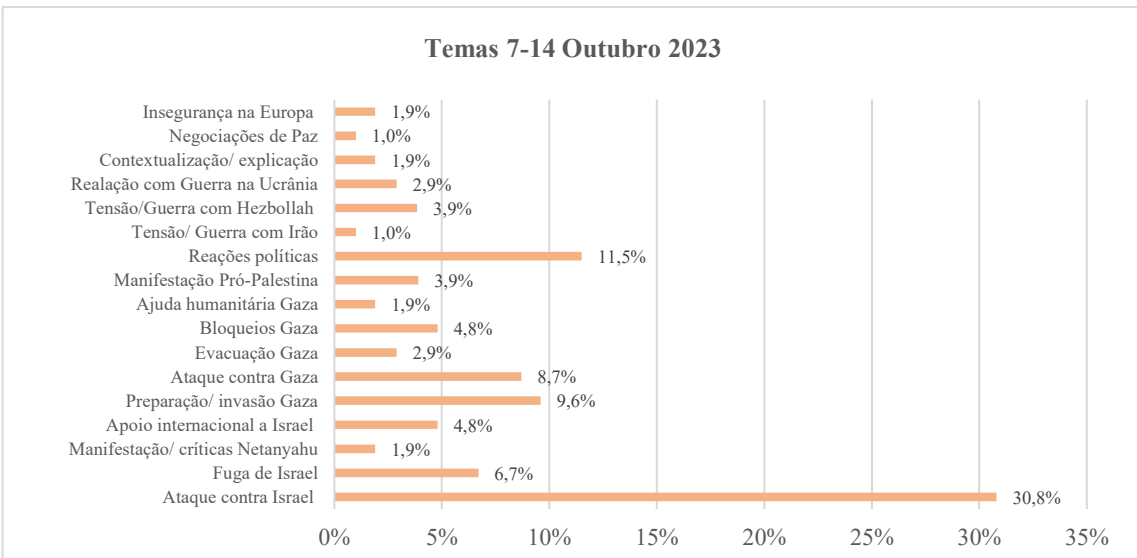


Gráfico 4 - Temas das peças na semana de outubro de 2023
(Elaboração própria)

Como se pode observar no Gráfico 4, a distribuição temática das peças transmitidas na primeira semana de conflito revela uma clara predominância de temas centrados na narrativa israelita. O assunto mais falado no *Jornal da Noite* foi o ataque do Hamas contra Israel, que resultou em milhares de mortos e centenas de reféns (30,8%). Outros temas associados à posição israelita, como a “Preparação/ invasão de Gaza” pelas tropas (9,6%), a fuga de civis após o ataque (6,7%), ou o apoio internacional de países como os Estados Unidos (4,8%) reforçam essa tendência. Desde logo, também começaram a surgir preocupações com um possível alastramento do conflito para outras geografias do Médio Oriente, pelo que ainda se abordou a tensão entre Israel e o Hezbollah (3,9%) e a tensão com o Irão (1%). No seu conjunto, estes temas representam cerca de 57% dos assuntos sobre o conflito abordados durante a semana de 7 a 14 de outubro de 2023.

Em contraste, as temáticas diretamente relacionadas com a crise humanitária em Gaza, decorrente do contra-ataque israelita, corresponderam apenas a cerca de 22% do total de temas. Entre esses incluem-se os ataques em Gaza (8,7%), os bloqueios israelitas de eletricidade, alimentação, água, entre outros (4,8%), as manifestações que decorreram em várias partes do mundo em solidariedade à causa palestiniana (3,9%), a evacuação de cidades no território de Gaza (2,9%) e a chegada de ajuda humanitária (1,9%).

Estes resultados são coincidentes com outros estudos que analisaram a representação mediática dos meios ocidentais. El Damanhoury et al. (2025) concluíram que, nos dias imediatamente após o ataque de 7 de outubro, a *BBC* dedicou mais tempo da sua cobertura a esse evento, do que aos subsequentes bombardeamentos em Gaza. De forma semelhante, Jackson (2023) e Johnson e Ali (2024) verificaram que os meios norte-americanos noticiaram com mais frequência os ataques e mortes do lado israelita, ainda que as mortes palestinianas tenham ultrapassado rapidamente as primeiras em número.

Ao longo dessa semana, também foram transmitidas diversas peças centradas nas reações de líderes internacionais aos ataques de 7 de outubro e a consequente escalada do conflito, representando 11,5% do total de temas. Outros tópicos incluíram ainda o crescimento da insegurança na Europa, com ameaças de atentados terroristas causadas pelo início do conflito (1,9%), as manifestações em Israel contra o governo de Netanyahu (1,9%), os esforços iniciais para negociações de paz entre Israel e o Hamas (1%) e os

possíveis impactos do conflito na guerra da Ucrânia, tema debatido na rubrica *Guerra Fria*, com a participação de José Milhazes e Nuno Rogeiro (2,9%).

Por fim, é importante destacar o papel das peças de contextualização, fundamentais para ajudar o telespectador a entender os contornos de uma guerra que já dura há décadas. Durante a primeira semana, o *Jornal da Noite* transmitiu apenas duas peças: a primeira foi emitida no dia 12 de outubro e tocou em temas como a criação do Estado de Israel, a Guerra dos Seis Dias e do Yon Kippur, a resolução dos Dois Estados definida pela ONU e o contínuo controlo e bloqueios israelitas à Faixa de Gaza. A segunda, emitida a 14 de outubro, foi um excerto de uma grande reportagem da *SIC* exibida em 2021, que contextualiza o grupo Hezbollah e a sua relação com Israel.

Embora tenha havido um esforço de enquadrar o tema num quadro geral que não começa no dia 7 de outubro, é significativo que a primeira peça que o mostre só tenha ido para o ar seis dias após o ataque do Hamas. Isto pode revelar que o canal priorizou a cobertura imediata dos acontecimentos, nos primeiros dias, em detrimento de uma cobertura mais aprofundada que vai ao cerne da questão. Shihadah e Weir (2018) já haviam afirmado que essa falta de contextualização inicial pode ser prejudicial para o entendimento do público. No entanto, é de valorizar que a peça de contextualização tenha abordado temas como os bloqueios e ocupação israelitas da Faixa de Gaza, uma vez que, como já se observou anteriormente, diversos estudos como o de Hanif (2023) indicam que a cobertura ocidental tende a apagar ou omitir esses aspetos estruturais do conflito.

Passados seis meses, a cobertura jornalística sofreu alterações significativas, no que diz respeito às temáticas das peças, refletindo uma evolução no cenário geopolítico da região (Gráfico 5).

A análise revela um claro desvio da atenção mediática, que antes estava centrada em Israel e Gaza. O tema dominante durante a semana de 7 a 14 de abril de 2024 passou a ser a crescente tensão entre Israel e o Irão, que representou quase 42% dos temas abordados. Só depois se seguiram os ataques em Gaza, com cerca de 19%.

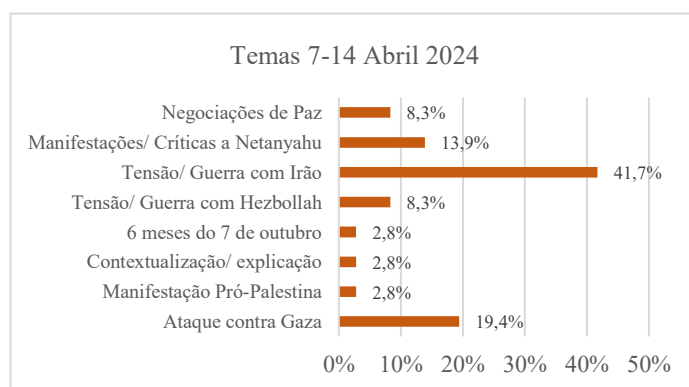


Gráfico 5 - Temas das peças na semana de abril de 2024
(Elaboração própria)

O ataque israelita ao Consulado Iraniano em Damasco e os imediatos confrontos entre ambos receberam uma ampla cobertura mediática a nível internacional (Alim et. al., 2025). Numa análise comparativa à *Al-Jazeera* e à *BBC*, os autores identificaram abordagens distintas: enquanto a primeira estação, embora cobrindo a recém escalada de tensão entre Israel e o Irão, continuou a acompanhar a situação na Palestina, a *BBC* reduziu consideravelmente a visibilidade dos ataques contínuos à Faixa de Gaza. Neste sentido, Graham-Harrison e Tantesh (2024) afirmam que a tensão vivida entre Israel e o Irão “tirou a guerra e a fome iminente em Gaza das manchetes”, fazendo com que a crise humanitária deixasse de ser, também, uma prioridade da agenda internacional (para. 1).

De acordo com Neve Gordon, professora de Direitos Humanos, esta foi uma estratégia israelita para desviar o foco de Gaza e “interromper o declínio do apoio ocidental às políticas do primeiro-ministro israelita” (como citado em Deveci et al., 2024, para. 9). Apesar da redução da cobertura, os ataques em Gaza continuaram, ainda que essa persistência não tenha sido refletida da mesma maneira nos meios de comunicação.

Na semana de Abril seguem-se ainda outros temas como as manifestações/ críticas ao primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, tanto em Israel como a nível internacional (13,9%); as várias reuniões para as negociações da paz no Médio Oriente (8,3%) e a tensão vivida entre Israel e o Hezbollah, que de dia para dia também se ia intensificando (8,3%).

Ainda que com menor visibilidade, surgem também menções ao marco dos seis meses do ataque de 7 outubro (2,8%) e às manifestações de apoio à Palestina (2,8%). Durante essa semana ainda foi transmitida uma peça que explicou o funcionamento da “Cúpula de Ferro”, um sistema de defesa antiaéreo, contribuindo para a compreensão dos mecanismos militares israelitas.

Na semana de 7 a 14 de outubro de 2024, conforme mostra o gráfico 6, os temas mais preponderantes passaram a ser a Guerra e os sucessivos ataques entre Israel e o Hezbollah, correspondendo a aproximadamente 29% dos assuntos abordados; a crescente tensão entre a ONU e Israel, depois de um ataque israelita ter ferido alguns militares das Forças de Manutenção de Paz (25,7%); e os ataques israelitas em Gaza (17,1%), que surgem, assim, em terceiro lugar.

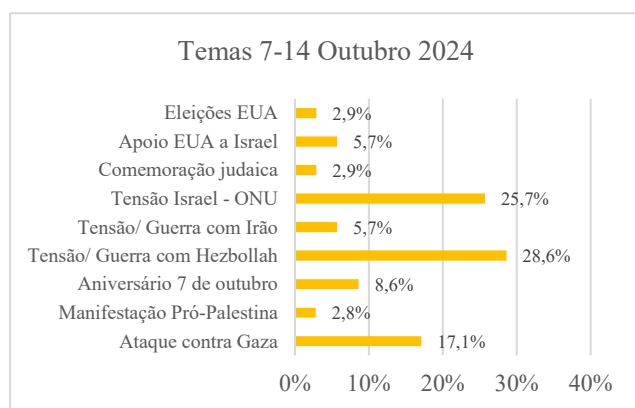


Gráfico 6 - Temas das peças na semana de outubro de 2024
(Elaboração própria)

Foram também realizadas algumas peças que marcaram o primeiro aniversário do conflito, o que representou cerca de 9% dos temas abordados na semana. Seguiram-se ainda assuntos como a tensão entre Israel e o Irão (5,7%), o apoio militar norte-americano a Israel (5,7%), as manifestações de apoio à Palestina (2,9%), a comemoração do feriado religioso Yom Kippur, em Israel (2,9%) e até as eleições presidenciais norte-americanas (2,9%). Este último tópico surgiu numa notícia em que os candidatos, Kamala Harris e Donald Trump, partilharam as suas opiniões sobre o conflito no Médio Oriente.

À semelhança do que aconteceu na semana analisada de abril, neste período a situação em Gaza também foi deixada para, neste caso, terceiro plano. Tal como aconteceu com o Irão, a guerra entre Israel e o Hezbollah voltou a desviar as atenções da Palestina (Weiss, 2024). Um artigo do *The New York Times* relata o medo crescente da população da Faixa de Gaza de ser esquecida numa guerra que se desenrola em múltiplas frentes (Abdulrahim, 2024). No entanto, é de ressaltar que, tanto em abril como em outubro, a situação humanitária e os ataques em Gaza nunca foram esquecidos no *Jornal da Noite*. Apesar do foco mediático se ter desviado para outros pontos do Médio Oriente, o tema manteve-se sempre presente na agenda mediática, surgindo como o segundo tema mais abordado na semana de abril e como o terceiro mais referido na semana de outubro, como se observou ainda agora.

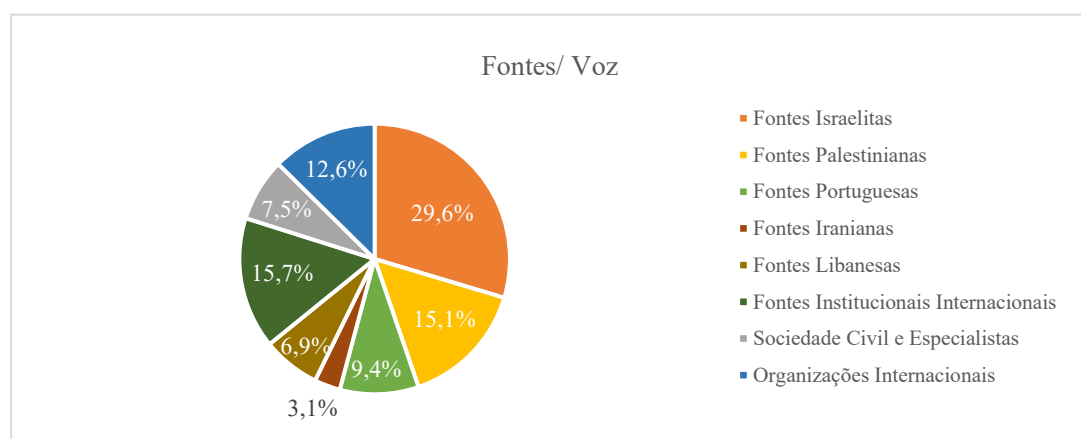


Gráfico 7 - Fontes das peças
(Elaboração própria)

Ao longo da cobertura do conflito, foram utilizadas diversas fontes, sejam elas institucionais ou civis, nacionais ou internacionais. O gráfico acima revela claramente uma predominância de vozes vindas de Israel, uma vez que estas representam cerca de 30% das fontes utilizadas nas 129 peças analisadas. A segunda maior fatia é atribuída às Fontes Institucionais Internacionais, com cerca de 16%, agregando autoridades norte-americanas, líderes/ ministros de outros países do globo e até autoridades religiosas, como o Papa Francisco.

As fontes palestinas surgem em terceiro lugar, com uma percentagem significativamente inferior às israelitas, representando aproximadamente 15% das fontes ouvidas. Estes valores sugerem um desequilíbrio na representação dos dois povos, uma vez que os palestinos têm a sua voz menos ampliada, correspondendo a metade das fontes israelitas. Hanif (2023) já havia determinado, durante o primeiro mês de conflito, que tanto os canais de televisão ingleses como os sites de notícias priorizaram as vozes israelitas. O autor apurou que nas transmissões televisivas por cada fonte palestina existiam três israelitas.

Numa avaliação mais detalhada às fontes utilizadas para cada um dos lados (Gráfico 8), é possível verificar que, no caso dos palestinos, são as fontes civis que assumem um maior protagonismo, constituindo quase 11% do total de fontes. A voz do Hamas, por outro lado, é mais enfraquecida, representando apenas cerca de 3% das fontes, o que contribui para a reduzida visibilidade das estruturas políticas e militares palestinas.

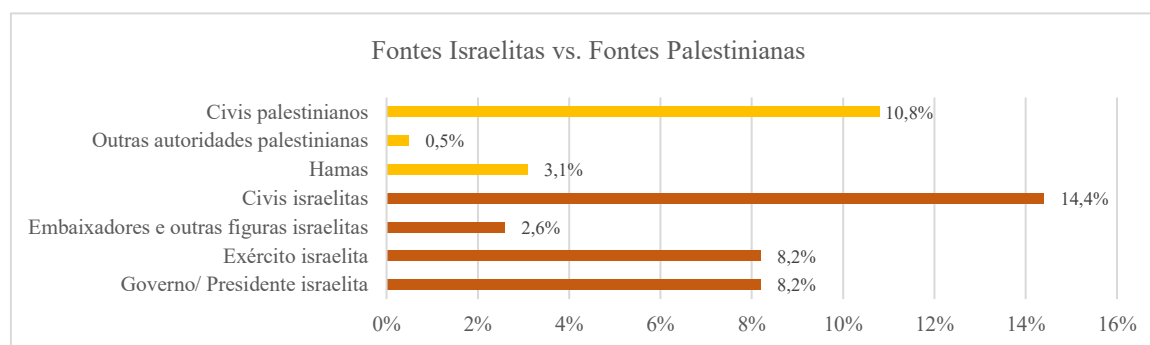


Gráfico 8 - Comparação do uso de fontes israelitas e palestinas
(Elaboração própria)

Contrariamente, no caso israelita, as fontes oficiais têm um maior peso na cobertura, destacando-se o Governo e o Exército que representam 16% das fontes, às

quais se somam outras vozes diplomáticas e políticas do país (2,6%). Para além disso, os civis também têm uma presença relevante, já que correspondem a mais de 14% das fontes utilizadas nas peças.

Esta distribuição evidencia uma clara disparidade: enquanto a visão israelita é apresentada por intermédio de instituições estatais e autoridades, a cobertura do lado palestino tem uma prevalência de vozes civis. Calheiras (2022) já havia identificado essa tendência na cobertura mediática dos jornais portugueses, ao enfatizar que os israelitas têm um “um retrato mediático quase exclusivamente institucionalizado, militarizado”. Por outro lado, os palestinos têm uma cobertura protagonizada por “civis, crianças e ativistas” (p. 39). O estudo de Asmus (2024) também confirma que os políticos israelitas receberam uma maior plataforma nos meios de comunicação do que os palestinos, que são vistos como menos confiáveis.

Mas este padrão não é novo. Durante a guerra de 2014, Alkalliny (2017) analisou a cobertura das primeiras semanas em dois dos principais canais norte-americanos e concluiu que as fontes políticas israelitas surgiram mais do dobro das vezes, em comparação com as fontes da Autoridade Palestina ou do Hamas. Neste sentido, a representação das fontes palestinas pode ser vista sob duas perspetivas: a valorização de fontes civis pode contribuir para a humanização do povo, mas, por outro lado, pode ajudar a enfraquecer e deslegitimar o Estado Palestino (Calheiras, 2022).

Voltando ao gráfico 7 e centrando a análise em outras fontes que não as israelitas e palestinas, em quarto lugar surgem as vozes das Organizações Internacionais (12,6%), de que fazem parte a União Europeia, a NATO, a ONU, a Liga Árabe e as ONG's. À semelhança das fontes Institucionais Internacionais, isto revela uma tentativa de enquadrar o conflito numa perspetiva global, dada a sua relevância geopolítica.

De seguida, representando aproximadamente 9% das fontes utilizadas, destacam-se as Fontes Portuguesas, quer sejam elas oficiais (Governo, Presidente e Partidos Políticos) ou civis. Apesar deste ser um tema internacional, é natural que haja uma aproximação do mesmo à realidade nacional, de forma a criar proximidade com o telespetador. Ao longo dos períodos analisados, especialmente na primeira semana, foram emitidas diversas peças centradas em histórias de portugueses, sejam elas sobre vítimas israelitas com passaporte português que estavam desaparecidas ou sobre civis

portugueses que se encontravam em Israel no momento do ataque. Bevilaqua (2023) encontrou essa mesma tendência no *Jornal Nacional* da *Rede Globo*, cujas peças transmitiram, também, “o impacto e repercussão (...) do facto para o Brasil e para os brasileiros” (p.51).

Logo após, surge a categoria Sociedade Civil e Especialistas, que inclui académicos e cidadãos comuns dos restantes países não identificados na análise (7,5%). Por fim, destacam-se as vozes libanesas, que constituem quase 7% das fontes e as vozes iranianas com 3,1%. Isto demonstra, mais uma vez, a dimensão regional do conflito, que atravessou fronteiras, especialmente em abril e outubro de 2024.

O gráfico 9 ilustra essa evolução de forma clara. Na primeira semana de conflito, em outubro de 2023, as vozes libanesas corresponderam apenas a 2,3% do total de fontes utilizadas, sendo que as iranianas não eram sequer mencionadas. No entanto, a situação altera-se em abril de 2024, quando estas últimas passam a representar quase 13% das fontes nesse período. Na semana de outubro de 2024, as fontes libanesas atingem um pico de aproximadamente 17%, chegando inclusive a ultrapassar as fontes palestínianas. A representatividade destas últimas, por sua vez, tem vindo a decrescer ao longo do tempo, bem como a dos israelitas, ainda que de forma menos acentuada. Tudo isto está relacionado com que o já foi discutido anteriormente sobre os temas das peças. Como o principal assunto da semana de abril foi a tensão entre Israel e o Irão, é natural que as fontes iranianas tenham ganho um maior destaque nesse período. Da mesma forma, na semana de outubro de 2024 faz sentido que as fontes libanesas tenham tido uma maior relevância, uma vez que o principal tema foi a guerra entre Israel e o Hezbollah.

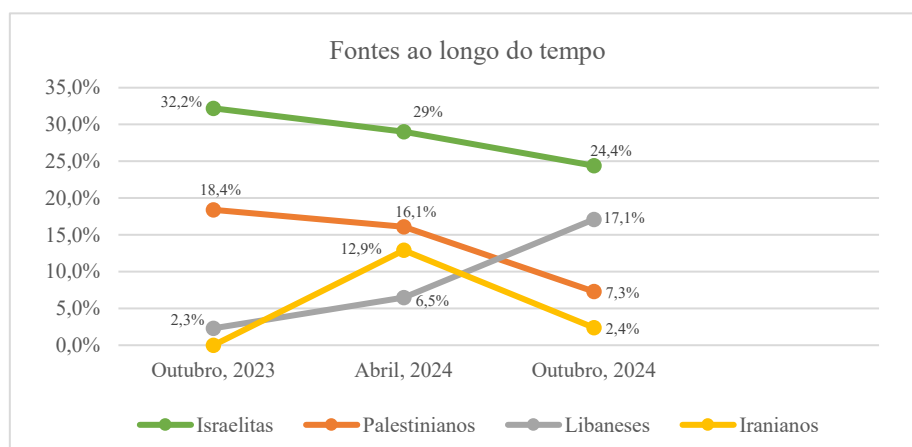


Gráfico 9 - Uso de cada fonte ao longo das semanas
(Elaboração própria)

Isto leva-nos à última categoria da análise quantitativa: o formato das peças (Gráfico 10). Das 129, a esmagadora maioria caracteriza-se como notícia (53,5%), ou seja, *takes* de agência que chegam às redações de todo o mundo. Seguem-se os diretos (10,9%), realizados sobretudo pelo correspondente no Médio Oriente, Henrique Cymerman, mas também por outros jornalistas em Bruxelas, Nova Iorque ou Paris.

Em terceiro lugar surgem as notícias com reações (10,1%), que, segundo Coelho (2021), se apresentam como um género híbrido entre a notícia e a reportagem. Neste formato, apesar do jornalista se deslocar ao local, o seu objetivo é apenas obter reações sobre o acontecimento, não existindo, assim, um aprofundado conhecimento ou detalhe sobre o evento. Estas distinguem-se do formato da reportagem, que aparece de seguida com 7%. É de notar ainda que a categoria “Reportagem Sky News”, que surge com 3,9%, se distingue das anteriores por se referir às peças produzidas pela estação britânica, parceira da SIC. As restantes posições são ocupadas pelos seguintes formatos: comentário (6,2%), *offs* (3,9%), *ths* (1,6%), entrevista (1,6%) e falsos diretos (1,6%).

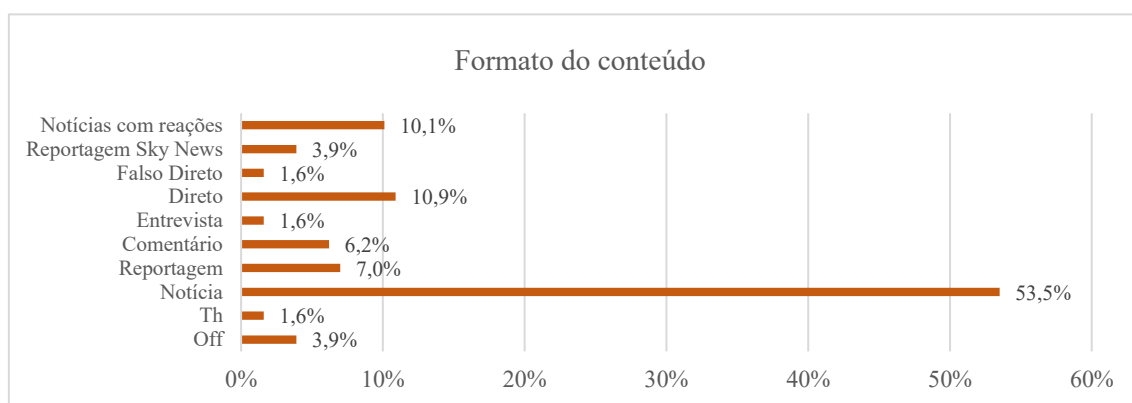


Gráfico 10 - Género jornalísticas das peças analisadas
(Elaboração própria)

Estes dados revelam uma clara predominância da notícia em comparação com outros géneros que necessitam de um maior aprofundamento, como a reportagem. Por esse motivo, verifica-se uma forte dependência em relação a fontes externas, no caso as agências noticiosas internacionais, como é o caso da *Reuters* ou da *Associated Press*. O trabalho destas agências facilita o tratamento da informação à distância, uma vez que o jornalista não precisa sequer de sair da redação. Mas, ao mesmo tempo, condiciona o trabalho jornalístico, visto que “não permite uma perceção em primeira-mão dos factos” (Cruz, 2014, p. 98).

Os textos que os jornalistas encontram nos *feeds* das agências já são previamente trabalhados e hierarquizados, pelo que quando chegam às redações já vêm com uma perspectiva ou um ângulo dominante, que é depois multiplicado por todos os meios que usam as informações da agência (Cruz, 2014). Isto ajuda a reforçar um padrão de homogeneização da informação que limita a multiplicidade de visões (Bielsa, 2008).

Esta lógica aplica-se, sobretudo, na cobertura de temas Internacionais, em que as limitações logísticas e financeiras tornam mais difícil o envio de repórteres ao estrangeiro – realidade particularmente sentida pelos meios de comunicação privados, onde os constrangimentos orçamentais podem ser um grande entrave (Cruz, 2014). Neste sentido, a representação mediática do conflito israelo-palestiniano no *Jornal da Noite* está, em grande parte, dependente das agências internacionais, com a agravante de existirem inúmeras restrições de acesso ao terreno que impedem a livre cobertura da guerra, como já foi mencionado anteriormente.

3. As reportagens no terreno: Como foram representados os israelitas e os palestinianos

Apesar da dependência das agências de informação, o *Jornal da Noite* ainda emitiu oito reportagens realizadas a partir do Médio Oriente, durante as três semanas de conflito analisadas – todas elas elaboradas pelo correspondente da *SIC* em Israel, Henrique Cymerman. Neste ponto do relatório serão, então, analisados os principais resultados da análise qualitativa, abordando-se as diferentes dimensões em estudo, sustentadas por excertos das peças, que as ilustram e corroboram. A análise fica completa com trechos da entrevista realizada a Henrique Cymerman, que ajudam a detalhar alguns pontos da cobertura. Nos Apêndices 1 e 2 pode ler-se com maior detalhe a transcrição da entrevista, bem como a análise qualitativa de cada uma das reportagens.

Começando pelo espaço geográfico, Israel é o epicentro das peças. Mesmo havendo referência a outros territórios, como o Líbano, o Irão ou a Palestina, a perspectiva parte, quase sempre, do território israelita, nomeadamente de Telavive, Ganei Tikva, Nir Oz e Ramat Hasharon. No entanto, é de notar que a reportagem de dia 7 de abril apresenta um outro ângulo, uma vez que o jornalista foi a Ramala, capital da Cisjordânia. Este

padrão revela uma centralização da narrativa israelita, uma vez que, ao partirem de locais em Israel, as reportagens constroem o conflito a partir desse mesmo olhar. A exceção de Ramala revela, no entanto, uma tentativa pontual de ouvir o outro lado do conflito.

Na entrevista, Henrique Cymerman revela que, ao longo dos quase dois anos de conflito, fez várias reportagens na Cisjordânia de forma a “*contar o lado de lá*”. No entanto, como já se observou no presente relatório, o acesso aos territórios palestinos é bastante limitado, pelo que existem vários entraves a essa representação. Para além disso, o jornalista ainda justifica a centralidade no Estado judaico, referindo que “*depois de 7 de outubro, o interesse estava mais em Israel até que começou, semanas mais tarde, a operação em Gaza*”.

Assim, as quatro reportagens emitidas durante a primeira semana de guerra centram-se, essencialmente, nos ataques do Hamas em Israel. A peça de 7 de abril de 2024, que assinala os seis meses de conflito, amplia o foco para incluir a situação em Gaza, dando um destaque mais significativo a esta população, até então pouco representada. Nos dias 12 e 14 do mesmo mês, o tema desloca-se para a tensão vivida entre Israel e o Irão. Por fim, a única reportagem da semana de outubro de 2024 foca-se no primeiro aniversário do conflito, retomando a perspetiva israelita que lembra o ataque de 7 de outubro. Desta forma, os temas abordados nas oito reportagens confirmam os dados previamente identificados na análise quantitativa: em outubro de 2023, o foco incidiu, sobretudo, nos ataques em Israel, enquanto em abril o destaque esteve na guerra com o Irão.

Reportagem	Localização	Tema	Reportagem	Localização	Tema
7/10/2023	Telavive, Israel	Ataque do Hamas	7/04/2024	Nir Oz, Israel; Ramala, Cisjordânia	6 meses do ataque do Hamas; Situação em Gaza
8/10/2023	Telavive, Israel	Ataque do Hamas	12/04/2024	Ramat Hasharon, Israel	Guerra Israel-Irão
9/10/2023	Ganei Tikva, Israel	Ataque do Hamas	14/04/2024	Telavive, Israel	Guerra Israel-Irão
11/10/2023	Telavive, Israel	Ataque do Hamas	7/10/2024	Telavive e Kibutz Nir Oz, Israel	Aniversário do ataque do Hamas

*Tabela 3 -Localização e temas das oito reportagens analisadas
(Elaboração própria)*

Identificados os temas das reportagens, importa agora compreender como foram representados os diferentes protagonistas do conflito e analisar se houve ou não equilíbrio

na cobertura de cada um deles. Neste sentido, analisaram-se as representações do lado israelita, distinguindo-se a população civil do exército/governo; do lado palestino, também diferenciando a população das fontes de poder, como o Hamas e a Autoridade Palestina; e por fim, ainda se examinaram as representações do Irã e do Hezbollah.

- **Representação do povo israelita:**

Nas reportagens analisadas, a população israelita é descrita majoritariamente como uma vítima coletiva que foi apanhada de surpresa pelo ataque do Hamas. Na peça de dia 7 de outubro de 2023, o jornalista utiliza expressões como *“este era o último cenário que os israelitas podiam conceber”* ou *“nem nos piores pesadelos, os israelitas imaginavam que algum dia mais de uma centena de membros do braço armado do Hamas conseguiriam infiltrar-se em Israel”*, reforçando a exceção histórica do acontecimento, que o repórter sublinha ao afirmar que *“nunca se viveu o que se vive hoje em Israel”*. À surpresa acrescenta-se o estado de vulnerabilidade, uma vez que muitos ainda se encontravam a dormir nas suas casas: *“No kibutz Nir Oz, por exemplo, mais de um quarto da população foi morta ou levada à força para Gaza, quando muitos ainda estavam de pijama”*; *“77 pessoas foram sequestradas para Gaza, levadas à força em pijama, sem sapatos, descalços, sem óculos, sem absolutamente nada”*. Estas são frases utilizadas na reportagem que foi para o ar no primeiro aniversário do conflito.

As peças constroem, assim, um cenário de trauma nacional, que compara as mais de 6 milhões de mortes no Holocausto com as cerca de 1200 vítimas mortais do ataque de 7 de outubro. No aniversário do conflito, Henrique Cymerman afirma que esse ficará marcado como *“o dia mais negro da história de Israel e do povo judeu desde o Holocausto”*. Esta percepção é também partilhada pela familiar de uma vítima, na peça de 11 de outubro de 2023, que descreve o momento como parecendo a *“época do Holocausto ou do Daesh”*. Gregory (2025) já havia constatado que a cobertura *online* do conflito está *“repleta de comparações com o Holocausto”* (p. 26). De acordo com o autor, esta pode ser uma estratégia que fortalece a narrativa israelita, que ajuda a justificar a invasão de Gaza. Para além desta, o repórter recorre a outra analogia na peça de 7 de abril, descrevendo o ataque do Hamas como a *“maior tragédia da história israelita, cujo significado comparativo seria a morte de 45 mil americanos no atentado de 11 de setembro”*.

A sociedade israelita como um todo, mas os familiares das vítimas em particular, são representados de forma emotiva, expressando-se a sua dor e desespero. O filho de Vivian Silver, uma cidadã israelita que se encontra desaparecida, afirma: *“Oxalá a minha mãe esteja sequestrada em Gaza”*, preferindo essa hipótese à de ter sido morta. No seguimento deste desespero, existem algumas reportagens que configuram um elemento de aproximação com o povo português, com a exposição de histórias que envolvem vítimas luso-israelitas – critério jornalístico de proximidade que já havia sido discutido na análise quantitativa. É o caso da reportagem de dia 9 de outubro de 2023, que mostra a história de Dorin Atias, *“que visita regularmente Portugal”*. A jovem, que se encontra desaparecida, é descrita pela mãe como *“uma filha linda e uma excelente miúda; a pessoa mais bondosa do mundo”*. Tudo isto ajuda a criar uma sensação de empatia no telespectador, que se aproxima da realidade das vítimas, especialmente quando a mãe, em lágrimas, apela diretamente para a câmara e *“por intermédio da SIC”* à comunidade internacional e ao governo português que a ajudem a recuperar a filha.

Esta aproximação volta a acontecer na reportagem do dia 11 de outubro, quando é contada a história da família Bira, composta pelo pai Oron, a mãe Yasmin e as filhas Tair e Tahel. Os quatro estão desaparecidos, mas *“visitaram Portugal há pouco mais de um mês para receber o passaporte português deste sefardita e pedir a nacionalidade portuguesa para as filhas”*. Também nesta reportagem, familiares apelam ao governo português por ajuda, reforçando a ligação entre o telespectador da SIC e a dor israelita.

Henrique Cymerman, na entrevista, ressalva a importância que é contar as histórias destes luso-israelitas: *“No fundo isto é um conflito que acontece a 4 mil/ 5 mil quilómetros de distância e isso aproxima o público ao conflito... O facto de haver pessoas que têm nacionalidade portuguesa e que falam português tem sempre uma vantagem”*. Sobre isto ainda acrescenta que é um comportamento *“habitual”* dos media, uma vez que cada meio está *“um pouco mais concentrado no seu público, no seu país e na gente do seu país”*. No ponto anterior do relatório, já se havia observado a mesma tendência no *Jornal Nacional da Rede Globo* (Bevilaqua, 2023).

A cobertura também destaca, várias vezes, a parte mais fragilizada da população, como os idosos e as crianças. Na reportagem de 8 de outubro de 2023, o jornalista afirma que *“mataram e sequestraram crianças e avós que caminham com dificuldade”*. Também na peça do primeiro aniversário, é contada a história da família Simantov, cujos filhos

foram obrigados a ver os pais morrerem: *“Três crianças estavam ali impotentes enquanto os pais estavam a morrer. Tiveram que esperar horas até chegarem as forças de resgate. E quando chegaram, as três crianças já tinham morrido”*. A brutalidade da história é, assim, agravada pela presença dos filhos, conferindo-lhe uma carga emocional mais forte.

As crianças e os idosos fazem parte daquilo a que Christie (1986) designa por “vítimas ideais”, uma vez que despertam maiores sentimentos no público dada a sua inocência e pureza. Num estudo recente, Ibarra et al. (2025) mostram que imagens de crianças em situações de tragédia causam mais empatia no público, uma vez que estas são vistas como “inerentemente inocentes e vulneráveis”, ao contrário dos adultos que têm uma maior “capacidade de resiliência e autonomia” (p. 14). Neste sentido, o “efeito da vítima identificável” sugere que os seres humanos sentem mais empatia e mais vontade de ajudar certas vítimas do que outras. Lee e Feeley (2016) afirmam que o efeito é particularmente evidente em situações com crianças, como já se mencionou, mas também com vítimas que se encontram sozinhas, ao contrário daquelas que estão em grupo.

Também as histórias personalizadas das vítimas israelitas, que focam as suas qualidades como o altruísmo, a pacificidade e a bondade, ajudam a construir uma imagem positiva do povo. Por exemplo, a já mencionada Vivian Silver é uma mulher israelita de 75 anos que dedicou a vida a *“uma organização de ajuda a mulheres palestinianas e beduínas”*, revelando o carácter contraditório e complexo desta guerra, uma vez que o seu desejo era a paz. Também Dolev, um enfermeiro de 30 anos, preferiu socorrer os vizinhos do que fugir: *“quando percebeu que o kibutz estava a ser atacado, foi ajudar os membros da comunidade que tentavam defender-se”* (excerto da reportagem de 7 de outubro de 2024). Na mesma peça, o repórter diz ainda que *“em 22 povoações da fronteira de Gaza, (vive) a população mais pacífica de Israel”*, revelando novamente o contraste entre a natureza pacífica dos civis israelitas e a violência de que foram alvo.

De acordo com o jornalista é importante que exista esta humanização. Na entrevista, Henrique Cymerman diz que esta é uma forma de ajudar *“a explicar as histórias muito complicadas relacionadas com o Médio Oriente”*, uma vez que este é *“um conflito muito complicado, com muitas nuances que as pessoas às vezes não compreendem”*. Desta forma, dar uma cara e uma história ajuda o telespectador a desconstruir os factos. Na tabela abaixo, pode constatar-se que cinco das oito reportagens analisadas contaram a história de vítimas israelitas.

Reportagens	Histórias personalizadas das vítimas israelitas
8/10/2023	▪ Maya, jovem sobrevivente do ataque no Festival Nova; ▪ Noa Argami (20), uma das jovens sequestradas para Gaza; ▪ Vivien Silver (75), mulher desaparecida que era conhecida pelo seu trabalho dedicado à promoção da paz entre israelitas e palestinos.
9/10/2023	▪ Dorin Atias (22), possui passaporte português e encontra-se desaparecida, depois de ter estado no Festival Nova.
11/10/2023	▪ Família Bira: Oron (52), Yasmin (51), Tair (20) e Tahel (16). Todos se encontram desaparecidos. O pai tem passaporte português.
7/04/2024	▪ Família Elyakim: O pai Noam, a mãe Dikla e o filho Tomer foram assassinados. As duas filhas, Dafna (15) e Ella (8), foram sequestradas para Gaza.
7/10/2024	▪ Dolev (30), enfermeiro que morreu a salvar os seus vizinhos. A sua mulher e filhos conseguiram sobreviver. A sua irmã Arbel foi sequestrada para Gaza, juntamente com o namorado, Ariel. ▪ Família Simantov: Tamar e o marido Yonatan (36) tinham três filhos e foram todos assassinados.

*Tabela 4 -Personalização das vítimas israelitas nas reportagens analisadas
(Elaboração própria)*

Durante a cobertura, a população israelita revela-se ainda unida em torno de uma causa comum, como mostra a reportagem de 7 de abril, em que o jornalista diz que “*o choque sofrido pela sociedade israelita uniu grande parte da população na luta contra o Hamas*”, manifestando a resiliência e esperança deste povo, que já está habituado à guerra. Esta última é especialmente visível na reportagem de 11 de outubro de 2023, que termina com a seguinte frase proferida pelo repórter: “*Em frente à casa de Dália (familiar de uma vítima) há um cartaz que diz absolutamente tudo - A esperança vencerá. Enquanto há vida há esperança.*”

Nas reportagens dos dias 12 e 14 de abril, referentes à guerra com o Irão, os israelitas também são representados como um povo em estado de alerta, que se prepara para um ataque iminente. No dia 12, o repórter refere que “*muitos israelitas lançam-se sobre os supermercados para comprar reservas alimentares de emergência, água, lanternas e até rádios transistorizados que funcionam com pilhas*”. Na peça de dia 14 também é mencionado que “*milhões de israelitas se protegeram nos refúgios, ouvindo explosões sem precedentes*”.

Por fim, à semelhança do que relataram estudos como o de Hanif (2024) ou o de Johnson e Ali (2024), também estas reportagens fizeram uso de uma linguagem emocional direcionada às vítimas israelitas. Expressões como “*massacre*”, “*tragédia*”, “*atentado*” ou “*dia mais negro*” foram utilizadas nas peças de dia 7 de abril e 7 de outubro de 2024, para retratar o ataque do Hamas em Israel. Além destas, outras como “*sangue frio*”, para descrever o assassinato de israelitas ou “*portas do inferno*”, de modo a ilustrar

o que foi “aberto” com o ataque de 7 de outubro - ambas utilizadas na peça de 7 de abril - ajudam a reforçar a carga dramática dirigida a Israel.

	Presença dos israelitas	Surpresa/vulnerabilidade das vítimas	Comparações Holocausto/ 11 de setembro	Familiares desesperados	Ligação a Portugal	Referência às “vítimas ideais”	Preparação para ataque iraniano
7/10/2023	✓	✓				✓	
8/10/2023	✓			✓		✓	
9/10/2023	✓	✓		✓	✓		
11/10/2023	✓	✓	✓	✓	✓		
7/04/2024	✓	✓	✓			✓	
12/04/2024	✓						✓
14/04/2024	✓						✓
7/10/2024	✓	✓	✓	✓		✓	

Tabela 5 - Elementos-chave da representação mediática da população israelita nas oito reportagens analisadas; O sinal significa que a característica se encontra presente na peça (Elaboração própria)

- **Representação do povo palestino:**

Os palestinos, ao contrário da população israelita, não têm um grande destaque, surgindo apenas em três das oito reportagens analisadas. No dia 8 de outubro, um dia depois do ataque do Hamas, as mulheres palestinas surgem associadas à figura de Vivian Silver, a já mencionada cidadã israelita conhecida pelas suas ações em prol da paz entre os dois povos. Sendo descritas como as “*amigas de Gaza*”, estas mulheres são apresentadas de forma pacifista, o que as distancia das ações do Hamas. No entanto, essa representação é limitada, já que as mesmas não têm individualidade, aparecendo apenas através da narrativa centrada em Vivian.

O mesmo padrão repete-se na reportagem de 7 de outubro de 2024, no aniversário do conflito, onde os palestinos surgem apenas de forma vaga e impessoal, reduzidos a um número que nem se quer é exato: “*morte de dezenas de milhares de civis*”. Isto revela que, ao contrário dos israelitas, não existiu uma personalização do povo palestino, que é entendido como uma grande massa homogênea. Enquanto os israelitas têm uma representação humanizada, uma vez que as reportagens identificam os seus nomes, as suas caras e as suas histórias pessoais, os palestinos são apresentados como um número, não havendo referência a uma história pessoal.

Carland (2023) já havia revelado que os meios de comunicação australianos humanizaram mais as vítimas israelitas, na medida em que lhes concederam um nome e usaram as suas palavras. Também Najjar e Lietava (2023) concluíram que as vítimas israelitas eram mais prováveis de ser descritas com um grau de parentesco. Bishara (2023) afirma, assim, que as vítimas palestinianas permaneceram no anonimato, ao contrário das israelitas que viram representadas as suas histórias, dedicando tempo aos seus familiares e amigos para falarem sobre elas. Carland (2023) acrescenta que esta é uma estratégia que, ao mesmo tempo que ajuda a humanizar os israelitas, desumaniza os palestinianos, que são vistos somente como uma “grande massa sem nome ou rosto” (p. 20).

O repórter Henrique Cymerman, na entrevista, diz que é necessário que o jornalista faça o máximo que pode para contar as duas histórias. No entanto, as limitações de acesso à Faixa de Gaza, muitas vezes, impossibilitam isso, o que faz com que a cobertura fique, então, dependente das *“imagens das agências”*. Assim, as reportagens que abordam a situação em Gaza são pintadas por essas imagens, dada a impossibilidade de entrada no território.

Contrastando com as restantes, na reportagem que marcou os seis meses de conflito, os palestinianos adquirem uma maior relevância, sendo representados como vulneráveis, deslocados no próprio território (*“população civil palestiniana foi empurrada do norte da Faixa de Gaza para o sul, sendo construído um campo de refugiados improvisado com 1 400 000 pessoas na cidade de Rafah”*) e numa situação de pobreza extrema e fome, com o aumento do perigo de subnutrição entre menores de 5 anos. Por isso mesmo, são apresentados como um povo desesperado por ajuda: *“lutam por cada saco de ajuda humanitária que entra por terra, mar e ar”*.

Apesar dessa representação vulnerável, a referência de uma sondagem na Palestina dá a entender que os habitantes de Gaza, mas também os da Cisjordânia, concordam com as ações do Hamas, o que leva a associá-los, de certa forma, às ações violentas do grupo: *“Segundo as sondagens do conhecido sociólogo palestiniano Dr. Kalil Shikaki, 71% da população palestiniana apoia o ataque de 7 de outubro”*.

Na mesma reportagem, o jornalista ainda menciona o sofrimento dos palestinianos, que parece não ter fim, acusando não só Israel, mas também o Hamas por essa condição, colocando-os no mesmo patamar de culpa: *“Em Gaza há centenas de*

milhares de pessoas que se sentem entre as espadas do Hamas e de Israel e que não veem uma luz ao fim do túnel”. No que diz respeito ao uso de linguagem emocional, não se verificou um uso expressivo da mesma na representação dos palestinos, contrastando, assim, com a cobertura mediática da população israelita.

	Presença dos palestinos	Histórias personalizadas	Ligação ao Hamas	Tipo de representação
7/10/2023				
8/10/2023	✓			Mulheres de Gaza como pacifistas, associadas a Vivien Silver;
9/10/2023				
11/10/2023				
7/04/2024	✓		✓ (referência à sondagem)	Vulneráveis, pobres, deslocados, em carência alimentar e desesperados por ajuda;
12/04/2024				
14/04/2024				
7/10/2024	✓			Vistos como um número – despersonalização do povo palestino.

Tabela 6 - Elementos-chave da representação mediática da população palestina nas oito reportagens analisadas;
O sinal significa que a característica se encontra presente na peça
(Elaboração própria)

Por fim, é ainda importante destacar uma frase proferida pelo repórter, na reportagem de 7 de abril, para retratar a situação na Palestina: *“Gaza que poderia ser um novo Dubai, é cada vez mais parecida à Somália”*. Esta comparação sugere que Gaza tinha potencial para se tornar uma região próspera como o Dubai, mas que perdeu essa oportunidade. A analogia com a Somália, um país pobre e violento, reforça uma imagem degradante do território.

Sobre a frase, Henrique Cymerman disse, na entrevista, que se referia à entrada de *“bilhões de dólares de diferentes fontes, especialmente do Qatar e do Irão”* na Faixa de Gaza, depois do golpe de Estado que colocou o Hamas no poder. De acordo com o jornalista, esse dinheiro poderia ter sido investido em *“infraestruturas imobiliárias, pontes, estradas, todo o tipo de empresas de ramos de transportes, de ramos tecnológicos”*, mas acabou por ser aplicado na *“construção de túneis com centenas de quilómetros - o dobro do metro de Londres -, túneis para a guerra que não ajudam a população em absolutamente nada”*. Henrique Cymerman volta ainda reforçar que esta era uma zona com um *“um potencial turístico muito importante”* - a chamada *“Riviera*

do *Médio Oriente*” pelas suas “*praias lindas*” - mas que, em vez disso, se tem vindo a tornar numa “*espécie de Esparta*”, associando novamente o território à guerra.

Esta retórica já havia sido proferida pela vice-presidente da Câmara de Jerusalém e, também, dirigente do partido Likud, Fleur Hassan: “Saímos e [os palestinianos] podiam tê-la convertido num novo Dubai! (...) Demos-lhes o território mais bonito de Israel, têm as melhores praias da região!” (Fialho & Loureiro, 2023). Ideias semelhantes voltaram a surgir este ano, quando o presidente norte-americano, Donald Trump, expressou a intenção de transformar Gaza numa estância balnear (Lusa, 2025).

- **Representação do governo e exército israelitas:**

O governo e o exército israelitas surgem representados em quase todas as reportagens analisadas. As exceções são os dias 9 e 11 de outubro de 2023, em que o foco está na história de vítimas israelitas. Na generalidade das peças, as forças de defesa de Israel são apresentadas como organizadas e rápidas na resposta aos ataques externos. Logo no primeiro dia, é mencionado que o exército “*recrutou dezenas de milhares de reservistas e preparou-se para um possível ataque do grupo pró-iraniano, Hezbollah*”. Essa célere reação é também entendida como uma das mais significativas da história recente do país: “*Israel mobilizou-se para a Guerra contra o Hamas como não acontecia há décadas*” (excerto da reportagem de dia 7 de abril). Na peça de 8 de outubro de 2023, o exército é ainda apresentado como um agente de salvação dos civis sequestrados em Gaza, uma vez que a sua “*principal prioridade é salvar o máximo de vidas israelitas*”.

O sucesso militar de Israel é também referido em duas das reportagens. Na peça de dia 14 de abril, por exemplo, Henrique Cymerman explica o êxito tecnológico dos sistemas de defesa, aquando dos ataques iranianos em solo israelita, ao mesmo tempo que mostra o apoio internacional ao Estado judaico, em particular dos Estados Unidos: “*99% dos mísseis balísticos e dos drones suicidas foram intercetados pelos sistemas de defesa aérea israelitas, a Cúpula de Ferro*”; “*A administração norte-americana diz que Israel conseguiu uma grande vitória e que o Irão falhou política e estrategicamente. Governos europeus e do mundo árabe enviam mensagens discretas a Israel segundo as quais esta foi uma noite histórica. O presidente Joe Biden, que falou com o primeiro-ministro*

Benjamin Netanyahu, disse-lhe que o sucesso da força aérea israelita será estudado nas escolas militares do futuro”.

Resultados semelhantes podem ser encontrados no estudo de Alim et al. (2025), que concluiu existir uma abordagem pró-israelita na cobertura da *BBC*, durante a guerra com o Irão. O canal britânico enfatizou, diversas vezes, a eficácia do sistema de defesa de Israel e o apoio que o país tem internacionalmente, especialmente dos Estados Unidos e dos seus restantes aliados. Também Günay (2025) afirma que os meios ocidentais tendem a destacar os aspetos positivos da segurança israelita na cobertura do conflito.

Quanto à escolha de palavras, é de notar que os ataques israelitas em solo estrangeiro foram descritos como “*operações*” lançadas pelo exército. Esta formulação foi utilizada tanto nas reportagens de dia 7 e 14 de abril, como na de 7 de outubro de 2024, assemelhando-se aos resultados apurados por Ali et al. (2024), que identificaram uma tendência para caracterizar os ataques como “operações de segurança”. O mesmo estudo ainda revela que a cobertura ocidental tende a enquadrar as ações de Israel numa narrativa de autodefesa que pode ser, também, visível na peça de 7 de abril, por intermédio de um voluntário do exército que afirma: “*São eles ou nós, se quisermos continuar a viver neste território e estamos determinados a fazê-lo porque os judeus não têm outro local para onde ir. Este é o único local, é a pátria do povo judeu e é o melhor local*”.

Por outro lado, Benjamin Netanyahu surge com uma imagem mais negativa, já que na mesma reportagem de 7 de abril, o primeiro-ministro é apresentado com várias críticas por parte da população israelita, que o consideram “*o principal responsável pelo massacre de 7 de outubro*”, mas também por parte da comunidade internacional, uma vez que é “*acusado de cometer um genocídio em Gaza*”.

	Presença do exército/governo	Resposta rápida e organizada	Êxito militar	Críticas a Netanyahu	Referência a operações, em vez de ataques
7/10/2023	✓	✓			
8/10/2023	✓	✓			
9/10/2023					
11/10/2023					
7/04/2024	✓	✓	✓	✓	✓
12/04/2024	✓	✓			
14/04/2024	✓		✓		✓
7/10/2024	✓				✓

Tabela 7 - Elementos-chave da representação mediática do exército/ governo israelitas nas oito reportagens analisadas;
O sinal significa que a característica se encontra presente na peça
(Elaboração própria)

- **Representação do Hamas:**

O Hamas surge representado em seis das oito reportagens emitidas pelo *Jornal da Noite*. Nos dias 12 e 14 de abril isso não acontece, uma vez que as peças se debruçam sobre outro ponto geográfico do conflito – o Irão. Nos restantes dias, os elementos do grupo palestino são descritos, essencialmente, em três palavras: “*islamistas*”, “*guerrilheiros*” e “*terroristas*”. Assim, conforme discutido no enquadramento teórico, constata-se que, contrariamente à *Associated Press* e ao *The New York Times*, a *SIC* não aboliu o uso da palavra “terrorista” da sua cobertura (Farhi, 2023; Scahill & Grim, 2024).

Na reportagem exibida no dia do ataque, o Hamas surge como um grupo incitador de uma guerra religiosa entre judeus e muçulmanos. Henrique Cymerman refere que os “*os líderes do Hamas pediram aos 4 milhões e meio de palestinos da Cisjordânia e aos 2 milhões de árabes-israelitas que se unam à guerra santa para defender a Mesquita de Al-Aqsa de Jerusalém e libertar milhares de presos palestinos da prisão israelita*”. A par disso, o objetivo do grupo é clarificado em duas das oito reportagens: “*arrastar o exército israelita para Gaza depois de 9 anos, tentando abortar o histórico processo de normalização entre a Arábia Saudita e o Estado de Israel*”. Este excerto é retirado da reportagem do dia 7 de abril, quando se completaram seis meses do ataque do Hamas e insere o grupo numa lógica de sabotagem para impedir a relação entre os dois estados.

A violência extrema e crueldade do grupo são referidas várias vezes ao longo das reportagens, como por exemplo no dia 8 de outubro de 2023, em que o jornalista refere que os elementos do Hamas “*abateram parte dos jovens, violaram algumas mulheres e arrastaram à força para Gaza dezenas de jovens com uma pistola nas cabeças*”. Três dias mais tarde, essa crueldade voltou a ser destacada, com a menção de que “*queimaram vivas famílias inteiras*”.

Mas a brutalidade das suas ações não é apenas destinada aos israelitas. O repórter reforça que o Hamas não está interessado no bem-estar da população de Gaza, dado que os seus combatentes se escondem “*dentro da população civil ou em túneis contruídos debaixo de casas, escolas, jardins infantis, escritórios da UNRWA (...), centros de escuteiros e hospitais*”. Este excerto é retirado da peça de dia 7 de abril e o jornalista ainda acrescenta que “*nalguns casos, o Hamas apodera-se à força dos alimentos e leva-os para os túneis*”. Este conjunto de descrições consolida a imagem do Hamas como um

grupo que baseia a sua ação numa rede subterrânea de túneis espalhados pelo território da Faixa de Gaza.

Neste sentido, conclui-se que a imagem apresentada do Hamas é muito mais negativa do que a utilizada para retratar o governo e o exército israelitas. O Hamas surge como um ator movido pelo fundamentalismo islâmico, que instrumentaliza a própria população civil, ao mesmo tempo que mata e tortura judeus. No primeiro aniversário do ataque, Henrique Cymerman afirma que a missão do Hamas era “*matar, queimar, saquear e sequestrar israelitas*”. Por outro lado, as instituições militares israelitas destacam-se pela sua rápida resposta, organização estratégica e superioridade tecnológica, ainda que ao nível político, Netanyahu receba críticas, tanto internas como externas.

Henarni e Surwandono (2024) já haviam concluído que os media ocidentais tendem a associar o Hamas a termos como “violência” e “terrorismo”. Pelo contrário, os meios sediados no Médio Oriente, como a *Al-Jazeera*, pintam-no como um grupo de resistência, refletindo o ambiente político e cultural em que estão inseridos. Shehadi et al. (2024) ainda acrescentam que a violência exercida pelo Hamas foi mais vezes descrita pelos meios de comunicação do que a aplicada pelo exército israelita.

	Presença do Hamas	Incitador de guerra religiosa	Objetivo: interromper a paz entre Arábia Saudita e Israel	Violência contra israelitas	Violência contra palestinianos
7/10/2023	✓	✓	✓	✓	
8/10/2023	✓			✓	
9/10/2023	✓			✓	
11/10/2023	✓			✓	
7/04/2024	✓		✓	✓	✓
12/04/2024					
14/04/2024					
7/10/2024	✓			✓	

Tabela 8 - Elementos-chave da representação mediática do Hamas nas oito reportagens analisadas; O sinal significa que a característica se encontra presente na peça (Elaboração própria)

- Representação da Autoridade Palestiniana:**

A Autoridade Palestiniana surge representada apenas na reportagem de dia 7 de abril, de forma fugaz. Na mesma, é retratada como a eventual solução para o problema governativo de Gaza, como afirma o jornalista: “*o objetivo norte-americano seria que a*

Autoridade Palestiniana reformada, controlasse futuramente a Faixa administrada pelo Hamas". Ao mesmo tempo, a AP é apresentada como um partido que não se afasta completamente das ações do Hamas, já que um dos seus integrantes diz não acreditar nos relatos de violência sexual atribuída ao grupo: *"o destacado ministro para temas religiosos e assessor do presidente palestino (...) desmente a existência de violações"*.

- **Representação do Irão e do Hezbollah:**

Apesar da maioria das reportagens analisadas não ser diretamente sobre a tensão entre Israel e o Irão, este país surge frequentemente representado como força de apoio e financiador do Hamas. Logo na primeira peça, no dia 7 de outubro de 2023, Henrique Cymerman afirma que o *"Irão, que apoia o Hamas desde o ponto de vista militar e económico, declarou que se trata de um novo capítulo na luta contra a existência do Estado judaico"*. Na reportagem de dia 7 de abril, o jornalista ainda diz que o ataque do Hamas foi uma *"operação preparada durante anos no máximo segredo em Gaza e no Irão"*, sugerindo uma articulação direta entre o grupo e os persas.

O general iraniano Mohammad Reza Zahedi, que foi morto no ataque israelita à embaixada do Irão em Damasco, é apresentado como coordenador de grupos anti-Israel, o que ajuda a legitimar as ações militares israelitas. Por exemplo, no dia 14 de abril, o jornalista afirma que *"Zahedi coordenava todas as milícias pró-iranianas que tentam atacar Israel, desde o Líbano, Síria, Iraque, Iémen e Gaza"*. Neste sentido, o Irão é entendido como uma clara ameaça ao Estado de Israel, cujo objetivo sempre foi *"superar os sistemas de defesa antimísseis e os F-35 israelitas e explodir no território do Estado judaico"* (excerto da reportagem de 14 de abril). Tal como explicado na mesma peça, o país rompe, assim, com a tradicional estratégia de atuação por procuração, ao lançar, pela primeira vez, um ataque direto contra Israel que, segundo o repórter, *"quer varrer do mapa há décadas"*.

O ódio a Israel é ainda visível na propaganda iraniana: *"Nas ruas de Teerão pode se ver cartazes em inglês e hebraico que prometem vingança contra Israel"* (excerto da reportagem de 12 de abril). A retórica de ameaça estende-se, também, ao Hezbollah, uma vez que o líder Hassan Nasrallah declara na mesma peça: *"Saibam todos que a resposta do Irão ao ataque israelita em Damasco será contra o território de Israel"*. Assim, é construída uma imagem de um eixo anti-Israelita liderado pelo Irão, ao qual pertencem

outros grupos como o Hamas e o Hezbollah. North (2024) já havia revelado que os media norte-americanos associaram, frequentemente, estes grupos ao Irão. Também o estudo de Alim et al. (2024) revelou que a cobertura da *BBC*, à semelhança desta, enquadrou o Irão como agressor e principal responsável pela escalada do conflito.

	Presença do Irão e Hezbollah	Irão como apoiante do Hamas e outros grupos anti-Israel	Irão como ameaça direta a Israel
7/10/2023	✓	✓	
8/10/2023	✓	✓	
9/10/2023			
11/10/2023			
7/04/2024	✓	✓	
12/04/2024	✓	✓	✓
14/04/2024	✓	✓	✓
7/10/2024	✓	✓	

Tabela 9 - Elementos-chave da representação mediática do Irão e Hezbollah nas oito reportagens analisadas;
O sinal significa que a característica se encontra presente na peça
(Elaboração própria)

Através da análise quantitativa e qualitativa das peças exibidas no *Jornal da Noite*, torna-se evidente a diferença que existe na forma como os dois lados do conflito – israelita e palestino – são representados. Apesar de todas as dificuldades inerentes à cobertura de um conflito prolongado como este, Henrique Cymerman destaca que o mais importante é manter “o máximo possível de honestidade”. De acordo com o repórter, que possui nacionalidade israelita, a sua origem não compromete ou interfere com o seu trabalho: “O facto de ser israelita ou de ser de um dos lados não pode ser uma vantagem ou uma desvantagem. É um facto. Todos temos a nossa nacionalidade, mas o que conta é a nossa honestidade no momento de relatar. A objetividade não existe, isso é um termo matemático que não existe. Dois seres humanos que fazem uma reportagem sobre o mesmo facto, cada um vai contá-lo de maneira diferente. (...) O facto de ser israelita não teve uma influência direta na forma como eu informo, provavelmente aconteceu em algum momento, ou talvez haja pessoas que possam pensar isso”. Esta reflexão sublinha, assim, um dos dilemas centrais da cobertura jornalística de conflitos, também já discutido neste relatório - a complexidade da objetividade e os desafios do distanciamento emocional por parte do profissional, sobretudo quando se lida com assuntos que envolvem sofrimento, como a guerra israelo-palestina.

Síntese da análise qualitativa	
População israelita	• Vítima apanhada de surpresa; • Comparação com o Holocausto e 11 de setembro; • Proximidade com o público português; • Histórias personalizadas; • Referência à população mais vulnerável.
População palestina	• Carência de histórias personalizadas; • Descrita como um número; • Vulnerável, em situação de fome e pobreza; • Referência a sondagem que fala de apoio dos palestinos ao Hamas.
Governo e exército israelitas	• Organizados e rápidos na resposta a ataques estrangeiros; • Sucesso dos sistemas de defesa e apoio dos EUA; • Apresenta críticas a Netanyahu.
Hamas	• Referência à violência extrema das ações do grupo; • Associação com terrorismo; • Incitador de uma guerra religiosa; • Indiferentes à população palestina.
Autoridade Palestina	• Possível solução governativa para Gaza; • Não se distancia do Hamas.
Irão e Hezbollah	• Irão como apoiante do Hamas e financiador de grupos anti-Israel; • Hezbollah como integrante do eixo anti-israelita.

Tabela 10 - Síntese da análise qualitativa das reportagens

CONCLUSÃO

“Como foi representado o conflito israelo-palestino, no *Jornal da Noite da SIC*?” foi a pergunta de partida que orientou a presente investigação. Com o intuito de encontrar uma resposta, foram definidos três objetivos: caracterizar o espaço dado ao conflito israelo-palestino no *Jornal da Noite*; compreender como foram representados os israelitas e os palestinos durante a cobertura; e comparar a representação mediática da guerra em três períodos distintos - na primeira semana de conflito, na que se completaram seis meses e na do primeiro aniversário.

A análise quantitativa das peças exibidas no *Jornal da Noite da SIC*, sobre o conflito em Gaza, permitiu, então, compreender de que forma a atenção mediática evoluiu ao longo do tempo e avaliar quais os temas que foram priorizados, as fontes que foram mais ouvidas e os géneros jornalísticos que foram mais utilizados, de forma a

caracterizar a cobertura. Neste sentido, o estudo revelou uma oscilação do interesse mediático, fortemente influenciado pelo critério jornalístico da novidade, bem como uma cobertura marcada por desequilíbrios na representação das partes envolvidas.

A análise identificou uma diminuição da relevância mediática do tema, que perdeu espaço no Jornal com o avançar do tempo. Na primeira semana, em outubro de 2023, foram emitidas 81 peças sobre o assunto, número que caiu drasticamente para 24 nas semanas analisadas de abril e outubro de 2024. Esta queda acentuada evidencia um declínio do interesse mediático, à medida que o impacto inicial do acontecimento se vai perdendo. Ainda que em outubro se verifiquem peças ligeiramente mais longas e uma maior frequência das mesmas como abertura do bloco internacional, constata-se que a centralidade que o tema assumiu na primeira semana foi-se desvanecendo.

Durante essa primeira semana, observou-se, também, uma clara predominância de temas associados à perspectiva israelita, com grande destaque para a cobertura do ataque do Hamas. Embora os ataques em Gaza tenham sido noticiados, estes receberam uma atenção substancialmente inferior – tendência que se manteve nos outros dois períodos analisados, em que o foco passou a ser a tensão entre Israel e o Irão, em abril, e a guerra entre Israel e o Hezbollah, em outubro de 2024. A situação em Gaza foi, assim, empurrada para uma posição com menor relevância na hierarquia editorial.

Também a análise das fontes revelou um domínio de vozes israelitas, que se caracterizam, na sua maioria, pela sua institucionalidade. Enquanto as fontes palestinianas surgem associadas a testemunhos civis, a representação israelita é assegurada, em grande parte, por membros do governo e do exército. Esta assimetria reflete um desequilíbrio na voz concedida às duas partes, com maior presença das fontes israelitas na cobertura.

Relacionado com este aspeto, a análise ao género jornalístico das peças indica que a maioria corresponde a notícias, ou seja, *takes* provenientes de agências de informação. Apesar de existirem algumas reportagens elaboradas pelo correspondente da SIC, em Israel, a cobertura revelou-se fortemente dependente desses *feeds*, o que limitou a capacidade de aprofundamento sobre o assunto. Essa dependência implica que os conteúdos utilizados pelos jornalistas para elaborar as peças, incluindo as fontes, sejam disponibilizados por essas mesmas agências, limitando, de certa forma, a diversidade da

cobertura, que fica, especialmente, mais pobre com a proibição da entrada de jornalistas na Faixa de Gaza.

Ainda assim, o *Jornal da Noite* emitiu oito reportagens a partir do Médio Oriente, desenvolvidas pelo correspondente Henrique Cymerman, que também revelaram uma tendência favorável à narrativa israelita. A grande maioria das peças relatou o ataque de 7 de outubro e a vivência do povo israelita após o acontecimento. O jornalista falou com familiares de vítimas e contou a história de algumas delas, inclusive de civis que possuem nacionalidade portuguesa, algo que ajuda o público a identificar-se e aproximar-se daquela realidade.

Ao longo da cobertura, foram feitas analogias com o Holocausto e o 11 de setembro e usadas expressões que revelam uma maior dramaticidade e emoção, para relatar o trauma que se vive no país. Foram feitas, também, referências à população mais vulnerável, como as crianças e os idosos, que ajudam a criar uma sensação de empatia no telespectador. Por outro lado, a maioria das reportagens não mencionou a situação em Gaza e quando isso aconteceu, a população foi descrita maioritariamente como um número, sem direito a histórias personalizadas.

A cobertura destacou ainda o sucesso militar israelita e a rápida resposta do exército aos ataques do Hamas e do Irão, ainda que tenham sido referidas críticas dirigidas a Benjamin Netanyahu. Em contrapartida, o Hamas foi representado como um grupo associado ao terrorismo, que incitou uma guerra religiosa entre judeus e muçulmanos, cujo objetivo é desviar atenções do acordo de paz entre Israel e a Arábia Saudita. A sua violência extrema contra israelitas e palestinianos foi frequentemente sublinhada. Associados ao Hamas surgem ainda o Hezbollah e o Estado Iraniano, ambos aliados na luta contra Israel. Este último ganha um maior destaque em abril, quando duas das reportagens se focam no conflito entre Israel e o Irão.

Tendo tudo isto em conta, conclui-se que a cobertura jornalística do *Jornal da Noite* da SIC revelou uma tendência que outros estudos sobre os meios de comunicação ocidentais já haviam descrito – a existência de uma abordagem que tende a favorecer e a destacar a narrativa israelita, humanizando e personalizando as histórias referentes a esse povo, enquanto, por outro lado, as palestinianas são simplificadas.

O presente relatório constitui, assim, um contributo relevante para o debate sobre a responsabilidade dos media na cobertura de conflitos internacionais, uma vez que, como se observou anteriormente, o desequilíbrio na representação pode moldar a forma como o público recebe e interpreta a mensagem. Mesmo que de forma não intencional, os meios de comunicação podem ajudar a reforçar narrativas que condicionam a representação dos povos em situação de conflito. Desta forma, a investigação revela o efeito das limitações impostas ao acesso de jornalistas à Faixa de Gaza e abre espaço para uma reflexão crítica sobre a realidade mediática ocidental, caracterizada por assimetrias que reforçam o protagonismo israelita.

Isto não significa, no entanto, que tenha sido sempre assim, uma vez que a amostra temporal do estudo é bastante reduzida, o que pode constituir uma limitação. Desta forma, não é possível fazer uma generalização dos resultados para a cobertura total do conflito, ao longo do primeiro ano. Para além disso, o foco único num só meio de comunicação, no caso a *SIC*, limita a representatividade da análise no contexto mediático português.

Neste sentido, seria pertinente, em futuras investigações, alargar o *corpus* e analisar se a cobertura e a tendência pró-israelita se mantiveram noutros períodos durante o primeiro ano de guerra ou até mesmo depois da quebra do cessar-fogo entre Israel e o Hamas, em março de 2025. Seria igualmente relevante perceber se a cobertura do conflito seguiu padrões semelhantes noutros órgãos nacionais, como na estação pública, ou até mesmo na imprensa, de forma a desenhar um retrato mais completo da cobertura portuguesa da guerra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abdulrahim, R. (2024, setembro 20). *With world's attention shifting, some in Gaza fear they will be forgotten*. The New York Times.

<https://www.nytimes.com/2024/09/20/world/middleeast/gaza-cease-fire-talks-hezbollah-lebanon.html>

Agudo, A. (2025, junho 16). *La otra guerra de Israel contra Palestina: casi mil muertos en la Cisjordania ocupada desde el inicio de la guerra en Gaza*. El País.

<https://elpais.com/internacional/2025-06-16/la-otra-guerra-de-israel-contra-palestina-casi-mil-muertos-en-la-cisjordania-ocupada-desde-el-inicio-de-la-guerra-en-gaza.html>

Aguiar, L. (2009). Framing a Global Crisis: An Analysis of the Coverage of the Latest Israeli-Palestinian Conflict by Al-Jazeera and CNN. *Estudos em Comunicação/Communication Studies*, 6, 1-17. <https://www.ec.ubi.pt/ec/06/pdf/laura-aguiar-framing.pdf>

Ahmad, A. K., Al-Ameer, A., Alrahman, A. A. A., Alzyoud, S., & Makharesh, A. (2023). Media Coverage of the 2021 Palestinian-Israeli Conflict: A Content Analysis into the Online Version of Newspapers in Jordan. *Information Sciences Letters*, 12(7), 3239-3253. <http://dx.doi.org/10.18576/isl/120747>

Al Jazeera. (2024a, agosto 1). *What countries has Israel attacked since October 7?* <https://www.aljazeera.com/news/2024/8/1/what-countries-has-israel-attacked-since-october-7>

Al Jazeera. (2024b, dezembro 6). *Who accuses Israel of committing genocide in Gaza?* <https://www.aljazeera.com/news/2024/12/6/who-accuses-israel-of-committing-genocide-in-gaza>

Ali, A., Khan, M., & Riaz, M. (2024). Examining The Framing of The Israel-Palestine Conflict: A Textual Analysis of International Media News Coverage. *Migration Letters*, 21(11), 1212-1223. <https://migrationletters.com/index.php/ml/article/view/10899>

Alim, S., Effendi, Y., & Wahyudi, A. (2025). Framing The Iran-Israel Conflict: A Comparative Analysis of Al-Jazeera and BBC News Coverage in April 2024. *Journal of Islamic Civilization*, 6(2), 166-180. <http://dx.doi.org/10.33086/jic.v6i2.6537>

- Al-Jazeera. (s.d). *About us*. <https://www.aljazeera.com/about-us>
- Alkalliny, S. (2017). Framing of media coverage of the Palestinian -Israeli conflict in CNN and FoxNews. *International Journal of English Literature and Social Sciences*, 2(4), 161-165. <https://dx.doi.org/10.24001/ijels.2.4.20>
- Allan, S., & Zelizer, B. (2004). *Reporting War: Journalism in Wartime*. Routledge
- Almeida, N. (2023). O Hezbollah e as suas Relações (Internacionais) no Médio Oriente. *Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos*, (31), 31-52. <http://dx.doi.org/10.33167/1645-4677/DAXIYANGGUO2023.31/pp.31-53>
- Alzyoud, S. (2022). The U.S. Media Coverage of Islam and Muslims in the Wake of the ISIS Emergence. *Eximia Journal*, 4, 195-208. <https://www.eximiajournal.pluscommunication.eu/index.php/eximia/article/view/123/68>
- Amaireh, H. A. (2024). A Critical Discourse Analysis of Al Jazeera's Reporting of the 2021 Israel-Palestine Crisis. *International Journal of Arabic-English Studies*, 24(1), 21–40. <https://doi.org/10.33806/ijaes.v24i1.559>
- Amer, M. M. A. (2022). BBC and New York Times' Coverage of the May 2021 Israeli Onslaught on Gaza: A Critical Discourse Analysis. *International Journal of English Linguistics*, 12(5), 1-18. <https://doi.org/10.5539/ijel.v12n5p1>
- Anadolu Ajansı. (2025, junho 11). *Gaza death toll tops 55,100 as Israel's genocidal war continues unabated*. <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/gaza-death-toll-tops-55-100-as-israel-s-genocidal-war-continues-unabated/3594269>
- Andrade, M. M. M. G. P. (2020). *O Conflito Israelo-Palestiniano e as suas repercussões num mundo global: que perspetivas para a paz?* [Tese de Mestrado, NOVA School of Law da Universidade NOVA de Lisboa]. Repositório da Universidade NOVA. https://run.unl.pt/bitstream/10362/132242/1/Andrade_2020.pdf
- Asmus, L. (2024). *Framing of Conflict Reporting in the Israel-Hamas Conflict in German Online Newspaper Articles*. [Master's Thesis, Faculty of Culture and Society, Malmö University]. Malmö University Publications. <https://mau.diva-portal.org/smash/record.jsf?amp%3Bdswid=-2433&pid=diva2%3A1881031&dswid=-1371>

Baptista, C. (2024). Os jornais e a guerra: pouca história, muita opinião e alguma desinformação. *Le Monde Diplomatique - Edição Portuguesa*, 217, 13-14. <https://pt.mondediplo.com/2024/11/os-jornais-e-a-guerra-pouca-historia-muita-opinioe-e-alguma-desinformacao.html>

Bard, M. G. (2025). *Facts About Jewish Settlements in the West Bank*. Jewish Virtual Library. <https://www.jewishvirtuallibrary.org/facts-about-jewish-settlements-in-the-west-bank>

BBC News Brasil (2023, novembro 21). *Quais países não reconhecem Israel; resumo*. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cev7y2ke5zvo>

Beazley, J. (2023, outubro 8). 'Israel declares war': What the papers say about the surprise Hamas attack and its aftermath. The Guardian. <https://www.theguardian.com/world/2023/oct/08/israel-declares-war-what-the-papers-say-about-the-surprise-hamas-attack-and-its-aftermath>

Bednarek, M., & Caple, H. (2014). Why do news values matter? Towards a new methodological framework for analyzing news discourse in Critical Discourse Analysis and beyond. *Discourse & Society*, 25(2), 135-158. <https://doi.org/10.1177/0957926513516041>

Beinin, J., & Hajjar, L. (2014, fevereiro). *Palestine, Israel and the Arab-Israeli Conflict A Primer*. The Middle East Research & Information Project. https://merip.org/wp-content/uploads/2017/02/Primer_on_Palestine-IsraelMERIP_February2014final.pdf

Bernas, A. (2024, março 4). *France: quelle place pour la guerre de Gaza dans les JT de 20h*. RFI. <https://www.rfi.fr/fr/moyen-orient/20240304-isra%C3%ABl-palestine-quand-la-t%C3%A9l%C3%A9vision-fran%C3%A7aise-oublie-la-guerre-dans-la-bande-de-gaza>

Bevilaqua, L. (2023). Conflito Israel x Palestina e o modo de endereçamento do Jornal Nacional: a organização temática da edição que noticiou o ataque. *Comunicação Midiática*, 18(2), 34-54. <https://doi.org/10.5016/cm.v18i1.592>

Bhattacharjee, A. (2012). *Social Science Research: Principles, Methods, and Practices* (2^a ed.). University of South Florida. https://digitalcommons.usf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1002&context=oa_textbook

- Bhowmik, S., & Fisher, J. (2023). Framing the Israel-Palestine conflict 2021: Investigation of CNN's coverage from a peace journalism perspective. *Media, Culture & Society*, 45(5), 1019-1035. <https://doi.org/10.1177/01634437231154766>
- Bielsa, E. (2008). The pivotal role of news agencies in the context of globalization: a historical approach. *Global Networks*, 8(3), 347-366. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-0374.2008.00199.x>
- Bishara, A. (2023, novembro 28). *The War on Gaza Politics, Ethics, and International Law*. Arab Center for Research & Policy Studies. <https://www.dohainstitute.org/en/Lists/ACRPS-PDFDocumentLibrary/azmi-bishara-lecture-the-war-on-gaza-politics-ethics-and-international-law-en.pdf>
- Braman, E. (2003). To what end? War reporting in the television age. *The RUSI Journal*, 148(6), 26-30. <http://dx.doi.org/10.1080/03071840308446942>
- Brenner, D., & Han, E. (2022). Forgotten Conflicts: Producing Knowledge and Ignorance in Security Studies. *Journal of Global Security Studies*, 7(1), 1-17. <https://doi.org/10.1093/jogss/ogab022>
- Briceño, M., & Swann, S. (2024, outubro 9). *How misinformation about Israel and Gaza has evolved in the yearlong war*. PBS News. <https://www.pbs.org/newshour/world/how-misinformation-about-israel-and-gaza-has-evolved-in-the-yearlong-war>
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods* (4ª ed.). Oxford University Press.
- Cabral, R., & Salhani, J. (2017). Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões. *E-Compós*, 20(3), 1-20. <https://doi.org/10.30962/ec.1371>
- Calheiras, N. (2022). *A Cobertura Noticiosa da Crise Israelo-Palestiniana de 2021 na Imprensa Online Portuguesa*. Mendeley Data. <https://data.mendeley.com/datasets/g2nmxm8ctxs/1>
- Campo, E., Gutiérrez, M., & Moreno Cano, A. (2024). Autoría en la cobertura de la guerra en Ucrania: el trabajo de redacción prima sobre las crónicas de corresponsales. *Revista de Comunicación*, 23(1), 97-117. <https://doi.org/10.26441/RC23.1-2024-3319>
- Cardoso, K. M. (2012). *A biopolítica e o paradoxo da objetividade jornalística: um estudo de caso sobre os conflitos Israel-Palestina*. [Dissertação de mestrado, Escola de Comunicação, Arquitetura, Arte e Tecnologia da Informação da Universidade Lusófona].

<https://recil.ulusofona.pt/server/api/core/bitstreams/3196e1f7-5143-4fa5-a515-991cb1563deb/content>

Carland, S. (2023, dezembro). *A war of words: preliminary media analysis of the 2023 Israel- Gaza war*. Islamophobia Register Australia. https://islamophobia.com.au/wp-content/uploads/2023/12/IRA_2023-Israel-Gaza-War-Report_Final_V3.pdf

Carvalho, E. S. (2013). *Jornalismo de Guerra: O Caso da Imprensa Portuguesa*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da UBI. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1599>

Castro, L. (2007). *Repórter de Guerra*. Oficina do Livro.

Chance, M. (2025, junho 16). *Análise: sem estratégia de conclusão, Israel arrisca outra guerra sem fim*. CNN Brasil. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-sem-estrategia-de-conclusao-israel-arrisca-outra-guerra-sem-fim/>

Chaudhry, H., & Riaz, M. (2024). Ethical Dilemmas in Media Coverage of Israel - Palestine Conflict: Analysis of The New York Times. *Migration Letters*, 21(11), 72-83. https://www.researchgate.net/publication/382946091_Migration_Letters_Ethical_Dilemmas_In_Media_Coverage_Of_Israel_-_Palestine_Conflict_Analysis_Of_The_New_York_Times

Chitty, A. (2025, maio 29). *Israel aprova a construção de 22 novos colonatos na Cisjordânia ocupada*. EuroNews. <https://pt.euronews.com/2025/05/29/israel-aprova-a-construcao-de-22-novos-colonatos-na-cisjordania-ocupada>

Christie, N. (1986). The ideal victim. In E. A. Fattah (Ed.), *From crime policy to victim policy: Reorienting the justice system* (pp. 17–30). London: Macmillan.

Ciftci, S. (2012). Islamophobia and Threat Perceptions: Explaining Anti-Muslim Sentiment in the West. *Journal of Muslim Minority Affairs*, 32(3). 293-309. <https://doi.org/10.1080/13602004.2012.727291>

Clausewitz, C. (1832). *On war*. Princeton University Press.

CNN BRASIL. (2024, outubro 1). *Entenda a escalada do conflito entre o Hezbollah e Israel*. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-escalada-do-conflito-entre-o-hezbollah-e-israel/>

- Coelho, P. (2021). A imagem: elemento âncora da reportagem. In P. Coelho, A. I. Reis, & L. Bonixe (Orgs.), *Manual de Reportagem* (pp. 163-184). Editora LabCom. https://run.unl.pt/bitstream/10362/126849/1/202101151504_202009_manualreportagem_pcoelhoireislbonixe.pdf
- Committee to Protect Journalists. (2025). *Data Journalists Killed*. https://cpj.org/data/killed/2024/?status=Killed&motiveConfirmed%5B%5D=Confirmed&type%5B%5D=Journalist&start_year=2024&end_year=2024&group_by=location
- Creswell, J., & Creswell, J. D. (2018). *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches* (5^a ed.). SAGE Publications. https://spada.uns.ac.id/pluginfile.php/510378/mod_resource/content/1/creswell.pdf
- Cruz, C. (2014). *A decisão editorial em televisão: O caso do telejornal da RTP*. [Tese de Doutoramento, Universidade Aberta]. Repositório da Universidade Aberta.
- Deveci, M., Pala, M., & Altun, T. (2024, abril 22). *Israel-Iran tension overshadowing humanitarian crisis in Gaza*. Anadolu Ajansı. https://www.aa.com.tr/en/middle-east/israel-iran-tension-overshadowing-humanitarian-crisis-in-gaza/3194507?utm_source=chatgpt.com
- Diez-Gracia, A. (2024). Agenda y demanda informativa sobre la guerra de Ucrania en la prensa internacional, *Revista De Comunicación*, 23(2), 53–72. <https://doi.org/10.26441/RC23.2-2024-3529>
- El Damanhoury, K., Saleh, F., & Lebovic, M. (2025). Covering the Israeli–Palestinian Conflict: A Critical Discourse Analysis of Al Jazeera English and BBC’s Online Reporting on the 2023 Gaza War. *Journalism and Media*, 6(1), 1-16. <https://doi.org/10.3390/journalmedia6010009>
- Elmalı, B. (2023, novembro 20). *From Past to Present: The Israeli-Palestinian Conflict*. TRT World Research Centre. <https://researchcentre.trtworld.com/featured/from-past-to-present-the-israeli-palestinian-conflict/>
- Elmasry, M. (2015, fevereiro 12). *Studies continually show strong pro-Israel bias in western media*. Middle East Eye. <https://www.middleeasteye.net/opinion/studies-continually-show-strong-pro-israel-bias-western-media>

Entman, R. M. (1991). Framing U.S. Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents. *Journal of Communication*, 41(4), 6–27. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1991.tb02328.x>

Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51–58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>

Entman, R. M. (2007). Framing Bias: Media in the Distribution of Power. *Journal of Communication*, 57, 163-173. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00336.x>

Esperanza, M.-S R., & Humanes, M.-L. (2017). El conflicto Palestino–Israelí en la prensa española: la cobertura de la Operación Margen Protector en ABC y La Vanguardia. *Observatorio (OBS*)*, 11(4), 1-27. <https://doi.org/10.15847/obsOBS11420171136>

Farhi, P. (2023, outubro 20). *The media navigates a war of words for reporting on Gaza and Israel*. The Washington Post. <https://www.washingtonpost.com/style/media/2023/10/20/israel-gaza-strike-hospital-blast/>

Feinstein, A. (2006). *Journalists under fire: The psychological hazards of covering war*. Johns Hopkins University Press.

Ferreira, A. H., & Trevisan, A. C. (2024). Na televisão pública, mais vozes e mais ângulos. *Le Monde diplomatique Edição Portuguesa*, 217, p.12. <https://pt.mondediplo.com/2024/11/na-televisao-publica-mais-vozes-e-mais-angulos.html>

Ferreira, M. A. C. (2011). *O Assalto à “Frota da Liberdade”: Estudo comparativo da cobertura da imprensa tradicional e online do ataque israelita à embarcação pró-palestiniana em 2010*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras, da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/67069>

Fialho, F., & Loureiro, J. (2023). As Guerras das Mentiras. *Visão*, (1599), 38-51

Fino, C. (2003). *A Guerra em Direto* (7ª ed.). Verbo.

Francaviglia, G. (2024, outubro 8). *Western reporting of Israel reflects a deep-rooted bias*. 360info. <https://360info.org/western-reporting-of-israel-reflects-a-deep-rooted-bias/>

Fürsich, E. (2010). Media and the representation of Others. *International Social Science Journal*, 61(199), 113-130. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2451.2010.01751.x>

Galtung, J. (1986). On the role of the media in worldwide security and peace. In T. Varis (Ed.), *Peace and Communication* (pp. 249-266). Universidad para La Paz. <https://www.transcend.org/galtung/papers/On%20the%20Role%20of%20the%20Media%20for%20Worldwide%20Security%20and%20Peace.pdf>

Galtung, J. (2003). Peace Journalism. *Media Asia*, 30(3), 177–180. <https://doi.org/10.1080/01296612.2003.11726720>

Galtung, J.; Ruge, M. H. (1965). The Structure of Foreign News: The Presentation of the Congo, Cuba and Cyprus Crises in Four Norwegian Newspapers. *Journal of Peace Research*, 2(1), 64–90. <https://doi.org/10.1177/002234336500200104>

Giró, X. (2012). Análisis crítico del discurso mediático y pedagogía comunicativa para la paz. In: A. C. González, & M. G. López (Eds.), *Comunicación y cultura de paz* (1ª ed., Vol. 1, pp. 83-104). Editorial Universidad de Granada.

Glasgow Media Group. (2011). *War and Conflict*. <https://www.glasgowmediagroup.org/downloads/17-war-and-conflict>

Gonçalves, T. (2005a). A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo. *Caleidoscópio : Revista de Comunicação e Cultura*, 157-167. <https://recil.ulusofona.pt/items/5b7248fe-69fd-4d5b-a9bc-fad87d3c5917>

Gonçalves, T. (2005b). Os temas da guerra: estudo exploratório sobre o enquadramento temático da guerra do Iraque na televisão. *Comunicação Pública*, 1(1). 9-26. <https://doi.org/10.4000/cp.9792>

Graça, E. (2023, dezembro 17). *Cansaço da guerra: excesso de informação e sensação de impotência explicam fadiga de conflitos longos*. O Globo. <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/12/17/cansaco-da-guerra-excesso-de-informacao-e-sensacao-de-impotencia-explicam-fadiga-de-conflitos-longos.ghtml>

Graham-Harrison, E., & Tantesh, M. A. (2024, abril 15). ‘Sympathy shifted to Israel’: many fear Iran attack has distracted aid effort. The Guardian. https://www.theguardian.com/world/2024/apr/15/sympathy-shifted-to-israel-many-fear-iran-attack-has-distracted-aid-effort?utm_source=chatgpt.com

- Greggory, W. (2025). An October 7th “Holocaust” : Analysis of Online News Coverage of the Hamas Attack and Israeli Retaliation Using the NOW Corpus. *Studies in Languages and Cultures*, (54), 17- 33. <https://doi.org/10.15017/7343274>
- Günay, M. A. (2025). International Media Framing of the Palestinian-Israeli War. *Turkish Online Journal of Design Art and Communication*, 15(2), 526-542. <https://doi.org/10.7456/tojdac.1615156>
- Hall (1997). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage Publications
- Hamioud, S., Nessil, M. A., & Amrani, D. E. (2024). Al Jazeera Coverage of The Israeli War on Gaza 2023: A Critical Discourse Analysis. *Akofena*, 13(3), 167-182. <https://doi.org/10.48734/akofena.n013.vol.3.13.2024>
- Hanif, F. (2024, março). *Media Bias: Gaza 2023-24*. Centre for Media Monitoring. <https://cfmm.org.uk/wp-content/uploads/2024/03/CfMM-Report-Final-MEDIA-BIAS-GAZA-2023-24-ePDF.pdf>
- Harcup, T., & O'Neill. (2017). What is News? News values revisited (again). *Journalism Studies*, 18(12), 1470-1488. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>
- Harris, J., & Williams, K. (2019). *Reporting War and Conflict*. Routledge
- Hawkins, V. (2011). Media selectivity and the other side of the CNN effect: the consequences of not paying attention to conflict. *Media, War & Conflict*, 4(1), 55–68. <https://doi.org/10.1177/1750635210396126>
- Hayden, M. (2024, março 19). *5 world conflicts you don't hear about on the news*. STAND Newsroom. <https://stand.ie/stand-newsroom/5-world-conflicts-you-dont-hear-about-news>
- Henarni, N. H., & Surwandono, S. (2024). Framing Hamas: a comparative discourse analysis of Western and Middle Eastern Media. *Al-Balagh: Jurnal Dakwah Dan Komunikasi*, 9(1), 31–54. <https://doi.org/10.22515/albalagh.v9i1.8474>
- Hoon, L. L. (2024) A Content analysis of the 2023 Israel-Palestine conflict news reporting in The Star Online, Malaysia. *e-Bangi Journal of Social Sciences and Humanities*, 21(3), 211-221. <http://dx.doi.org/10.17576/ebangi.2024.2103.17>

Hoskins, A. (2020). Media and compassion after digital war: Why digital media haven't transformed responses to human suffering in contemporary conflict. *International Review of the Red Cross*, 102(913), 117–143. <https://international-review.icrc.org/sites/default/files/reviews-pdf/2021-03/media-compassion-digital-war-human-suffering-contemporary-conflict-913.pdf>

Human Rights Watch. (2024). *Israel and Palestine Events of 2023*. <https://www.hrw.org/world-report/2024/country-chapters/israel-and-palestine>

Hume, M. (1997). *Whose war is it anyway? The dangers of Journalism of Attachment*. LM. <https://www.marxists.org/history/etol/newspape/living-marxism/LM%20special-%20Whose%20War%20Is%20It%20Anyway-%20with%20correction%20and%20subs%20letter.pdf>

Ibarra, G., Hermans, L., & Kleemans, M. (2025). Perceptions of Imagery in Tragic News: A Comparative Study of News Audiences. *Journalism Studies*, 1–22. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2025.2466599>

Impresa. (s.d). *Apresentação do Grupo*. <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo>

Impresa. (s.d). *Universo Impresa – SIC*. <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo/as-nossas-marcas/2013-11-07-sic-54f218c9>

Jackson, H. (2023). *Casualty mentions in NYT*. GitHub. https://github.com/hollyjackson/casualty_mentions_nyt?tab=readme-ov-file

Jamaluddin, & Mr. Asad Ali. (2023). Analyzing the way Pakistani Media Covers Humanitarian Issues During Violent Conflicts: a case study of the Gaza War in Real Time Perspective. *Pakistan: Bi-Annual Research Journal*, 63(1), 63–79. <https://pscjournal.pk/index.php/pakistan/article/view/104>

Johnson, A., & Ali, O. (2024, janeiro 9). *Coverage of Gaza War in The New York Times and other major Newspapers heavily favored Israel, analysis shows*. The Intercept. <https://theintercept.com/2024/01/09/newspapers-israel-palestine-bias-new-york-times/>

Jones, M. O [@marcowenjones]. (2023, outubro 25). *Daily Mail front pages since 7th Oct. There is not one mention of the over 5000 total Palestinians killed, but at least six*

front page mentions of total Israelis killed. [Tweet].
<https://twitter.com/marcowenjones/status/1717075805103181966>

Kasińska-Metryka, A., Pałka-Suchojad, K. (2023). Old Front Lines of New Wars. The Role of the Media as a Carrier of Information About the War in Ukraine. In: A. Turska-Kawa, A. Kasińska-Metryka, K. Pałka-Suchojad (Eds.) *War in Ukraine. Media and Emotions* (pp. 9-19). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-3-031-37608-5_2

Khalidi, R. (1997). *Palestinian Identity: The Construction of Modern National Consciousness*. Columbia University Press. <https://yplus.ps/wp-content/uploads/2021/01/Khalidi-Rashid-Palestinian-Identity.pdf>

Khamis, S., & Dogbatse, F. S. (2024). The Gaza War Coverage: The Role of Social Media vs. Mainstream Media. In A. Abdel-Sadek (Dir.), *IEMed Mediterranean Yearbook 2024*, (pp. 295-300). IEMed <https://www.iemed.org/wp-content/uploads/2024/09/Gaza-War-Coverage-Social-Media-Mainstream-Khamis-Sena-IEMedYearbook2024.pdf>

King, G., & Jegić, D. (2023). Editar Palestina: Sesgo mediático en los manuales de estilo periodístico. *Revista Latina De Comunicación Social*, (82), 1–20. <https://doi.org/10.4185/rlds-2024-2052>

Kirat, M., & Slamane, R. (2024). Covering Terrorism: How the News Media construct Reality. *Kurdish Studies Journal*, 12(2), 5854-5865. <https://doi.org/10.58262/ks.v12i2.434>

Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2007). *The Elements of Journalism: What Newspeople Should Know and the Public Should Expect*. Three Rivers Press.

Kriesberg, L. (2001). Mediation and the Transformation of the Israeli–Palestinian Conflict. *Journal of Peace Research*, 38(3), 373-392. <https://doi.org/10.1177/0022343301038003006>

Krijnen, T., & Bauwel, S. V. (2015). *Gender and Media: Representing, Producing, Consuming*. Routledge.

Krishnan, V. (2024, fevereiro 2). *Western coverage of Gaza: A textbook case of colonizer's journalism*. Al Jazeera. <https://www.aljazeera.com/opinions/2024/2/2/western-coverage-of-gaza-a-textbook-case-of-colonisers-journalism>

Lee, S., & Feeley, T. H. (2016). The identifiable victim effect: a meta-analytic review. *Social Influence*, 11(3), 199–215.
<https://doi.org/10.1080/15534510.2016.1216891>

Lippman, W. (2010). *Opinião Pública*. Editora Vozes.

Lopes, F., Pinto, M., Oliveira, M., & Sousa, H. (2009). A notícia de abertura do TJ ao longo de 50 anos (1959-2009). In F. Lopes (Ed.), *Os 50 anos do Telejornal: estudo sobre a informação televisiva* (pp. 149-162). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.
[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29830/1/Revista Comunicacao e Sociedade_15.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29830/1/Revista_Comunicacao_e_Sociedade_15.pdf)

Lusa. (2024, dezembro 26). *Cinco jornalistas palestinianos mortos em ataque de Israel em Gaza*. Público. <https://www.publico.pt/2024/12/26/mundo/noticia/cinco-jornalistas-palestinianos-mortos-ataque-israel-gaza-2116842>

Lusa. (2025, fevereiro 5). *Trump garante: "todos adoram" a sua proposta para a Faixa de Gaza*. SIC Notícias. <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-no-medio-oriente/2025-02-05-trump-garante-todos-adoram-a-sua-proposta-para-a-faixa-de-gaza-01f6d6e0>

Lynch, J., & McGoldrick, A. (2005). *Peace journalism*. Hawthorn Press.

McCombs, M., Lopez-Escobar, E., & Llamas, J. P. (2000). Setting the agenda of attributes in the 1996 Spanish general election. *Journal of Communication*, 50(2), 77-92.
<https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2000.tb02842.x>

McGoldrick, A. (2006). War journalism and "objectivity". *Conflict & Communication Online*, 5(2), 1-7. https://regener-online.de/journalcco/2006_2/pdf/mcgoldrick.pdf

McLaughlin, G. (2016). *The War Correspondent* (2^a ed). Pluto Press.
<https://www.jstor.org/stable/j.ctt19qgf0x>

McQuail, D. (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*. Fundação Calouste Gulbenkian.
<https://olharimagens.files.wordpress.com/2015/02/teorias-da-comunicac3a7c3a3o-de-massasdenis-mcquail.pdf>

Mercado, J. M. M. (2021). La cobertura del conflicto palestino-israelí: Un análisis con máquinas de soporte vectorial (SVM). *Fundación Seminario de Investigación para la*

Paz, (22), 1- 34. <https://seipaz.org/wp-content/uploads/C.22-La-cobertura-del-conflicto-palestino-israeli.pdf>

Mercier, A. (2005). War and media: Constancy and convulsion. *International Review of the Red Cross*, 87(860), 649-659. <https://doi.org/10.1017/S1816383100184486>

Minges, M. (2023, novembro 21). *How Does the Media Impact Public Perception about War*. American University Washington DC. <https://www.american.edu/sis/news/20231121-how-does-the-media-impact-public-perception-about-war.cfm>

Moeller, S. D. (1999). *Compassion Fatigue: How the Media Sell Disease, Famine, War and Death*. Routledge.

Moretti, M. A. M. (2007). A Ética no Jornalismo: O Jornalismo em Tempos de Guerra. *ReMark - Revista Brasileira De Marketing*, 3(1), 89–102. <https://doi.org/10.5585/remark.v3i1.92>

Najjar, D., & Lietava, J. (2023). *Analysing the bias in BBC reporting on Palestine*. GitHub. <https://github.com/liet-git/bbc-bias?tab=readme-ov-file#readme>

Neuman, W. L. (2014). *Social Research Methods: Qualitative and Quantitative approaches*. (7^a ed.). Pearson. https://letrunghieutvu.yolasite.com/resources/w-lawrence-neuman-social-research-methods_-qualitative-and-quantitative-approaches-pearson-education-limited-2013.pdf

North, J. (2024, abril 14). *The mainstream U.S. media is hiding key truths in its coverage of Iran's retaliatory attack*. Mondoweiss. <https://mondoweiss.net/2024/04/the-mainstream-u-s-media-is-hiding-key-truths-in-its-coverage-of-irans-retaliatory-attack/>

Nystedt, M. (2024). *Justification and Condemnation: Media Framing of Violence in the Israel-Palestine Conflict*. [Bachelor's Thesis, Lund University]. LUP Student Papers. <http://lup.lub.lu.se/student-papers/record/9152769>

O Globo. (2024, novembro 27). *Com trégua em vigor, conflito em Israel e Hezbollah deixa mais de 3,8 mil mortos e 1,3 milhões de deslocados no Líbano*. <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/11/27/com-tregua-em-vigor-conflito-entre-israel-e-hezbollah-deixa-mais-de-38-mil-mortos-e-13-milhao-de-deslocados-no-libano.ghtml>

Ochieng, B. & Chibelushi, W. (2024, março 21). *Sudan war: A simple guide to what is happening*. BBC. <https://www.bbc.com/news/world-africa-59035053>

Parenti, M. (1993). *Inventing Reality: The Politics of the News Media*. St Martin's Press.

Peteet, J. (2016). Language Matters: Talking about Palestine. *Journal of Palestine Studies* 45(2), 24-40. <http://dx.doi.org/10.1525/jps.2016.45.2.24>

Pew Research Center. (2024, fevereiro 16). *How Americans view the conflicts between Russia and Ukraine, Israel and Hamas, and China and Taiwan*. Pew Research Center. https://www.pewresearch.org/short-reads/2024/02/16/how-americans-view-the-conflicts-between-russia-and-ukraine-israel-and-hamas-and-china-and-taiwan/?utm_source=chatgpt.com

Reich, B. (2010). The Founding of Modern Israel and the Arab–Israeli Conflict. In J. R. Baskin, & K. Seeskin (Eds.), *The Cambridge Guide to Jewish History, Religion, and Culture* (pp. 258–287). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511780899.012>

Resumen Latinoamericano. (2025, janeiro 27). *Comunicación. Palestina: Cómo los medios occidentales ocultan la verdad sobre la guerra de Gaza*. https://www.resumenlatinoamericano.org/2025/01/27/comunicacion-palestina-como-los-medios-occidentales-ocultan-la-verdad-sobre-la-guerra-de-gaza/?utm_source=chatgpt.com

Reuters. (2023, outubro 7). *Como aconteceu o ataque surpresa do Hamas contra Israel?* Público. <https://www.publico.pt/2023/10/07/mundo/noticia/aconteceu-ataque-surpresa-hamas-israel-2065915>

Reuters. (2024, outubro 1). *A longa história de incursões e invasões de Israel no Líbano*. Público. <https://www.publico.pt/2024/10/01/mundo/noticia/longa-historia-incursoes-invasoes-israel-libano-2106133>

Rodrigues, P. C. (2024a). Os Media na Encruzilhada do Médio Oriente. *Jornalismo & Jornalistas*, 85, 13-21. https://clubedejornalistas.sapo.pt/wp-content/uploads/sites/25/2024/12/JJ_85.pdf

Rodrigues, P. C. (2024b). SIC Notícias, CNN Portugal: enviesamentos e reflexões importantes. *Le Monde diplomatique Edição Portuguesa*, 217, 8-11.

<https://pt.mondediplo.com/2024/11/sic-noticias-cnn-portugal-enviesamentos-e-reflexoes-importantes.html>

Roller, M. R., & Lavrakas, P. J. (2015). *Applied qualitative research design: A total quality framework approach*. The Guilford Press.

Rosenstiel, T. (2025). *The Essentials of Journalism: Understanding bias*.
<https://www.tomrosenstiel.com/essential/understanding-bias/>

Rothberg, D. (2014). Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes. *Opinião Pública*, 20(3), 407-424.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641566>

RTP Arquivos. (1992). *Início das emissões da SIC*.
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/inicio-das-emissoes-da-sic/>

Said, E. W. (1996). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras. [edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861897/mod_resource/content/1/said_edward_w - orientalismo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861897/mod_resource/content/1/said_edward_w_-_orientalismo.pdf)

Sánchez, V. S. (2023, novembro 27). *Desinformación que mata: propaganda, noticias falsas y censura en Gaza*. Instituto de Estudios sobre Conflictos y Acción Humanitaria.
<https://iecah.org/desinformacion-que-mata-propaganda-noticias-falsas-y-censura-en-gaza/>

Santos, J. (2008). O Paradoxo do Hamas: Democracia vs. Terrorismo. *Nação e Defesa*, 3(120), 103-126.
https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/519/1/NeD120_JulianaSantos.pdf

Satloff, R. (2024, julho 29). *Anonymous Sources in Gaza War Reporting: The Washington Post vs. Its Peers*. The Washington Institute for Near East Policy.
<https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/anonymous-sources-gaza-war-reporting-washington-post-vs-its-peers>

Scahill, J., & Grim, R. (2024, abril 15). *Leaked NYT Gaza Memo Tells Journalists to Avoid Words “Genocide,” “Ethnic Cleansing,” and “Occupied Territory”*. The Intercept.
<https://theintercept.com/2024/04/15/nyt-israel-gaza-genocide-palestine-coverage/>

Schoones, M. H. (2024). *War Through the Wire: Al Jazeera and CNN’s Framing of the Israel-Gaza War of 2023*. [Bachelor’s Thesis, Malmo University]. Publikationer från

portal.org/smash/record.jsf?aq2=%5B%5B%5D%5D&c=22&af=%5B%5D&searchType=LIST_LATEST&sortOrder2=title_sort_asc&query=&language=sv&pid=diva2%3A1864554&aq=%5B%5B%5D%5D&sf=all&aqe=%5B%5D&sortOrder=author_sort_asc&onlyFullText=false&noOfRows=50&dswid=-8148

Schudson, M. (2001). The objectivity norm in American journalism. *Journalism*, 2(2), 149-170. <https://doi.org/10.1177/146488490100200201>

Scott-Baumann, M. (2024). *A mais breve história de Israel e da Palestina* (2ª ed.). Ideias de Ler.

Seib, P. (2005). Hegemonic No More: Western Media, the Rise of Al-Jazeera, and the Influence of Diverse Voices. *International Studies Review*, 7(4), 601-615. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2486.2005.00535.x>

Shahzad, F., Qazi, T. A. & Shehzad, R. (2023). Framing of Israel and Palestine Conflict in RT news, Al-Jazeera, CNN & BBC News. *Global Digital & Print Media Review*, 6(2), 1-14. [https://doi.org/10.31703/gdpmr.2023\(VI-II\).01](https://doi.org/10.31703/gdpmr.2023(VI-II).01)

Shehadi, S., Choukeir, C., & Talaat, N. (2024, março 22). *In numbers: How UK right-wing media's pro-Israel Gaza war coverage dehumanizes Palestinians*. The New Arab. <https://www.newarab.com/analysis/numbers-uk-medias-pro-israel-bias-gaza-war-coverage>

Shihadah, K., & Weir, A. (2018, fevereiro 8). *Associated Press double standard in Israel-Palestine reporting*. If Americans Knew. <https://israelpalestineneews.org/associated-press-double-standard-israel-palestine-reporting/>

Shoemaker, P., & Reese, S. D. (1996). *Mediating the Message: Theories of Influences on Mass Media Content*. Longman USA. <https://chinhnghia.com/mediating-the-message.pdf>

SIC Notícias. (2024, abril 7). *Israel-Hamas: seis meses do capítulo mais violento de décadas de guerra e conflito*. <https://sicnoticias.pt/mundo/2024-04-07-Israel-Hamas-seis-meses-do-capitulo-mais-violento-de-decadas-de-guerra-e-conflito-12fd6d3f>

SIC Notícias. (2025, março 4). *Israel impede ajuda humanitária em Gaza e deixa palestinianos sem saber do amanhã*. <https://sicnoticias.pt/especiais/conflito-israel->

palestina/2025-03-04-video-israel-impede-ajuda-humanitaria-em-gaza-e-deixa-palestinianos-sem-saber-do-amanha-7d4a5412

Siddiqui, U., & Zaheer, O. A. (2018). *50 years of occupation: A sentiment and n-gram analysis of U.S. mainstream media coverage of the Israeli occupation of Palestine*. 416Labs. https://vridar.org/wp-content/uploads/2019/01/416LABS_50_Years_of_Occupation.pdf

Silva, J. U. L., & Philippini, R. A. S. (2017). Israel e Palestina: da “Terra Santa” a um território em conflito. *Revista Ciência Contemporânea*, 2(1), 163-180. https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180301125215.pdf

Silveirinha, M. J. (2020). Comunicação, Representação e Identidade . Em J. C. Correia, & I. Amaral (Orgs.), *De que falamos quando dizemos jornalismo? Temas emergentes de pesquisa* (pp. 149-174). LabCom. <https://labcom.ubi.pt/de-que-falamos-quando-dizemos-jornalismo-temas-emergentes-de-pesquisa/>

Smith, A., & Higgins, M. (2012) Introduction: Reporting war history, professionalism and technology. *Journal of War & Culture Studies*, 5(2), 131-136. http://dx.doi.org/10.1386/jwcs.5.2.131_7

Sokatch, D. (2021). *Israel – Um guia sobre o conflito israelo-palestiniano para os curiosos, os confusos e os indecisos*. Bertrand Editora.

Sucháček, J., Sed'a, P., Friedrich, V., Wachowiak-Smolíková, R., & Wachowiak, M. P. (2016). From Regional to National Clouds: TV Coverage in the Czech Republic. *PloS one*, 11(11), 1-20. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0165527>

Tamini, T., & Vargas, D. S. (2024, fevereiro 13). *Propaganda vs. Truth: Israeli Propaganda and Palestinian Demonisation*. E-International Realties. <https://www.e-ir.info/2024/02/13/israeli-propaganda-and-palestinian-demonisation/>

Teixeira, J. (2023). “Guerra” e linguagem jornalística: metaforicidade e objetividade. In A. M. Ferreira, A. M. Ramalheira, C. Morais, J. Mancelos, M. F. Brasete, & R. L. Coimbra (Coords.), *Forma Breve 19 – A fúria de Aquiles: as faces da guerra* (pp. 479-495). Universidade de Aveiro. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/87368/1/guerr%20discur%20jornal%20PUBdo%20nov2023.pdf>

The Column. (2023). “Massacred” vs “Left to Die”: Documenting Media Bias Against Palestinians Oct 7 - Nov 7. <https://www.columnblog.com/p/massacred-vs-left-to-die-documenting>

The New Humanitarian. (2023, outubro 23). *Media coverage of Israel and Gaza is rife with deadly double standards*. <https://www.thenewhumanitarian.org/editorial/2023/10/23/media-coverage-israel-and-gaza-double-standards>

Tuchman, G. (1972). Objectivity as Strategic Ritual: An Examination of Newsmen's Notions of Objectivity. *American Journal of Sociology*, 77(4), 660-679. <https://www.jstor.org/stable/2776752>

Tumber, H., & Webster, F. (2006). *Journalists Under Fire*. Sage Publications.

Tweissi, B. (2023, novembro 11). *War in the Post-Truth Era: Western Media Coverage of Israel's 2023 War on Gaza*. Arab Center for Research & Policy Studies. <https://www.dohainstitute.org/en/PoliticalStudies/Pages/western-news-coverage-of-israels-war-on-gaza-in-the-post-truth-era.aspx>

van der Hoeven, R. (Pien), & Kester, B. (2022). Demythologizing war journalism: Motivation and role perception of Dutch war journalists. *Media, War & Conflict*, 15(3), 263-279. <https://doi.org/10.1177/1750635220917411>

van der Meer, T. G. L. A., & Brosius, A. (2024). Credibility and shareworthiness of negative news. *Journalism*, 25(1), 61-80. <https://doi.org/10.1177/14648849221110283>

van Dijk, T. A. (1991). *Racism and the Press*. Routledge. <https://discourses.org/wp-content/uploads/2022/06/Teun-A.-van-Dijk-1991-Racism-And-the-Press.pdf>

Waisbord, S. (2018). Truth is What Happens to News: On Journalism, Fake News, and Post-Truth. *Journalism Studies*, 19(13), 1866–1878. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2018.1492881>

Wallace, L. R. (2019). *The View from Somewhere: Undoing the myth of Journalistic Objectivity*. The University of Chicago Press

Weiss, M. (2024, setembro 20). *Middle East on brink of regional conflict as attacks on Hezbollah shift focus to Lebanon*. The Irish Times.

<https://www.irishtimes.com/world/middle-east/2024/09/20/middle-east-on-brink-of-regional-conflict-as-attacks-on-hizbullah-shift-focus-to-lebanon/>

Williams, K. (2020). *A New History of War Reporting*. Routledge.

Wolf, M. (2016). *Teorias da Comunicação* (8ª ed.). UFMA.

Youmans, W. (2024, março 20). *Accounting for the Biases in U.S. Media Coverage of Gaza*. DAWN. <https://dawnmena.org/accounting-for-the-biases-in-u-s-media-coverage-of-gaza/>

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total de peças analisadas	48
Tabela 2 - Total de reportagens analisadas	49
Tabela 3 -Localização e temas das reportagens analisadas.....	64
Tabela 4 -Personalização das vítimas israelitas nas reportagens analisadas.....	68
Tabela 5 - Elementos-chave da representação mediática da população israelita nas oito reportagens analisadas	69
Tabela 6 - Elementos-chave da representação mediática da população palestina nas oito reportagens analisadas.....	71
Tabela 7 - Elementos-chave da representação mediática do exército/ governo israelitas nas oito reportagens analisadas.....	73
Tabela 8 - Elementos-chave da representação mediática do Hamas nas oito reportagens analisadas.....	75
Tabela 9 - Elementos-chave da representação mediática do Irão e Hezbollah nas oito reportagens analisadas	77
Tabela 10 - Síntese da análise qualitativa	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de peças analisadas por semana.....	50
Gráfico 2 - Alinhamento das peças por semana	52
Gráfico 3 - Duração das peças por semana.....	53
Gráfico 4 - Temas das peças na semana de outubro de 2023	54
Gráfico 5 - Temas das peças na semana de abril de 2024.....	56
Gráfico 6 - Temas das peças na semana de outubro de 2024	58
Gráfico 7 - Fontes das peças.....	58
Gráfico 8 - Comparação do uso de fontes israelitas e palestinas.....	59
Gráfico 9 - Uso de cada fonte ao longo das semanas	61
Gráfico 10 - Género jornalísticas das peças analisadas	62

1. Quais os principais desafios que os meios de comunicação encontram na cobertura de conflitos, em especial, na cobertura da guerra israelo-palestiniana?

Este é um conflito que tem lugar numa zona muito pequena - o que por vezes tem certas vantagens, mas tem outros problemas, porque passas de um lado para o outro em questão de minutos. São dois sistemas, duas linhas paralelas que nunca se encontram a não ser para lutar e isso complica a situação. Ou seja, o correspondente estrangeiro tem uma espécie de esquizofrenia passando de um lado para o outro... São dois sistemas totalmente diferentes: no lado israelita há liberdade de imprensa, há democracia, mas há o problema da censura militar, por vezes, quando se toca em temas delicados. Do outro lado, está um sistema que é autocrático, que não é democrático, que não é uma democracia liberal. Não há eleições lá desde 2006.

Em qualquer caso, há muitas pressões e é preciso andar com muito cuidado. E há riscos, porque podes cair nas mãos de grupos radicais islamistas. Estas são as principais dificuldades: como passar de um lado para o outro e manter o máximo possível de honestidade na cobertura.

2. Como entende este “apagamento” que o conflito vai tendo nos meios de comunicação, depois de algum tempo?

Um dos grandes problemas que enfrentamos é esse... O grande objetivo dos meios de comunicação ocidentais, no mundo livre, é conseguir audiências e, por vezes, a cobertura passa a ser quase uma obsessão, em que se chega a um grau no qual se faz um *zoom* sobre um determinado tema e a informação passa a ser quase monolítica. Depois continua a haver acontecimentos importantes e ignoram-se porque há outros temas. Eu acho que há uma certa frivolidade nos meios de comunicação, por vezes, e é preciso, sendo um bom editor, equilibrar tudo isto porque as audiências são muito importantes, são um objetivo essencial, mas não são tudo.

- 3. A grande maioria das reportagens que realizou (durante o período que analisei) passam-se em Israel. No entanto, houve uma reportagem, no dia 7 de abril, quando se completaram seis meses do ataque de 7 de outubro, em que o Henrique se deslocou a Ramala. Porquê manter esta centralidade em Israel? E quais são os desafios de fazer uma cobertura a partir dos territórios palestinos?**

Houve, várias vezes, reportagens nas zonas palestinas, mas, durante a guerra, por razões óbvias, as fronteiras estavam fechadas e a acessibilidade era muito inferior, sobretudo em Gaza e a mesma coisa acontece em certos momentos de grande tensão na Cisjordânia. É preciso perceber que se está a viver aqui a guerra mais longa da história desta região, que dura já 20 meses e que, por isso, há uma série de limitações. E é também verdade que, em parte, depois de 7 de outubro, o interesse estava mais em Israel até que começou, semanas mais tarde, a operação em Gaza. Então, é uma questão da redação, da edição que pega nas imagens das agências para explicar o que acontece em Gaza porque não temos possibilidade de entrar lá, como acontecia antes de 7 de outubro. E para equilibrar isso, por vezes, desloquei-me a territórios palestinos, à Cisjordânia, quando era possível, para contar o lado de lá.

- 4. Qual a importância de dar uma história, um nome e uma cara às vítimas dos conflitos? Qual é o papel que o jornalista tem na humanização destas pessoas?**

Penso que, sempre que seja possível, é importante humanizar as histórias. Dar-lhes uma cara é uma coisa que eu faço desde que comecei a minha carreira nos anos 90 e acho que isso ajuda a explicar as histórias muito complicadas relacionadas com o Médio Oriente. Há muita ignorância ainda. É um conflito muito complicado, com muitas nuances que as pessoas, às vezes, não compreendem, e quando se conta uma história é sempre mais fácil humanizar e personalizar a história. No fundo, os seres humanos são o mais importante em tudo.

- 5. Estudos recentes concluem que as vítimas israelitas foram mais humanizadas do que as palestinas pelos órgãos de comunicação ocidentais. Como comenta estes resultados?**

Eu não tenho os meios para fazer uma investigação sobre que vítimas são mais humanizadas, mas tenho as minhas dúvidas que esses resultados estejam certos. Eu já li todo o tipo de investigações que dizem exatamente o contrário - que dizem que há muito mais ênfase nas vítimas em Gaza do que nas vítimas em Israel, no caso de violações e abusos sexuais a mulheres e a homens, por exemplo, no dia 7 de outubro, mas também desde esse momento até agora nos túneis, onde têm os reféns israelitas nas mãos do Hamas. Em qualquer caso, eu acho que isso é uma coisa que é preciso investigar e o que devemos fazer é: quando estamos a cobrir um conflito, tentar fazer o máximo possível para contar as duas histórias.

6. Existem várias reportagens que acompanham a história de vítimas luso-israelitas. Na sua opinião, qual a importância desta aproximação com o telespectador português?

Eu acho que é muito importante contar a sua história porque, no fundo, isto é um conflito que acontece a 4 mil/ 5 mil quilómetros de distância e isso aproxima o público ao conflito - o facto de haver pessoas que têm nacionalidade portuguesa e que falam português tem sempre uma vantagem. Nem sempre é possível, mas, quando se pode, é importante - e acho que nisso não somos muito originais, porque é uma coisa que se faz em todas as televisões do mundo. Ou seja, cada um está um pouco mais concentrado no seu público, no seu país, na gente do seu país, e é uma coisa bastante habitual.

E ampliando isso, é muito importante entender uma coisa: o correspondente não decide sozinho os temas de reportagem - por vezes propõem. Mas, muitas vezes, vêm propostas da redação, dos editores, da editora de internacional ou de outras pessoas dentro da redação, ou seja, diretores de informação que tomam a iniciativa e que pedem um tema determinado.

7. Na reportagem de dia 7 de abril, o Henrique diz a seguinte frase: “*Gaza que poderia ser um novo Dubai, é cada vez mais parecida à Somália*”. O que quis dizer com esta frase?

Quando falo de um novo Dubai para Gaza, em vez da Somália, refiro-me ao facto de que, desde que o Hamas controla a Faixa de Gaza, depois do golpe de Estado que fez em

2007, chegaram a Gaza biliões de dólares de diferentes fontes, especialmente do Qatar e do Irão. Esse dinheiro, em vez de ser investido, como aconteceu nos Emirados Árabes Unidos, para criar infraestruturas imobiliárias, pontes, estradas, todo o tipo de empresas de ramos de transportes, de ramos tecnológicos, etc., desenvolvendo a zona... O que aconteceu em Gaza foi que esse dinheiro foi investido sobretudo na construção de túneis com centenas de quilómetros - o dobro do metro de Londres -, túneis para a guerra que não ajudam a população em absolutamente nada. Só ajudam as pessoas que são membros do Hamas, que se protegem lá e que guardam lá os seus arsenais e ajudam o desenvolvimento da indústria de mísseis com esse dinheiro.

Em vez de se investir no que se chamava, desde sempre, a Riviera do Médio Oriente, que era uma praia linda, uma zona com um potencial turístico muito importante, que seria a Faixa de Gaza, dedicou-se a tornar-se uma espécie de Esparta na guerra, que não ajuda os 2 milhões e 300 mil palestinianos que vivem em Gaza.

8. Sendo israelita, como gere o equilíbrio e que estratégias usa para relatar o conflito de forma equidistante?

O facto de ser israelita ou de ser de um dos lados não pode ser uma vantagem ou uma desvantagem. É um facto. Todos temos a nossa nacionalidade, mas o que conta é a nossa honestidade no momento de relatar. A objetividade não existe, isso é um termo matemático que não existe. Dois seres humanos que fazem uma reportagem sobre o mesmo facto, cada um vai contá-lo de maneira diferente. Mas um facto é que é preciso honestidade: é preciso ter diferentes fontes, é preciso tentar procurar sempre essa equidistância que falavas na tua pergunta. Nem sempre se tem êxito, mas é preciso tentar. Ou seja, o facto de ser israelita não teve uma influência direta na forma como eu informo, provavelmente aconteceu em algum momento, ou talvez haja pessoas que possam pensar isso. Da mesma maneira que um jornalista português pode cobrir umas eleições em Portugal, apesar de ter uma preferência por algum partido... Eu acho que tudo é uma questão de profissionalismo.

APÊNDICE B – Tabelas da análise qualitativa de cada reportagem analisada

Análise da Reportagem 7/10/2023 | Jornal da Noite (SIC)

Dimensão em análise	Representação
População israelita	- A população é descrita como uma vítima apanhada de surpresa e em estado de choque, uma vez que a sociedade não esperava um ataque do Hamas: <i>“nem nos piores pesadelos, os israelitas imaginavam que algum dia mais de uma centena de membros do braço armado do Hamas conseguiriam infiltrar-se em Israel”</i>; <i>“este era o último cenário que os israelitas podiam conceber”</i>; - Enfatização da excepcionalidade histórica do acontecimento: <i>“nunca se viveu o que se vive hoje em Israel”</i>; - A reportagem destaca a população mais vulnerável: <i>“reféns idosos, mulheres e crianças na sala de jantar do kibutz”</i>;
Governo/ Exército israelitas	O exército é representado como uma força organizada e reativa: <i>“recrutou dezenas de milhares de reservistas e preparou-se para um possível ataque do grupo pró-iraniano Hezbollah”</i>.
Hamas	- Descritos como “milicianos” e “islamistas”; - A peça destaca as ações violentas do grupo: <i>“islamistas provocaram dezenas de mortos e centenas de feridos”</i>; <i>“levaram para a Faixa Palestina dezenas de soldados e civis, entre eles uma jovem que foi exibida nas ruas de Gaza como um troféu, outros eram já cadáveres”</i>; - O objetivo do grupo é: <i>“liderar os territórios palestinos ganhando mais popularidade e impedir um possível acordo de paz entre a Arábia Saudita e Israel”</i>; - Retratado como incitador de uma guerra religiosa entre judeus e muçulmanos: <i>“os líderes do Hamas pediram aos 4 milhões e meio de palestinos da Cisjordânia e aos 2 milhões de árabes-israelitas que se unam à guerra santa para defender a Mesquita de Al Aqsa de Jerusalém e libertar milhares de presos palestinos da prisão israelita”</i>.
Irão / Hezbollah	O Irão surge como força de apoio ao Hamas e ao Hezbollah: <i>“Irão, que apoia o Hamas desde o ponto de vista militar e económico, declarou que se trata de um novo capítulo na luta contra a existência do estado judaico”</i>; <i>“grupo pró-Iraniano Hezbollah”</i>.
Tema: Ataque do Hamas em Israel Espaço Físico: Telavive, Israel	

Análise da Reportagem 8/10/2023 | Jornal da Noite (SIC)

Dimensão em análise	Representação
População israelita	- A população é representada como uma vítima, destacando-se a parte mais vulnerável da população, ou seja, as crianças e os idosos: <i>“mataram e sequestraram crianças e avós que caminham com dificuldade”</i>; - As vítimas são retratadas de forma humanizada, já que é identificado o seu nome e história pessoal: Maya é uma sobrevivente do ataque no festival NOVA; Noa Argmani, de 20 anos, foi levada para Gaza e no vídeo implora que não a matem; e Vivian Silver é uma mulher israelita de 75 anos que está desaparecida, mas dedicou a sua vida a <i>“uma organização de ajuda a mulheres palestianas e beduínas”</i> – a sua história causa empatia e reforça a imagem positiva da população; - É transmitido o desespero das vítimas, por exemplo, Maya diz sentir numa <i>“sensação constante de medo, de ansiedade, de culpa”</i>. Também é mostrado o desespero dos familiares das vítimas, tanto que o filho de Vivian afirma <i>“oxalá, a minha mãe esteja sequestrada em Gaza”</i>; - A peça destaca a excecionalidade histórica do acontecimento: <i>“Em Israel dizem que nenhum país na história mundial viveu jamais uma situação como esta cheia de dilemas éticos”</i>.
População palestina	A representação é breve: as mulheres são retratadas como as <i>“amigas de Gaza”</i>, em referência às amigas de Vivian, que falavam cada uma do <i>“seu lado da barreira”</i> – elemento de humanidade que une os palestinianos e os israelitas.
Exército israelita	- O exército é apresentado como um agente salvador dos israelitas: <i>“a primeira prioridade são os israelitas levados à força para a Faixa”</i>, <i>“a principal prioridade é salvar o máximo de vidas israelitas”</i>; - Retratado como uma força reativa, uma vez que estão <i>“4 divisões preparadas para entrar em Gaza”</i>, naquilo que o jornalista descreve como uma <i>“operação sem precedentes contra o Hamas em Gaza”</i>, reforçando novamente a excecionalidade histórica do acontecimento.
Hamas	- Descritos como “terroristas”; - A peça enfatiza as ações violentas do grupo: <i>“abateram parte dos jovens, violaram algumas mulheres e arrastaram à força para Gaza dezenas de jovens com uma pistola nas cabeças”</i>.
Irão / Hezbollah	O Irão surge, brevemente, como força de apoio e financiador do Hamas, uma vez que um representante deste último surge na peça a agradecer à <i>“Republica Islâmica do Irão que nos deu armas, dinheiro, equipamentos e misseis”</i>.
Tema: Ataque do Hamas em Israel Espaço Físico: Telavive, Israel	

Análise da Reportagem 9/10/2023 | Jornal da Noite (SIC)

Dimensão em análise	Representação
População israelita	• Esta reportagem conta a história de Dorin Atias, uma jovem de 22 anos com passaporte português, que está desaparecida – existe novamente uma história personalizada e humanização da vítima, cujos <i>“sonhos do futuro ficam adiados”</i> devido ao ataque do Hamas; • Esta é representada como uma vítima apanhada de surpresa: <i>“Dorin e sua amiga Yarden já festejavam sem saber o que lhes esperava”</i>, em referência aos ataques no Festival NOVA; • Os jovens que estavam no Festival são retratos como vulneráveis: <i>“260 jovens indefesos foram abatidos”</i>; e como vítimas de uma injustiça: <i>“O seu único pecado foi trabalhar e dançar numa festa”</i>; • O depoimento da mãe da vítima, em lágrimas, ajuda a criar uma imagem empática no telespectador. Para além disso, o uso de expressões como <i>“uma filha linda, excelente miúda. É a pessoa mais bondosa do mundo. É muito bonita e bondosa e tem toda a vida pela frente. Todos estamos destroçados”</i>, acentua a situação de injustiça e espelha o desespero dos familiares (<i>“Os pais estão desesperados”</i>); • A ligação da vítima a Portugal, que possui passaporte português (<i>“A jovem visita regularmente Portugal”</i>) configura um elemento de aproximação ao público português. Para além disso, a mãe da vítima apela diretamente, de olhos na câmara, à ajuda de Portugal (<i>“chamamento por intermédio da SIC à comunidade internacional e ao governo de Portugal”</i>).
Hamas	• Descritos como “guerrilheiros”; • A peça destaca as suas ações violentas: <i>“260 jovens indefesos foram abatidos pelos guerrilheiros do Hamas que chegaram ao lugar em paraquedas e jeeps, no meio de gritos «Alla é grande»”</i>; <i>“dezenas de jovens foram levados à força para Gaza”</i>; • As vítimas israelitas são usadas como instrumentos do Hamas: <i>“escudo humano do Hamas”</i>.
Tema: Ataque do Hamas em Israel Espaço Físico: Ganei Tikva, Israel	

Análise da Reportagem 11/10/2023 | Jornal da Noite (SIC)

Dimensão em análise	Representação
População israelita	• Esta peça conta a história da família Bira, composta pelo pai Oron (52 anos), a mãe Yasmin (51 anos) e as filhas Tair (20 anos) e Tahel (16 anos). Os quatro estão desaparecidos – humanização e personalização de histórias de vítimas israelitas; • A família é representada como uma vítima apanhada de surpresa e de forma vulnerável: <i>“eles estavam a dormir na sua casa no Kibutz Beeri”</i>; • Mais uma vez, existe uma ligação a Portugal: estes são judeus sefarditas que <i>“visitaram Portugal há pouco mais de um mês para receber o passaporte português deste sefardita e pedir a nacionalidade portuguesa para as filhas”</i>. Na reportagem, familiares das vítimas (Batia, irmã de Oron e Dália, irmã de Yasmin) fizeram <i>“um chamamento ao governo de Portugal”</i>, para que as ajudem a recuperar os seus entes queridos; • Uma das familiares compara os acontecimentos de 7 de outubro ao Holocausto: <i>“como se fosse o Holocausto, um medo terrível”</i>; <i>“Parece a época do Holocausto ou do Daesh”</i>; • Ao mesmo tempo que a peça mostra o desespero das famílias, é destacada a resiliência e força do povo israelita que não desiste da terra, através da frase proferida por Dália: <i>“Há 20 anos que são atacados por rockets, mas nunca pensaram sair. Disseram que tinham de ser fortes”</i>. O final da reportagem mostra ainda a esperança deste povo: <i>“Em frente à casa de Dália há um cartaz que diz absolutamente tudo “A esperança vencerá. Enquanto há vida há esperança”</i>”.
Hamas	• Descritos como “terroristas”; • A reportagem destaca a violência extrema do grupo: <i>“100 terroristas do Hamas entraram no kibutz e começaram a disparar contra habitantes de todas as idades”</i>; <i>“queimaram vivas famílias inteiras”</i>.
Tema: Ataque do Hamas em Israel Espaço Físico: Telavive, Israel	

Análise da Reportagem 7/04/2024 | Jornal da Noite (SIC)

Dimensão em análise	Representação
População israelita	- Os civis israelitas, em especial os jovens que se encontravam no Festival, são descritos como vítimas inocentes: “Dos 4000 jovens que dançavam toda a noite numa festa da Natureza no kibutz, 400 foram assassinados a sangue frio”; - É contada a história da família Elyakim: o pai Noam foi ferido na perna e mais tarde assassinado, tal como a mãe Dikla e o filho Tomer. As “duas irmãs mais jovens, Dafna de 15 e Ella de 8, foram sequestradas sozinhas para Gaza”; - A população é descrita como estando sob ameaça constante: “Durante semanas a população israelita vivia ao lado dos refúgios”. No entanto, a sociedade surge unida, mobilizando-se contra uma causa em comum: “o choque sofrido pela sociedade israelita uniu grande parte da população na luta contra o Hamas”; - O trauma israelita é comparado ao 11 de setembro nos Estados Unidos: “maior tragédia da história israelita, cujo significado comparativo seria a morte de 45 mil americanos no atentado de 11 de setembro”.
População palestina	- Os palestinos são descritos como vulneráveis, uma vez que a grande maioria da população se encontra deslocada no próprio território (“população civil palestina foi empurrada do norte da Faixa de Gaza para o sul, sendo construído um campo de refugiados improvisados com 1 400 000 pessoas na cidade de Rafah”). Para além disso, são descritos como desesperados por ajuda, ao ponto de lutarem por um simples alimento (“lutam por cada saco de ajuda humanitária que entra por terra, mar e ar”), estando, também, num estado de pobreza extrema e subnutridos (“no norte de Gaza, a fome pode ser eminente”; “o temor mais sério é a desnutrição entre menores de 5 anos”); - A peça faz referência ao sofrimento da população palestina, que parece não ter fim. A causa desse sofrimento é responsabilidade de Israel e do Hamas: “Em Gaza há centenas de milhares de pessoas que se sentem entre as espadas do Hamas e de Israel e que não veem uma luz ao fim do túnel”; - A população palestina é também representada como apoiantes dos atos do Hamas: “Segundo as sondagens do conhecido sociólogo palestino Dr. Halil Shikaki, 71% da população palestina apoia o massacre de 7 de outubro”; - Frase proferida pelo jornalista: “Gaza que poderia ser um novo Dubai, é cada vez mais parecida à Somália”. Uma afirmação

	semelhante já havia sido proferida pela presidente da Câmara de Jerusalém.
Exército e governo israelita	• O exército é apresentado como uma força reativa e rápida na resposta ao ataque do Hamas: <i>“Israel mobilizou-se para a Guerra contra o Hamas como não acontecia há décadas”</i>. Para além disso, a defesa ainda é vista como muito eficaz e com grande sucesso: <i>“o Hamas lançou milhares de mísseis sobre o território israelita, sendo grande parte deles intercetados pela cúpula de ferro, o sistema antimísseis”</i>; • O contra-ataque israelita e a guerra em Gaza são justificados por um voluntário do exército: <i>“São eles ou nós, se quisermos continuar a viver neste território e estamos determinados a fazê-lo porque os judeus não têm outro local para onde ir. Este é o único local, é a pátria do povo judeu e é o melhor local”</i>; • Os ataques israelitas em Gaza são descritos como uma “operação lançada pelo exército israelita”; • O primeiro-ministro israelita é apresentado com várias críticas por parte dos próprios israelitas: <i>“O primeiro ministro Benjamin Netanyahu, considerado por muitos como o principal responsável pelo massacre de 7 de outubro”</i>; <i>“milhares de pessoas pedem a demissão do líder israelita”</i>. Para além disso, também é visto de forma negativa internacionalmente, uma vez que é <i>“acusado de cometer um genocídio em Gaza”</i>.
Hamas	• Descritos como “terroristas” e “islamistas”; • A reportagem volta a deixar claro o objetivo do Hamas: <i>“arrastar o exército israelita para Gaza depois de 9 anos, tentando abortar o histórico processo de normalização entre a Arábia Saudita e o Estado de Israel. Para o Hamas, assim como para os seus mentores de Teerão, a paz entre o país dos lugares sagrados de Meca e Medina e Israel seria um sacrilégio”</i>; • A peça destaca a violência extrema do grupo: <i>“assassinando, queimando e violando cerca de 1300 pessoas e sequestrando 253 israelitas”</i>; <i>“Homens do Hamas violaram e torturam mulheres israelitas no ataque do 7 de outubro e na atualidade no cativeiro de Gaza”</i>; <i>“cada homem do Hamas tinha uma câmara GoPro quando entraram na casa da família Elyakim, no kibutz Nahal Oz. Feriram Noam na perna e transmitiram por Facebook Live o sequestro ao vivo”</i>; • O Hamas é apresentado como um grupo que não se preocupa com a população de Gaza: <i>“nalguns casos, o Hamas apoderar-se à força dos alimentos e leva-os para os túneis”</i>; Para além disso, ainda é referido que o Hamas se esconde entre os próprios palestinianos: <i>“O Hamas tem uma estratégia permanente de se esconder dentro da população civil ou em tuneis contruídos debaixo de casas, escolas, jardins infantis, escritórios da UNRWA (...), centros de escuteiros e hospitais”</i>;

	A peça descreve o método de atuação do grupo, através dos túneis construídos em Gaza: <i>“túneis de Gaza, que o Hamas construiu durante anos”; “centenas de quilômetros subterrâneos - mais do que o metro de Londres - com um orçamento de bilhões de dólares”</i>.
Autoridade Palestina	A AP é retratada como uma eventual solução para o problema governativo de Gaza: <i>“o objetivo norte-americano seria que a Autoridade Palestina reformada, controlasse futuramente a Faixa administrada pelo Hamas”</i>. Porém, também é entendida como um partido que não se afasta completamente do Hamas, já que <i>“o destacado ministro para temas religiosos e assessor do presidente palestino (...) desmente a existência de violações”</i>.
Irão / Hezbollah	O Irão surge apenas como força de apoio ao Hamas: <i>“operação preparada durante anos no máximo segredo em Gaza e no Irão”</i>.
Linguagem emocional	<i>“assassinados a sangue frio”; “atentado”; “massacre”; “tragédia”; “portas do inferno”</i>
Tema: 6 meses do ataque em Israel e situação em Gaza Espaço Físico: Nir Oz, Israel e Ramala, Cisjordânia	

Dimensão em análise	Representação
População israelita	A população está à espera de um ataque iminente do Irão, tentando proteger-se como pode: <i>“muitos israelitas lançam-se sobre os supermercados para comprar reservas alimentares de emergência, água, lanternas e até rádios transistorizados que funcionam com pilhas”</i>;
Exército e governo israelitas	- O exército é representado como uma força organizada e reativa na preparação para a guerra com o Irão: <i>“a força aérea levou a cabo uma simulação do ataque contra o Irão”</i>; - É apresentado o apoio internacional dos EUA a Israel: <i>“O presidente, Joe Biden, anunciou que no caso de um ataque iraniano, os Estados Unidos apoiariam Israel na defesa e também no seu contra-ataque no Irão”</i>.
Irão / Hezbollah	- O Irão surge como coordenador de grupos anti-Israel: <i>“O General Mohammad Reza Zahedi, que estava no consulado do Irão em Damasco, dirigia todas as forças militares iranianas e pró-iranianas que cercam Israel, na Síria, no Iraque, Iémen, Gaza e o grupo Hezbollah, no Líbano”</i>. Esse ódio a Israel é visível na propaganda iraniana: <i>“Nas ruas de Teerão pode se ver cartazes em inglês e hebraico que prometem vingança contra Israel”</i>. A retórica de ameaça também é visível no Hezbollah: <i>“Saibam todos que a resposta do Irão ao ataque israelita em Damasco será contra o território de Israel”</i>- frase proferida por Nasrallah, líder do grupo; - É ainda descrito que o Irão sempre atacou Israel através do método por procuração, isto é, através de outros grupos: <i>“Nos últimos 250 anos, os persas nunca lutaram diretamente fora do seu território e usaram sempre intermediários, ou seja, proxies. Até hoje o Irão preferiu a guerra por procuração”</i>. No entanto, agora teme-se que o Irão lance um ataque sob Israel: <i>“o temor é que pela primeira vez na história, o governo iraniano ordene lançar mísseis balísticos e drones ofensivos sobre o Estado judaico”</i>.
Tema: Guerra Israel - Irão Espaço Físico: Ramat Hasharon, Israel	

Dimensão em análise	Representação
População israelita	- A população escondeu-se para se proteger dos ataques iranianos: <i>“milhões de israelitas protegeram-se nos refúgios, ouvindo explosões sem precedentes”</i>. Apesar disso, é visível que já estão habituados, reforçando a ideia que estão constantemente sob ataque: <i>“Estamos habituados à guerra”</i>, diz um civil israelita; <i>“Uma menina de 7 anos”</i> terá sido a <i>“a única ferida grave pelos estilhaços”</i>. A idade mostra, mais uma vez, a vulnerabilidade da vítima.
Exército e governo israelita	- O Exército e a defesa israelita são representadas como bem sucedidas na defesa do país e com uma tecnologia avançada que merece até ser estudada: <i>“Em Israel fala-se de um êxito tecnológico sem precedentes na história das guerras. 99% dos mísseis balísticos e dos drones suicidas foram interceitados pelos sistemas de defesa aérea israelitas, a Cúpula de Ferro”</i>; <i>“A administração norte-americana diz que Israel conseguiu uma grande vitória e que o Irão falhou política e estrategicamente. Governos europeus e do mundo árabe enviam mensagens discretas a Israel segundo as quais esta foi uma noite histórica. O presidente Joe Biden, que falou com o primeiro ministro Benjamin Netanyahu, disse-lhe que o sucesso da força aérea israelita será estudado nas escolas militares do futuro”</i>; - O ataque em Damasco é descrito como uma “operação israelita”.
Irão / Hezbollah	- O Irão é representado como uma clara ameaça a Israel: <i>“O objetivo declarado do governo de Teerão é superar os sistemas de defesa antimísseis e os F-35 israelitas e explodir no território do estado judaico”</i>. O Irão deixa, assim, a guerra por procuração e ataca Israel: <i>“Primeira vez na história que o Irão ataca diretamente o Estado judaico, que quer varrer do mapa há décadas.”</i>; - O Irão ainda é apresentado como coordenador de grupos anti-Israel: <i>“Zahedi coordenava todas as milícias pró-iranianas que tentam atacar Israel, desde o Líbano, Síria, Iraque, Iémen, Gaza”</i>.
Tema: Guerra Israel - Irão Espaço Físico: Telavive, Israel	

Análise da Reportagem 7/10/2024 | Jornal da Noite (SIC)

Dimensão em análise	Representação
População israelita	- Nesta reportagem, mais uma vez, os israelitas são representados como vítimas apanhadas de surpresa e num estado vulnerável: <i>“No kibutz Nir Oz, por exemplo, mais de um quarto da população foi morta ou levada à força para Gaza, quando muitos ainda estavam de pijama”</i>; <i>“77 pessoas foram sequestradas para Gaza, levadas à força em pijama, sem sapatos, descalços, sem óculos, sem absolutamente nada. Levadas das suas casas.”</i>; - Esta reportagem conta a história de várias vítimas israelitas: Dolev, de 30 anos, <i>“era enfermeiro e quando percebeu que o kibutz estava a ser atacado, foi ajudar os membros da comunidade que tentavam defender-se”</i>. A sua mulher, Sigal, e os três filhos ficaram no abrigo e conseguiram sobreviver. O pai da esposa de Dolev conta, na reportagem, que a sua filha <i>“deu à luz nove dias depois de o Dolev ter desaparecido”</i>. Também a irmã de Dolev, Arbel, foi sequestrada com o namorado, Ariel, para Gaza; - Outra história contada na reportagem foi a da família Simantov: Tamar e o marido Yonatan, ambos com 36 anos, tinham três filhos e morreram todos no kibutz Nir Oz. Os pais morreram primeiro e as <i>“três crianças estavam ali impotentes enquanto os pais estavam a morrer. Tiveram que esperar horas até chegarem as forças de resgate. E quando chegaram as três crianças já tinham morrido asfixiadas”</i>. A imagem brutal é adensada pela idade e vulnerabilidade das crianças; - É mostrado o desespero dos familiares das vítimas, que preferem acreditar que os entes queridos tenham sido raptados do que mortos: <i>“Ironicamente a esperança da família era que tivesse sido sequestrado para Gaza”</i>, em referência a Dolev; - Os israelitas são descritos como uma população boa e pacífica: <i>“Em 22 povoações da fronteira de Gaza, (vive) a população mais pacífica de Israel”</i>; - O ataque de 7 de outubro é entendido como um trauma nacional comparado ao Holocausto: <i>“o dia mais negro da história de Israel e do povo judeu desde o Holocausto”</i>.
População palestina	Os palestinianos são referidos de forma vaga e impessoal, já que são apenas um número, número esse que nem se quer é exato: <i>“uma operação militar israelita que destruiu parcialmente 60% das casas de Gaza e provocou a morte de 18 mil homens do Hamas e dezenas de milhares de civis”</i>.
Exército israelita	Os ataques em Gaza são descritos como uma “operação militar israelita”.

Hamas	• Descritos como “terroristas”; • A reportagem destaca as suas ações violentas do grupo: “missão de matar, queimar, saquear e sequestrar israelitas”; “muitas jovens foram violadas pelos terroristas e várias dezenas foram levadas à força para os túneis de Gaza”; “alguns dos reféns que voltaram dizem que houve muitos abusos sexuais e violações de mulheres e de homens, por vezes quando os homens as acompanhavam à casa de banho”.
Irão / Hezbollah	• O Irão representado como orquestrador da guerra: “tudo orquestrado pelo Irão”; • O Hezbollah é representado como um “aliado do Hamas”.
Linguagem emocional	• “sábado negro”; “dia mais negro”, “sangue frio”
Tema: Aniversário do ataque do Hamas em Israel Espaço Físico: Telavive e Kibutz Nir Oz, Israel	